DIGRESSÕES E NOVELLAS

DIGRESSÕES

E

NOVELLAS

POR

BULHÃO PATO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110

1864

ADVERTENCIA

Os dois *romancinhos*, Mathilde e o Vento do Levante, que apparecem no começo d'este volume, foram a minha primeira tentativa em prosa. Tinha 19 annos quando os escrevi e publiquei no jornal a *Semana*, de que era director e redactor o meu bom amigo Silva Tullio, sem duvida um dos mais correctos e elegantes prosadores da nossa lingua.

O resto do presente livro compõe-se de algumas descripções de viagem e de breves narrativas, escriptas ha bastantes annos tambem, e publicadas nas folhas volantes dos jornaes diarios.

Eu, que não sou deputado, nem conselheiro, nem ministro, nem par do reino, nem escriptor politico, nem democrata façanhoso, nem republicano — moço-fidalgo — vejo-me infelizmente compellido a procurar meios de subsistencia na vida das letras que é bem triste em toda a parte.

Eis a razão porque vou compillar em volume, opusculos que andavam dispersos, alguns em folhas hebdomadarias, e a maior parte d'elles nos folhetins dos jornaes politicos.

A edade que eu tinha então e a rapidez com que foram traçadas, explicam os erros de instructura e de estilo, que o leitor por certo encontrará n'estas modestas composições.

Todavia se, por uma ou outra passagem menos infeliz, o publico acolher com benevolencia este livro, animar-me-hei a apresentar-lhe outros que já estão promptos ou quasi promptos para entrarem no prelo.

Janeiro 25 de 1864.

BULHÃO PATO.

Sir John

I

(MATHILDE)

Sempre tive a mania de viajar. Se Deus me houvesse concedido a fortuna de algum lord *spleenatico*, havia de gastal-a por esse mundo contemplando as ruinas da Grecia, os graciosos despenhadeiros da Suissa, o céo azul-escuro de Contantinopola, os arredondados capiteis de S. Pedro em Roma, as *madonas* de Raphael, e as encantadas virgens de Millo.

Como não a tenho, resigno-me a passear, de fraque e chapéo redondo, pelas interminaveis calçadas d'esta cidade.

Logo, porém, que apparece ensejo favoravel ahi estou eu decidido a caminhar, embora tenha de soffrer as estalagens da nossa terra e de affrontar com as nossas deploraveis estradas.

Quanto mais transpor a barra e sentir-me embalado pelas ondas do oceano!

No verão passado tratava-se de uma viagem; era curta, não passavamos dos nossos dominios; mas andavam-se algumas leguas do Atlantico, respirava-se outro ar e via-se outra natureza.

Excitaram-me as perigosas seducções de um amigo e parti para a Madeira.

Se ha clima no mundo que faça sentir bem a deliciosa significação do *dolce far niente*, é por certo aquelle.

Em dezembro, quando o norte agudo nos traspassa até a medulla dos ossos em Portugal, ali abre-se pela alta noite uma janella, e passam-se horas inteiras com um bom charuto, aspirando a brisa, que vem fresca e impregnada no perfume das plantas que viçam em continua primavera.

Ali a *magnolia* cresce ao lado da arvore da Europa que se acurva, no verão, cedendo ao peso dos seus thesouros.

Nos primeiros dias do aprasivel outono achava-me na quinta do meu amigo C. de C., a mais rica e mais bella das propriedades de recreio na Madeira.

Dois inglezes vieram tambem passar comnosco uma temporada ali. Eram dois legitimos filhos da Gran-Bretanha, Cabello encarnado, perna longa, olho azul, pescoço esguio e emparedado entre os colleirinhos.

Um d'elles tinha infelizmente sympathisado commigo. Eu estava ainda convalescente de uma longa e penosa doença e o maldito entendeu que devia matar-me usando da sua atroz hygiene.

Uma tarde chegou-se a mim e disse-me, com aquelle pronunciado assento que atraiçoa os filhos da nossa constante e fiel alliada, por mais corretamente que fallem qualquer lingua!

— Quer vir dar um passeio commigo? Hoje não temos nevoa na serra, deve-lhe fazer bem.

Hesitei primeiro, receiando ter de passar tres ou quatro horas sem abrir a bocca, mas por fim resignei-me para escapar a outro supplicio maior. Montámos a cavallo e partimos juntos.

De manhã tinham caido alguns aguaceiros fortes, e succedera-lhes uma fresca brisa do norte que dissipara os vapores levantados da terra, purificando totalmente a atmosphera; de modo, que, fóra do que ordinariamente acontece, as serras, des-

toucadas de nuvens, recortavam-se no firmamento purissimo.

Transpozemos o portal da quinta, e tomámos sobre a direita. Não sei que haja nada mais agradavel no mundo, do que uma bella tarde de outono, no meio daquella robusta e esplendida natureza.

Com a chuva que viera abundante, mas rápida, do terreno e das plantas elevava-se um cheiro forte e acre, que excitava os sentidos e desafogava os pulmões.

O inglez olhou duas vezes para mim, sem dizer palavra, mas com gesto de quem se applaudia intimamente.

Eu confesso que estava em plena inspiração; tive tentações de me apear do cavallo e principiar a fazer versos. Retive-me com vergonha do meu amigo. Passavam-me pela imaginação mulheres pállidas, com os braços nús, o seio palpitante, os olhos humidos de lagrimas, que se derramam á lembrança de prazeres sonhados.

Ao inglez duvido que acontecesse o mesmo, mas não estava tambem no seu estado normal. Brilhavam-lhe mais os olhos, e chegava de quando em

quando as pernas á sua finissima egoa americana, que saltava como uma gazella.

De repente sentimos no chão o batido e rápido galope de um cavallo. Voltei-me, e vi um véo fluctuando ao vento e a elegante figura de uma mulher que passára.

Sir John grunhiu o que quer que fosse, que eu, na minha profunda ignorancia da sua lingua materna, traduzi por *boas tardes*, e desappareceu como um relampago.

D'ali a momentos vi-o ao pé de mim com uma mulher desmaiada nos braços.

Cuidei que alguma vertigem me tinha deslumbrado. Apeei-me instinctivamente; abri bem os olhos, e fiquei sem poder articular palavra.

O criado chegava a esse tempo, trazendo de redea os dois cavallos. Soube então por elle o que fôra. A egua em que vinha montada aquella como visão que eu vira, tinha-se desbocado. Sir John conhecera-o, e como?... como não sei eu, mas conseguiu salval-a.

O desmaio era apenas de susto; a pallida flor das margens do Tamisa principiou a tornar á vida.

Derramou-se-lhe então pelas faces uma leve tinta

como a que illumina a nuvem branca e transparente, quando um raio de sol no occaso lhe bate esmorecido.

Instantes depois estremeceram-lhe as longas e assedadas pestanas, descerrando-se para deixarem ver uns desses olhos que reflectem a luz tão intensa que traspassa até ao mais intimo da alma. Em seguida cravaram-se languidos e requebrados nos de sir John, que, a este expressivo e adoravel gesto, respondeu com outro grunhido, que eu provavelmente traduziria tão bem como o primeiro.

Dirigi-me depois a ella, e perguntei-lhe em francez, como estava. Respondeu-me que bem, que havia sido meramente susto, graças á promptidão com que sir John lhe acudira. Isto proferido no mais puro e elegante *parisiense*. Depois esvoaçaram-lhe pelos labios outras palavras que ninguem diria serem pronunciadas naquella *engasgada* lingua dos nossos amigos inglezes.

Oh! formosura! formosura! Quanto pódes tu, que até os desafinados e impossiveis sons d'esse arrevesado idioma se convertem em suave e melodiosa cadencia quando passam pela tua bocca de rosa.

A ingleza recuperára progressivamente o alento, e decidira-se a caminhar a pé, apoiada no braço do nosso immortal sir John.

Eu confesso que olhava de revez para elle, horrivelmente despeitado, por não ter sido o heroe daquella aventura. E o maldito via com incrivel sangue frio aquelle rosto de anjo enquadrado nas madeixas finas e anneladas do cabello loiro cendrado, sentia a delicada impressão daquelle braço que se firmava tremulo no seu, e não estremecia elle! Sobpesava aquelle corpo esbelto e flexivel como a haste tenra de arbusto novo e não empallidecêra e não lhe refluira o sangue todo ao coração!

Oh! descrido e fleugmatico sir John! Quando a ti e aos teus concedeu o Todo Poderoso a mais perfeita raça feminina que tem havido depois da nossa mãe Eva, não comprehendo sinceramente o que fez.

Chegando ao fim da alameda que ia bater na estrada real, demos de frente com uma casinha de campo avançada por um pequeno jardim e situada em excellente posição.

Era um *cottage* como ha tantos na Madeira, confortavel e elegante, dos que os inglezes costumam

tomar para passarem os mezes que residem n'aquella terra.

A porta de ferro abriu-se, e a joven senhora, a quem já sir John havia feito a minha apresentação, nas imprescriptiveis formulas do estylo, convidou-me a descançar. Desculpámo-nos promettendo voltar no dia seguinte e continuámos o nosso interrompido passeio.

Fui eu o primeiro a quebrar o silencio.

—Esta senhora é casada?

—Não; mas vae sel-o em breve.

Fiquei desapontado. Sente-se sempre o que quer que seja desagradavel, quando sabemos que uma mulher bonita está nas vesperas de pertencer a outro.

—E diga-me, conhece o noivo?

—Perfeitamente; é um bello moço e amam-se os dois com extremo.

D'esta vez fiquei desapontadissimo. Cortei o dialogo e accendi o charuto. Sir John tirou a sua cigarreira, pediu-me lume, e principiou a saborear as narcoticas fumaças de um optimo *manilha*.

Aquelle céo desassombrado e azul-ferrete como o de Malta; aquellas serras altivas e luxuriantes, que o sol quasi no occaso accidentava de carrega-

das sombras; o oceano que se descobria brilhando em fortes cambiantes de luz; a imagem d'aquella mulher que passára rapida por diante de mim, que depois vira desmaiada e encantadora como as delicadas virgens de Guido, tudo isto fazia com que me corresse o sangue desordenado pelas veias, e me estremecessem as arcadas do peito ao bater convulso do coração.

Sir John foi quem d'esta vez rompeu o dialogo.

—Então que lhe parece esta formosura do meu paiz?

—Adoravel. É raro encontrar-se uma physionomia d'estas, tão regular e tão expressiva ao mesmo tempo. É um typo acabado da belleza do norte, que é o mais perfeito, o mais gentil de todos os typos.

—Julga isso? Pois não quer antes as hespanholas? Tem mais fogo nos olhos, mais vivacidade nos gestos, mais ardor no sangue.

—Póde ser tudo assim, mas eu prefiro o porte modesto e recatado, a angelica e melancolica physionomia de uma ingleza, aos meneios provocadores, á travêssa e chistosa cara de uma andaluza.

—Dispense-me, mas não tem bom gosto. Ha muito mais vida no brilho de uns olhos negros.

—E mais paixão, mais ardor talvez na temparada chamma dos azues.

—Não admira, o meu amigo é poeta, vive exclusivamente nas afastadas regiões do sentimento. Eu não. Prefiro o contacto de uns labios abrazados e o fuzilar de uns olhos provocadores.

—Pois está perfeitamente enganado. Isso que os homens nascidos sob o céo nublado e frio da sua patria sentem ao approximarem-se das mulheres do meio dia, succede-nos a nós quando nos vemos ao pé das mulheres do norte. Não sabe que é nos seios da neve que lavra a chamma mais intensa e ardente?

—Sempre com imagens arrojadas, e pensamentos poeticos. Ora vamos, diga-me, parece-me que lhe fez impressão aquella senhora.

—A que costuma fazer sempre a vista de uma mulher bonita.

—Mas imagine que ella se apaixonava pelo meu amigo?

—Apaixonava-me eu tambem por ella; que tem isso de singular?

—Nada; mas não lhe acontecia tal. Os poetas são assim; a passageira impressão de um momento exprimem-n'a em verso heroico e passa á posteridade

como documento de um affecto devorador e eterno. Pois acredita porventura que Eleonora, Beatriz e Laura foram para os tres poetas o que nos apregôa por ahi a historia? Engana-se de meio a meio. Não tem visto os mais recentes? Byron, por exemplo, morreu de trinta e tantos annos, e teve mais de oitenta e tantas paixões; o que vem a dar quasi duas paixões e meia por anno.

— Diga-me, sir John, declara-se esta tarde em veia epygrammatica? Perguntei-lhe eu um pouco despeitado.

— Não, meu caro amigo; digo-lhe as coisas como as sente um homem que encara a vida pelo lado positivo.

N'este momento entravamos o portal da quinta. Olhos negros e olhos azues, metaphysicas do sentimento, e dissertações de scepticismo, tudo nos esqueceu à voz do criado que chamava para o jantar.

II

No dia seguinte ainda os primeiros esplendores do sol vinham na casa de Christo, já sir John invadia o meu quarto, cantarolando o *God save the king!*

Levantei-me immediatamente e decidi-me a acompanhar o meu verdugo com resignação evangelica.

O inglez saiu a porta da casa, e entrou d'ali a momentos, trazendo um copo d'agua na mão.

—Beba, disse elle; o meu amigo é extremamente nervoso, e o systema hydropathico é o unico capaz de o salvar.

D'esta vez a minha indignação ia excedendo os limites da decencia; estive a ponto de lhe dar com o copo na cara.

—Uma chicara de café! bradei ao criado, que me olhava com um sorriso de compaixão impossivel de descrever.

—Café! redarguiu o inhabalavel sir John. Sabe o que faz! Olhe que se mata, que não vive mais um anno se continua assim!

Empunhei o copo, fechei os olhos, bebi de dois tragos aquella enorme quantidade de agua.

—*All right!* exclamou o maldito.

Eu medi-o de alto abaixo, e tratei de reprimir a colera que me suffocava.

Saimos, e com effeito vinha rompendo uma esplendida alvorada.

—Que aprazivel logar este! disse o inglez depois

de haver caminhado uma hora em silencio. Sentemo-nos aqui, e indicou-me um talho de relva que ficava a poucos passos. Lembra-se do que fallámos hontem á noite? que ninguem comprehende ás mulheres? Quero-lhe contar a proposito d'isso uma historia; passa-se em Portugal: é um verdadeiro drama, e talvez que o meu amigo conhecesse o protognista.

Principiava a tomar alento para lhe responder, quando elle me agarrou fortemente no braço, e me obrigou a sentar n'aquelle delicioso recosto.

Deitei-lhe por duas vezes uns olhos de piedade, mas a minha supplica ainda não foi attendida. Era forçoso resignar-me. A orvalhada da noite tinha encharcado a relva basta e florida. Quando cheguei áquelle macio sofá de Flora, os joelhos fraquejaram-me, correu-me um calafrio pela medulla dos ossos, e recommendei os effeitos da inevitavel catarrhal á sciencia, e cuidado do meu doutor. Com a palma da mão firmada em terra, e os calcanhares estacados no chão, sobpesava o corpo para o livrar assim, o mais que podesse, do pernicioso contacto das *perolas matutinas*.

Sir John fallou muito tempo, mas eu não ouvi

nada, excepto a voz do criado, que veio arrancar-me ás garras de meu verdugo, chamando para o almoço.

III

Dias depois, uma noite em que a chuva caía em torrentes, em que o vento tempestuoso se precipitava do alto das serras e ia revolver as ondas tôrvas do oceano, estavamos nós, depois de jantar, sentados á roda do fogão acceso, e saboreavamos na melhor disposição de espirito, o delicioso café da Madeira.

Varios dos circumstantes, inimigos capitaes da « organisação do trabalho », animavam o dialogo com ditos picantes e discutiam o proximo com uma singeleza de estylo admiravel.

Tinha a palavra um meu particular amigo, e fazia passar em revista a vida de Lisboa com a finura e tacto artistico que o caracterisam.

Eu recordava-me saudosamente da patria, tinha diante dos olhos palpitantes e coloridas as scenas e os personagens que se desenhavam, graças á elegante narrativa do verdadeiro e conciso historiador.

A conversação variava de aspecto insensivelmente, e por fim caira no sentimentalismo puro.

Fallava-se de Portugal. Bom ensejo para continuar a narração do nosso amavel companheiro; era lá que a scena se passava e era tambem quanto me lembrava do que me havia sido contado n'aquella fatal manhã.

Fui eu o primeiro a dar rebate; levava n'isto um pensamento reservado que tu por certo, leitor benevolo, adivinhas.

Instaram todos e cedeu facil o genio sociavel do nosso amigo.

Estreitou-se mais o circulo, renovou-se o lume, a historia começou.

Tenho pena de não a poder transcrever aqui, com a simples elegancia com que nos foi contada.

Sir John recostou-se na sua cadeira, tirou duas longas fumaças, sacudiu depois a cinza com a ponta do dedo minimo e principiou a olhar para a columna aspiral de fumo azul que se condensava no ar humido e frio.

«Eugenio, disse elle, era quasi uma creança quando eu pela primeira vez o vi. Nunca me ficaram feições de homem tão gravadas na imaginação como aquellas. E não era o que chamam bonito, o que em geral alcunham de elegante e perfeito. Antes pelo con-

trario, se o quizessem afferir pela vara legal do janota perfumado e encaracolado, faltavam-lhe todas as condições que requer a arte.

Era alto, proporcionado e agil. Os mais pequenos gestos, os ademanes mais rasgados, não os estudava nunca, caiam-lhe sempre faceis e elegantes.

Eu gostava d'elle por uma d'essas attrações irresistiveis que se não podem explicar.

Remoçavam-me a alma as illusões, os sonhos encantados da sua elevada imaginação; mas experimentava, quando o via enthusiasmar-se e confiar cego no mundo, uma compaixão involuntaria que me predizia toda a fatalidade do destino que mais tarde o esperava.

Não lh'o disse nunca, não tentei desbotar-lhe nenhuma das suas esperanças. Elle ia despenhar-se, antevi-o desde o primeiro momento que o vi; mas a queda era inevitavel, apontar-lh'a, seria tornal-o mais infeliz.

Eugenio perdera sua mãe no dia em que viera ao mundo, e seu pae quatro annos depois. Orphão, ficara entregue aos cuidados de um tio, que lhe administrava religiosamente a sua fortuna. Este homem tinha uma filha pouco mais moça que seu so-

brinho, e era um fidalgo de velha raça. No dia em que Eugenio cumpriu dezoito annos, o visconde chamou-o de tarde ao seu quarto, teve com elle uma longa conferencia, que terminou entregando-lhe uma carta que seu pae lhe havia confiado nas vesperas de morrer. Entre outras coisas, um dos periodos d'essa longa missiva recommendava-lhe, que, a casar-se, escolhesse por mulher a filha unica do seu adorado irmão.

Pouco tempo depois um accidente inesperado fez com que elle perdesse toda a sua consideravel riqueza; ficava-lhe comtudo de que viver desafogadamente. Este golpe não lhe fez a minima impressão; encontrei-o alegre como de antes, o mesmo sorriso de franqueza nos labios, o mesmo olhar cheio de fogo e de confiança no futuro.

Decorreram dois mezes, no fim dos quaes fui convidado a passar uma noite em casa do visconde.

Tinha-se juntado o mundo elegante. Entrei eram onze da noite. O visconde foi apresentar-me a sua filha.

Que gentil e adoravel creatura aquella! Raphael quando imaginava a sua *madona de la sedia*, não sonhou por certo formas mais castas e mais volup-

tuosas ao mesmo tempo do que eram aquellas. O cabello castanho, tão escuro que tocava quasi em preto fazia resaltar o branco-perola da epiderme, que se illuminava de um desvanecido côr de rosa. Os olhos em singular contraste com o cabello, eram azues; azues purissimos, e languidos como os da gazella. Em Londres nunca os eu vi tão de lei como aquelles. Quando o pudor os baixava, então a sombra das pestanas escurecia-os por modo tal que pareciam pretos. E eu sei? Creio que é propriedade d'elles quando são assim.—Disse sir John trocando um sorriso de intelligencia commigo.—Variam de côr segundo as sensações do espirito, por isso exprimem mais do que os outros.

Vendo-a vestida de branco, sem outro adorno além de um cinto preto e uma camellia côr de rosa no peito, recordei-me que já me tinha apparecido em sonhos alguma coisa similhante.

Tocou-se uma *contradança;* Mathilde estava *engajada*, e foi dançar. Retirei-me ás outras salas para ver se encontrava Eugenio; o mancebo não tinha chegado ainda. Encostei-me ao umbral de uma porta, e lembrei-me d'elle contemplando a angelica figura de sua prima. Pensava em que deviam amar-se os

dois. As feições severamente accentuadas d'aquelle moço, e ao mesmo tempo cheias de toda a mobilidade que lhe davam as sensações do seu elevado espirito, ao pé da belleza casta e das delicadas fórmas da donzella, deviam mais tarde, quando um vivo amor os illuminasse a ambos, formar um d'esses quadros que estuda o pincel dos grandes mestres.

Veio arrancar-me d'este vago imaginar um amigo, que me bateu no hombro. Era T.... que tambem conhecem.

—Perde o tempo, meu caro sir John; aquella virgem de olho azul e corpo de anjo vae casar-se dentro de pouco com um provinciano gordo, tolo, e gago. Disse-me elle com a mistura de ironia e affabilidade que tem na voz.

—Não entendo, diga-me primeiro a quem se refere.

—Ora vamos, á filha do visconde que está dançando aqui defronte de nós.

—Pois vae casar-se?

—Ainda agora o sabe? Desde que o outro primo perdeu a riqueza, o pae revendo a arvore da geração, encontrou que a este trasmontano é que pertencia directamente a mão de sua filha.

—Mas isso é uma infamia sem nome. E se ella amar Eugenio, como é de suppor que a estas horas já se amem loucamente os dois?

—Que importa isso? Não sabe que vinte contos de réis annuaes, e um titulo qualquer, são balsamo para curar toda a ferida que tenha feito o deus do amor? Proseguiu T.... ironicamente.

N'esse instante acabou a *contradança*, o visconde chegou-se a mim, e disse-me:

—Quero apresentar-lhe o meu futuro genro. É filho do sr. D.... o meu mais intimo e velho amigo. Ao dar-m'o-nos a mão, aquelle ridiculo personagem gaguejou um esquerdo cumprimento, e desappareceu felizmente.

N'esse momento a bella figura de Eugenio appareceu no limiar de uma das portas.

N'essa noite a sua physionomia estava mais insinuante ainda que de ordinario. Os cabellos e olhos negros destacavam na pallidez do rosto, transtornado por uma primeira e forte luta de espirito.

Correu a sala sem reparar particularmente em ninguem, nem na prima que estava tão linda, e que lhe adejou um sorriso de alegria pelos labios assim que o viu entrar.

— Então, Eugenio, é d'esse modo que se costumam tratar os amigos? Ha um seculo que não apparece. Que fez dos planos? Onde estão os seus projectos? Disse-lhe eu ralhando com elle amigavelmente.

Sorriu-se, e respondeu-me que desejava fallar-me. Dei-lhe o braço, e descemos até o jardim.

— Sabe que minha prima vae casar-se, que meu tio se chegou a mim ha dias, e me disse: que devia sair de casa, porque o mundo podia levar a mal que eu, um homem, estivesse vivendo ao pé de sua filha que estava já uma senhora. Comprehende o que vae de infame n'isto? Elle que ha pouco tempo quasi que me fallava directamente em idéas de casamento, e agora com a perda da minha fortuna descobre-se assim, revela sem pudor toda a miseria da sua alma!

A voz saía-lhe abafada do peito e mal se lhe articulavam as palavras nos labios convulsos pela indignação.

— Ella, sua prima, consente definitivamente no casamento?

— Porque não? Foi a primeira a dizer-m'o com a mesma singeleza com que me confiava de antes os seus segredos de creança.

— E vamos, Eugenio, confessou-lhe que a amava?

—Eu? disse elle estremecendo de ouvir estas palavras, eu não podia confessar-lhe o que não sinto por ella.

Entendi o despeito que pretendia encobrir aquelle amor, que acordara energico e ardente, assim que a mão da infelicidade o tocara.

Calámo-nos, e no fim de um quarto de hora subimos outra vez para a sala.

Tocava-se uma *walsa*. Mathilde perguntou a Eugenio se não dançava. Elle respondeu-lhe que não. —Nem commigo? Disse-lhe a prima com um som de voz irresistivel. O mancebo empallideceu, deu-lhe o braço, e entraram ambos na casa do baile.

Que duas gentis figuras aquellas! Ella mal tocava o chão com os dois pequenos pés de fada; elle leva-a ao som da cadencia vertiginosa e languida ao mesmo tempo. Contemplando-os, tinha-me esquecido de tudo e cuidava ver diante dos olhos *Amaury* e *Magdalena*, volteando ebrios de amor e de ventura, ao som d'aquella melancolica valsa de *Keber*.

Mas assim como esse encanto se quebra para o mancebo que acorda de repente, sobpesando nos braços o corpo inanimado de sua amante, assim tambem por modo diverso acordei eu d'este vago

esvoaçar do pensamento para as regiões ideaes, vendo passar por defronte de mim a rotunda figura do abastado provinciano.

A musica cessara, e Eugenio conduziu Mathilde ao seu logar.

Todo o resto d'aquella noite pensei em caminhos de ferro, nos productos da «exposição», e n'essa linha de vaporès que vae estabelecer-se entre os portos de Inglaterra e o Rio de Janeiro.

Sir John parou aqui abrindo convulsivamente a bocca, soprando e sacudindo fortemente os dedos; o charuto, que estava nos ultimos paroxismos, tinha-lhe escaldado os beiços.

A historia suspendeu-se por algum tempo, e o dialogo principiou sobre ella.

— Essa Mathilde por fim sempre casa? Disse um dos circumstantes, abrindo desmedidamente a bocca.

— Não, mata-se, respondeu outro que tinha escutado tudo sem pestanejar.

— Crês isso, minha fabrica ambulante de sentimentalismo da primeira sorte, redarguiu um terceiro, que era sceptico como um philosopho do seculo dezoito.

— *Ies*, respondeu um inglez que não tinha enten-

dido uma palavra, mas que não costumava deitar-se sem fazer o gasto de tres d'estas affirmativas.

O resto, a continuação, pediram todos a sir John, que tinha aproveitado este intervallo lucido, para pedir ao criado uma taça com *cognac*, agua quente e assucar, e que elle mesmo adubava cuidadosamente de canella e *noz moscada*.

—Vou abrir capitulo, disse o inglez apagando as labaredas furta-côres da deliciosa bebida, e enchendo os copos que tinha defronte.

Nós principiámos a elogial-o pelo seu duplo talento de historiador e copeiro.

Sir John accendeu voluptuosamente o segundo charuto e proseguiu:

—Vamos entrar no perfumado mez de abril. Mathilde está no campo, n'um dos sitios mais pittorescos dos arrabaldes da cidade, pallida como um lyrio, e fresca como a corrente que o rega. Eugenio com praça assente na marinha, e decidido a partir, seja para onde fôr, no primeiro navio que se fizer de vella.

É facil de explicar esta repentina mudança. O mancebo não tinha nunca visto os olhos azues, e a encantadora figura de sua prima, senão n'essa noite de baile em que nós acabamos de a ver agora. Não

se admirem d'isto; o amor tem d'estas extravagancias. Occulta-se ás vezes por modo tal nas entranhas de um pobre homem que decorre largo tempo sem que elle o conheça. Apodera-se-lhe então traiçoeiramente da vida, toma forças disfarçado n'outro sentimento, e chega um dia, uma hora, em que lhe descobre todo o poder que já tem em si.

Foi isto o que aconteceu a Eugenio. O affecto de irmão que sentia em creança por ella, variava insensivelmente com a edade, e dormia-lhe no fundo da alma sem elle o perceber. Assim que o primeiro sopro da paixão o sacudira, agitou-se, revolvendo energico e violento, todos os poderes do coração.

Que lhe restava senão desapparecer, para que o seu orgulho não soffresse diante de um rival parvo, mas vencedor?

Não me hei de esquecer nunca da expressão solemne que tinha aquelle rosto ungido pela dôr, no momento em que me separei d'elle. Quando me disse que em breve nos tornariamos a ver, bailaram-lhe nos olhos negros duas lagrimas, e esvoaçou-lhe pelos labios um sorriso de duvida.

Eugenio foi despedir-se de Mathilde na vespera da partida.

Era ao cair de uma d'essas tardes de abril, perfumadas e serenas, em que o ceo desassombrado de Portugal, se espelha nas aguas transparentes do Tejo, em que a brisa fresca refrigera o sangue e alenta a vida; em que o encantado aspecto da natureza anima no coração de uns uma esperança, acorda no de outros uma saudade.

Mathilde passeava a essa hora junto do muro da quinta que deitava sobre a estrada real. Fôra ali, n'aquella casa, que Eugenio tinha passado a sua infancia com ella. Quantas vezes a tomara nos braços e a levára a correr por àquelles campos!... Não havia uma pedra, um tronco de arvore, um monte de relva que não devesse trazer-lhe á lembrança dias que tinham corrido tão felizes, tão descuidados como correm sempre os primeiros da vida.

De repente sentiu na estrada o rapido galope de um cavallo; olhou e viu Eugenio que passava. D'ali a um momento a imprescriptivel sineta tangia duas vezes annunciando uma visita.

O mancebo atravessou as salas sem encontrar ninguem. Levado da antiga intimidade dirigiu-se ao jardim, chegou-se a ella, e disse-lhe:

—Eu parto ámanhã para a Africa; vinha receber

as ordens do tio visconde, e dizer-lhe adeus, Mathilde.

Ella quiz articular algumas palavras, mas a voz suffocou-se-lhe na garganta. Elle não deu por isso; a dôr absorvera-lhe o pensamento n'uma idéa só. Saiu com passo firme, montou a cavallo, e desappareceu a galope.

A pouca distancia encontrou uma carruagem, e no perpassar rapido conheceu o visconde, que trazia á direita o noivo de sua filha.

No dia seguinte, eram cinco da tarde, transpunha a barra, de bolina larga, o brigue de guerra portuguez *L. T.*, no rumo de Loanda.

Se algumas lagrimas cairam dos olhos a Eugenio, seccou-as o norte que soprava fresco. Os seus companheiros viram-n'o sempre calado, tranquillo, e indifferente.

Nessa noite, quando o visconde chegou a casa, veio dizer-lhe uma criada que sua filha tinha passado mal, e não tencionava sair do quarto. Elle correu immediatamente a vêl-a. Encontrou-a pallida, com os cabellos em desordem e as faces banhadas de lagrimas. Tomou-a nos braços, e perguntou-lhe com anciedade o que lhe havia acontecido. Foram bal-

dadas supplicas e exigencias. Mathilde não respondeu.

Dias depois, a joven menina fez saber a seu pae a resolução firme em que estava de não casar com o homem que lhe destinavam.

Não ha duvida que Mathilde amava Eugenio; mas então porque o deixára partir assim, sem uma palavra de affecto, sem uma lagrima que atraiçoasse n'aquelle instante a amargura que a devorava? E como foi ella a propria, que com uma ingenuidade quasi infantil, lhe confiou os projectos de que seu pae lhe fallára indirectamente e sem denunciar a mais leve idéa de se revoltar contra elles?

É porque era mulher, e as mulheres por mais inexperientes, por mais candidas que sejam, ninguem as entende.

Aquella natureza debil e extremamente impressionavel, não pôde resistir á dor, e ás crueis exigencias com que seu pae continuadamente a affligia; caiu enferma.

O visconde, a quem eu tinha feito por acaso um importante serviço, tratava-me com particular distincção. Aproveitei-me della para frequentar com intimidade a sua casa. Queria ver se podia salvar

assim a pobre creança, e chegar um dia a ver felizes aquelles dois entes, se por ventura Engenio escapasse da sua fatal viagem.

Sabem que eu tive a louca mania de estudar medicina; o visconde pediu-me como amigo, que velasse por sua filha. Com effeito, póde-se dizer que fui exclusivamente o seu medico assistente e consegui, n'alguns dias de assiduos cuidados, restabelecel-a da febre violentissima que a pozéra em grave risco de vida. Prohibi expressamente o visconde de lhe fallar em coisa que podésse affligil-a, ainda que de leve.

Servi-me da minha auctoridade de doutor; o pae obedeceu-me cegamente, porque adorava a filha.

Do mal physico estava ella quasi totalmente restabelecida, tratava-se agora do moral. Confesso que pensei muito no modo por que havia de principiar o meu receituario. Uma tarde, no dia seguinte a ter recebido a primeira carta de Eugenio, montei a cavallo, e fui visitar a minha *convalescente*.

O mancebo escrevia-me debaixo de uma tal desordem de espirito, que mal se podia encontrar ligação nas suas palavras. Comtudo eu tinha espe-

rança; confiava na primeira carta minha que já deveria ter na mão.

Cheguei a casa do visconde e encontrei Mathilde no jardim, respirando o ar fresco da tarde. Eu queria-lhe já, como se fosse minha filha; quando não, seria essa a occasião de me esquecer de tudo, e de lhe cair aos pés arrebatado de amor.

Vendo-a, fazia-se mais perfeita idéa das sublimes creações do genio.

As abundantes pregas de um chaile de cachemira branca, resguardavam-lhe o corpo emmagrecido pelo padecimento, mas flexivel e elegante como esses arbustos tenros que são sacudidos pelo vendaval da noite e que apparecem no dia seguinte aviventados á luz de uma graciosa manhã.

As mãos transparentes não se differençavam da alvura da tela, senão pelas veias azues que deixava ver a finura da pelle.

O rosto enquadrado nas ondeadas madeixas de cabello escuro, tinha uma expressão de melancolia que se não exprime em palavras.

—Então, Mathilde, póde ou não a sciencia desmentir as suas prophecias? disse-lhe eu depois de a contemplar um momento.

—Não é tarde ainda; eu nunca as acreditei tão certas como agora.

—Continua com a mesma imaginação? Olhe que o doutor tem direito a ralhar severamente.

—Mas não ralha, porque é muito meu amigo, disse ella, estendendo-me affectuosamente a mão.

Estas palavras alludiam a uma fatal idéa de morte que a perseguia desde certo tempo.

—Vamos, agora é mister deixar essa eterna melancolia, e viver, estar alegre como d'antes. Estamos no outono, d'aqui a pouco principiam as « soirées » ; e eu exijo em paga dos meus relevantes serviços, a primeira walsa ou contradança que dançar. Não m'o promette, Mathilde?

—Não, porque tenho a certeza de lhe faltar. Já me não divertem a mim os bailes.

Proseguiu ella acompanhando estas palavras de um sorriso de infinita resignação e tristeza.

Depois, quasi repentinamente e com uma alteração febril, disse-me:

—Diga-me, sir John, não teve ainda cartas de Eugenio?

—Hontem mesmo recebi uma. Está bom, e conta ver Portugal em breve.

Olhei para ella; os labios tinham-se-lhe entreaberto por uma crispação nervosa, e o rosto tornara-se-lhe transparente. Tomei-lhe as mãos entre as minhas, e disse-lhe, pondo no tom da voz, a maior expressão de confiança que me foi possivel:

—Eu sei tudo, Mathilde; esperava o primeiro momento conveniente para lh'o dizer. *Elle* ama-a com a vehemencia de que é susceptivel uma organisação d'aquellas. Partiu, porque suppoz que o seu amor não seria correspondido nunca. Disse-me tudo a mim; não quiz ver-se humilhado diante de outro homem que elle cuidava vencedor. Sem a consultar, mandei-lhe dizer n'uma longa carta quanto eu adivinhara; a estas horas sabe tudo, tem a certeza de que é amado tambem. Perdôe-me agora, ralhe commigo se fiz mal.

Fiquei sem me atrever a levantar os olhos para ella; não quiz turbar ainda mais o pudor infantil que havia de subir-lhe ás faces, vendo assim o segredo de seu primeiro amor, que occultava tão cuidadosamente a todos, sabido por um homem, embora esse homem fosse eu. Senti então estremecerem as mãos d'ella, e duas lagrimas ardentes cairem sobre as minhas. Em seguida desatou n'um choro

convulso e cortado de soluços. Tomei-a nos braços, e principiei a animal-a como se fosse uma creança.

Pouco a pouco foi tornando a si. Depois, fitando-me com os ôlhos orvalhados de lagrimas, e as faces accendidas de rubor, disse-me com uma especie de alegria infantil:

— Já não hei de morrer; agora sim, que eu me sinto boa e com força para soffrer tudo.

Essa noite, quando voltei a casa, tinha grandes esperanças de poder salval-a. Comtudo receiava ainda. Aquella natureza era como a de Magdalena, que tão delicadamente nos desenhou Alexandre Dumas no seu *Amaury*. A dor ou o prazer podiam matal-a.

Aconteceu exactamente o que eu receiava. Mathilde recaiu no fim de dois dias, e d'essa vez mais gravemente que da primeira. Apesar de tudo não desanimei. O visconde, esse é que julgou sua filha morta. Era mister aproveitar essa occasião para lhe fallar com brutal franqueza. Dirigi-me a elle, e disse-lhe: sua filha póde salvar-se e mais depende isso de v. ex.ª que de mim.

— Então que é mister que eu faça? exclamou o velho soluçando como uma creança.

—Renunciar desde já a todas as idéas desse fatal casamento, e dar-lhe o homem que ella ama, por quem ella morre, Eugenio, o filho unico de seu irmão.

N'aquella alma havia uma desmedida ambição de dinheiro, mas acima de tudo estava um amor louco pela filha. Deu-me a mão, e prometteu-me debaixo de solemne palavra de honra, que o mancebo casaria com Mathilde.

Que longas noites de duvida pungente e padecimento incrivel foram, para mim, as que passei junto ao leito d'ella. No fim de tres dias a doença fez crise para peior. Cheguei a perder quasi todas as esperanças: vali-me dos meios extremos que a sciencia põe á nossa disposição, e com effeito, a violencia da febre cedeu por fim. Agora tratava-se de prevenir os resultados d'ella. Receiava que lhe sobreviesse alguma affecção de peito, e a estação augmentava os meus cuidados. O inverno d'esse anno foi dos mais rigorosos em Portugal.

Eugenio escreveu-me outra vez n'este intervallo; tinha já recebido a minha carta.

Parecia-lhe um sonho quanto lhe eu mandava dizer, mas um sonho de ineffavel ventura para elle.

Voltava outra vez no brigue que estava proximo a fazer-se de vela.

No fim de um mez, as melhoras da minha grave enferma eram prodigiosas; a tosse passara, e os pulmões conservavam-se perfeitamente bons.

Um sangue puro, uma organisação bem formada, ainda que debil, vingaram e venceram.

Em pouco tempo estava quasi totalmente restabelecida. Eu aconselhara-lhe o ar do mar, e o visconde tomou uma casa no Bom Successo.

Era um desses bellissimos dias de inverno como ha tantos em Portugal. Mathilde e eu passeiavamos á beira do mar.

Ella corria e doidejava como se fosse uma creança agil e cheia de vida. Os olhos tinham tomado outra vez o seu brilho antigo, o rosto perdera aquella pallidez lymphatica que o transtornava, e resplandecia já com as cores vivas, que denunciam a pureza de um sangue que passa plena e livremente pelo coração.

—Que bonito navio aquelle! disse-me ella apontando para um brigue que entrava no Tejo, de panno largo. E é portuguez, não vê pela bandeira?

Olhei, e tive um singular presentimento. Appro-

ximei-me a um d'aquelles maritimos que estavam ali, e perguntei-lhe que navio era aquelle. O homem olhou-o um momento e respondeu-me em seguida:

—É o brigue de guerra portuguez *L. T.*, que vem de Loanda.

Mathilde agarrou-se ao meu braço, pallida e tremula, sem poder articular uma palavra.

Parti immediatamente para bordo. Quando ia a atracar á escada appareceu-me no portaló um guarda-marinha; procurei-lhe por Eugenio de Almeida. O joven maritimo empallideceu, e disse-me com um leve tremor de voz:

—Morreu na vespera da nossa partida com a febre em Loanda.

Nessa mesma tarde sai de Portugal no paquete de Londres.

Não tive força para encarar Mathilde depois d'aquelle fatal acontecimento. Escrevi-lhe de Inglaterra; não me respondeu. D'ali a um anno voltei a Portugal. Passados poucos dias encontrei o visconde n'uma dessas ruas principaes da cidade; vinha carregado de luto; correu direito a mim logo que me viu, com os braços abertos e os olhos arrasados de lagrimas.

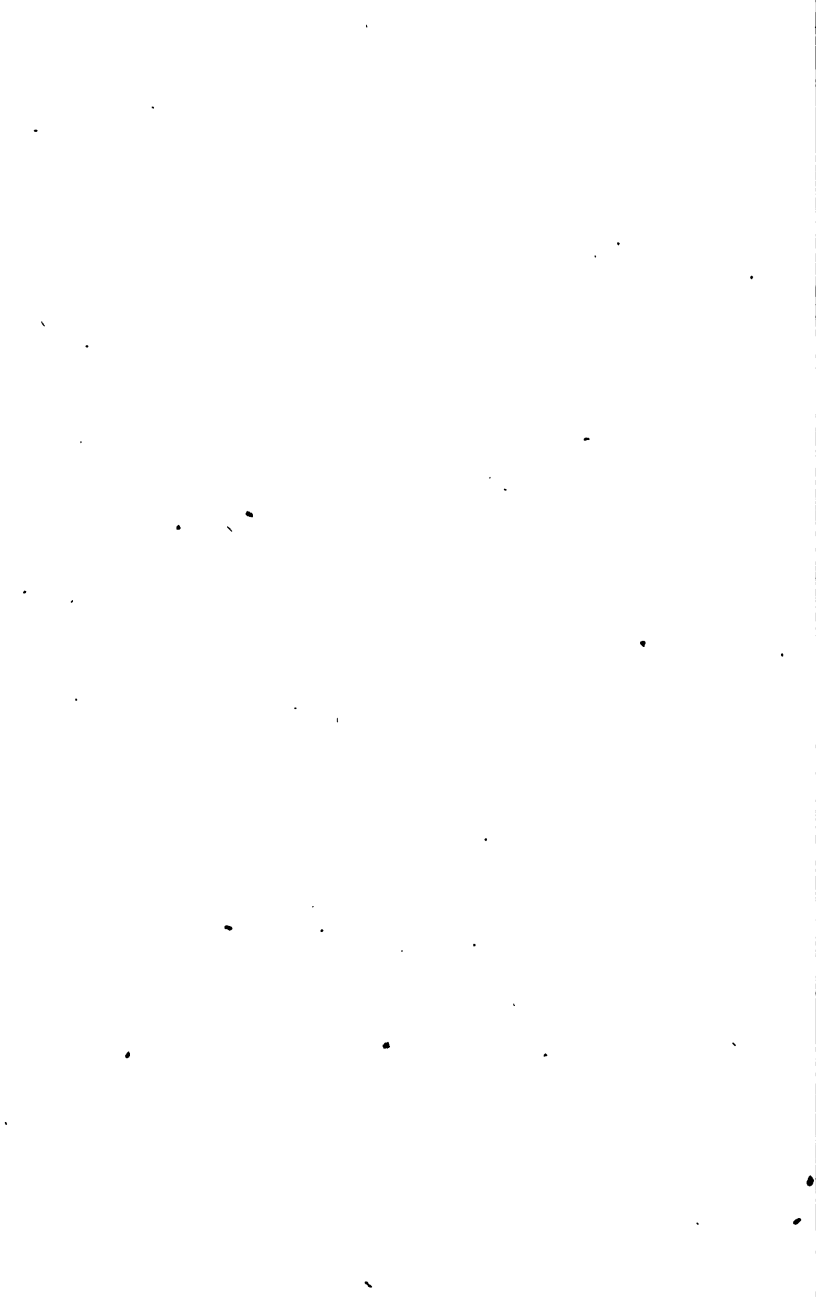
—Ha tres mezes perdi-a... morreu-me n'estes braços... a minha querida filha; disse-me elle desfechando n'um choro de soluços que cortava a alma.

O pobre velho, vergado com o peso da dor e dos remorsos, tinha envelhecido um seculo n'aquelle curto espaço de tempo! O doutor, com quem fallei depois, disse-me que ella havia morrido de uma lesão do coração, proveniente de um defeito organico nas paredes da cavidade *thoracica*. Bem sabia o homem d'isso!

Sir John parou aqui. Um dos circumstantes perguntou-lhe com uma innocencia admiravel: Já casaram os noivos? O inglez levantou-se furioso.

Ecco ridente il ciel
Gia sponta la bella aurora

Exclamou o meu amigo C. de C. com visivel mau humor, vendo que a manhã já vinha alvorecendo.

Eu amaldiçoava, por entre os dentes, a historia e o historiador, e o outro inglez, especie de fabrica ambulante de *spleen*, resonava profundamente sobre uma poltrona. Acordámos eram duas da tarde, á luz de um sol esplendido que illuminava o tope d'aquellas serras. Sir John estava pallido como um espectro de Macbeth.

O vento do Levante

I

Estavamos na cidade. A vida era totalmente diversa ali: passeava-se a cavallo pelas ruas do Funchal, tomava-se o ar na praça da Constituição e á noite admiravam-se as elegantes nas pequenas reuniões de familia.

Como recebem, como se esmeram em tratar os estrangeiros, as amaveis pessoas daquella terra! Que liberdade e distincção nos costumes, que franqueza e carinho na hospitalidade! No momento de lhe dizermos adeus, de a vermos desapparecer para sempre, os olhos arrasam-se de lagrimas e o coração aperta-se com bem tristes saudades!

A historia que se segue, passou-se ali no inverno de 1850 a 1851.

Se tu, leitor benevolo, fallares por acaso com al-

gum dos filhos daquella ilha, ou com alguma das pessoas que lá estiveram commigo, dir-te-ha que em toda ella não se encontra uma só palavra de verdade. Não acredites, que pretendem indispor-me comtigo.

Eu vou contar-t'a tal qual foi, simples, sentida e breve. Recordas-te ainda daquella joven senhora ingleza que eu vi quasi como se fôra em sonho, no meu primeiro passeio com o teu já conhecido sir John? Lembras-te que estava para casar-se e que se esperava a cada momento o noivo? Pois é exactamente della e delle que vou fallar-te no prologo desta authentica narração.

Era um domingo, tantos de novembro. O sol brilhava nas ondas azues do oceano Atlantico, que se enrolavam umas sobre outras encrespadas por uma fresca viração do norte. Eu tinha acordado na melhor disposição de espirito. Assim que se abriu a janella, um raio de luz, em vez de me deslumbrar os olhos, como acontece sempre em principio de dia aziago, penetrou languida e cortezmente no interior do quarto.

Saudei-o, e declarei-me *inspirado*. É mister que tu notes que esta declaração era fatal para o meu

amigo C. de C., que contava logo em seguida a ella, com ter de ouvir uns duzentos versos octosyllabos, dispostos em pelotões e que elle detestava com toda a ingenuidade da sua alma infantil.

Á noite esperavamos uma reunião em casa de uma familia ingleza, para onde haviamos sido convidados, por intervenção do nosso cortez sir John. Tinha ajustado vir buscar-nos elle mesmo e com effeito á hora precisa estavamos promptos os tres. O seu *toilette* simples, mas elegantissimo, faria desesperar muitos desses aspirantes a *dandys*, que consomem por ahi a vida ao espelho. Foi até nessa noite que eu descobri que era esbelto e gentil o meu amigo. É porque não estava despeitado com elle. Tambem era quasi a primeira vez que a sua presença não vinha annunciar-me um terrivel supplicio.

Assim que chegamos foi apresentar-nos á pessoa que fazia as honras da casa. Era uma respeitavel e aprumada *lady*, que devia estar tocando nos seus cincoenta e cinco.

Confesso que estive quasi a perder o sangue frio, imaginando ter diante de mim alguma d'essas castellãs normandas ou saxonias de que Walter Scott

nos deu perfeito e acabado typo nos seus romances.

Restabeleceram-me felizmente da subita e desagradavel impressão, o gesto affavel e as maneiras distinctas com que nos recebeu.

Entrámos na sala. A ingleza, a adoravel Miss Ophelia, estava ali. O nome fazia-me recordar de uma das mais sublimes creações do grande poeta inglez.

A sua formosura, esplendida e provocante como era, e como o estava sobretudo nessa noite, arrebatou-me ao primeiro lance de vista. Fui cumprimental-a. Que seducção nas palavras! Que inflexões tão agradaveis no metal argentino e fresco da voz!

Quando me levantei d'ali estava louco, arrebatado de amor por ella.

E pensar eu que outro homem, o mais feliz de todos os homens, me havia de roubar dentro em pouco, e para sempre, aquella mulher, era um supplicio a que não podia resignar-me.

— Ali está o noivo, murmurou ao meu ouvido uma voz conhecida.

Voltei-me, e vi com effeito no limiar da porta a mais gentil figura de homem que em minha vida

tenho visto. Era o joven official inglez. Ninguem di-zia, encarando com aquelle typo, que o céo nublado de Londres o tinha visto nascer. Os olhos negros e scintillantes, a testa recuada e espaçosa, o corpo musculoso e esbelto, denunciavam-no antes como pertencendo á raça peninsular.

Apresentaram-me a elle. Procurei, despeitadissimo, ver se lhe encontrava alguma coisa de esquerdo, de trivial ou de feio. Foi impossivel. Sir D... era um Apollo, e um *gentleman* ao mesmo tempo. O dialogo correu rapido, e sobre coisas indifferentes. O momento era critico. Miss Ophelia, sentada n'um dos angulos da sala, olhava para elle com aquelles olhos de *odalisca* que me tinham perdido a mim, nos delirios da paixão mais frenetica e mais *nervosa* de quantas tem por ahi cantado poetas e descripto romancistas!

Era mister que eu esgotasse aquelle longo calix de amargura. Tinha de os ver um ao pé do outro, e ebrios de ventura os dois.

Oh! Antony! Antony! Como n'esse instante me appareceu a tua imagem, e como copiei fielmente as tuas posições favoritas! Encostei-me ao hombral de uma porta, franzi as sobrancelhas, enruguei a

testa, desgrenhei os cabellos, e principiei a deitar um olhar vago e quasi delirante á roda de mim.

Como acordei eu deste pesadelo horrivel! É o que ainda me faz arripiar as carnes quando me lembra. Foi uma dessas explosões de ridiculo que deixam um homem suspenso entre a morte e a vida.

Sir John viu-me, chegou-se a mim, e disparou-me ao ouvido uma gargalhada diabolica, que me fez saltar como o cadaver tocado pela pilha galvanica.

— Quer matar-se? disse-me elle com uma ironia de demonio: olhe que é um trabalho inutil. Quando se tem uma organisação assim, e se é accommettido de uma paixão dessas, a morte não se procura no punhal ou no veneno, espera-se nos effeitos de uma inevitavel congestão cerebral.

— Sir John abusa do seu espirito. Ha situações que se devem respeitar — respondi eu, mordendo os beiços por um impulso de furor cego.

— Deixe ver o pulso. Afflige-me devéras o seu estado; tem a voz convulsa, a respiração abafada: retire-se a tempo, que a catastrophe póde vir mais cedo do que se espera.

Saí da sala sem saber como e encontrei-me no jardim passeando a largos passos..

O ar fresco da noite foi-me pouco a pouco rehabilitando; o sangue corria-me já mais socegado pelas veias e o coração batia-me com menos violencia.

O vulto de um demonio encarnado na figura de um inglez surgiu diante de mim.

—Então, esta brisa perfumada e fresca, aposto que lhe ha de ter feito bem? Beba um copo do Rheno, e póde ser que consiga salvar-se.

—Oh! maligno espirito que prometteste immolar-me nos altares da tua impia ironia! deixa-me sequer ao menos em paz com o silencio da noite e com o aroma das flores.

—E quem diz o contrario? Lembrava-lhe simplesmente o *hok* por ser uma bebida quasi refrigerante. Agora o meu amigo póde rejeital-a, se quizer, para continuar na sua contemplação extatica.

Aquelle homem exercia decerto sobre mim algum poder occulto. Eu devia detestal-o, e creio que o detestava, mas apesar de tudo era-me impossivel passar sem elle. Dei-lhe o braço e deixei-me conduzir. Encontrei-me sentado a uma mesa, tendo defronte de mim um copo verde cheio daquelle transparente e perfumado licor.

—Lord Byron costumava suicidar grande parte das suas paixões com vinho do Rheno. O meu amigo acho que está decidido a fazer o mesmo.

A este tempo ouviu-se o ritornello de uma *walsa*. Levantei-me repentinamente.

—Està engajado?

—Não, mas falta-me o ar aqui. Deixe-me ir até á sala.

—É o melhor meio de abafar de todo; torne a sentar-se, encha outro copo e asseguro-lhe que d'aqui a meia hora está em muito melhor estado de avaliar o baile e até de admirar os encantos da minha gentil compatriota. Vê? já principia a voltar-lhe a côr; dentro em pouco está no seu perfeito estado normal.

—Meu charo, deve notar que eu não nasci em Londres.

—Que quer dizer n'isso?

—Quero dizer que não descobri ainda no vinho a panacéa universal.

—É um epigramma que pertende fazer-me?! Não importa: á saude d'aquelle nome querido!

—De qual? perguntei eu ingenuamente.

—Eis ahi como são os poetas! E quer que eu

acredite n'elles! Pois não se lembra que m'o confessou ha pouco tempo, n'um momento de expansão intima, dizendo que se encerrava nelle o unico e verdadeiro affecto de toda a sua vida?

Abaixei os olhos supplicante; tinha lavrado a minha propria condemnação. Podia agora tyrannisar-me como quizesse; eu esperava resignado. Felizmente condoeu-se de mim.

—Vamos, se já se não lembra d'elle, ao de miss Ophelia, então! quem sabe? póde ser que ainda venha a apaixonar-se pelo meu amigo...

—Como? se ama outro tanto... quanto se póde, quanto se déve amar um homem d'aquelles.

—E o futuro?

—O futuro que tem com isto?

—Que pergunta a sua! Que tem? tudo. As mulheres variam como o vento. D'aqui a um anno póde muito bem ser que eu o veja convertido no seu *sweet haert*. A proposito de vento: olhe como sopra impetuoso agora?

Com effeito fomos á janella, e vimos que o céo, pesado e negro, se achatava sobre o mar que arrancava de espaço a espaço uns gemidos lugubres, annunciando proxima a tempestade.

II

Como aquella mulher era seductora! Não sei se t'a descrevi já, meu bom leitor—creio que o fiz, mas tão rapidamente que não a pódes ter na imaginação agora.

Os olhos... eu sei? verdes ou azues não eram, castanhos tão pouco, negros ainda menos: deviam ser tudo isto para poderem reflectir tantos accidentes de luz, para maravilharem com tão exquisito fulgor.

Ás vezes, e vistos de certo modo, atiravam para a côr brilhante da esmeralda, outras vezes concentavam mais a luz e pareciam escuros. Por fim eram *furta-cores*, legitimos. Nunca os viste assim, porque não ha nem se encontram outros. Imagina-os agora n'um rosto oval côr de marmore de Carrara, cercados de negras e bem accentuadas sobrancelhas. Em harmonia, a bocca breve e graciosamente recortada, os labios frescos como as pétalas do cravo humidas ainda pelo orvalho da manhã. A cabeça pequena, e perfeitamente modelada; cabellos loiros e abundantissimos. O corpo esbelto, tendo nos movimentos graça e flexibilidade admiraveis. Pés torneados e estreitos, que no rapido voltear da dança

se descobriam e com elles um fragmento de perna delicadissimo, no logar em que apertava a botinha de setim branco, e que promettia.... quem sabe o que promettia?

Não vae, nem pode ir com verdade mais adiante a descripção.

Valsava-se. Eu tinha acabado de fallar seguramente uma hora com o joven official sir D... É escusado dizer que a principio foi preciso contrafazer-me muito para não lhe mostrar má cara. Passado um quarto de hora o meu despeito cedeu áquella nobre presença e aos dotes da sua acabada educação. Fallamos muito e com enthusiasmo por fim. O resultado disto foi o mais singular do mundo. Fez com que visse Ophelia passar por diante de mim valsando com elle, que sentisse a sua voz murmurar-lhe o que quer que fosse de apaixonado e que ficasse sem me fazer nada disso a minima impressão desagradavel.

—Parece-me que o *hok* produziu o effeito que se desejava, disse sir Jonh batendo-me amigavelmente no hombro. Já não tem no rosto aquelles signaes de excitação febril que me davam ha pouco serios cuidados.

—A paixão morreu, meu amigo.

—E foi sepultada no ultimo copo do Rheno, não é verdade?

—Enganou-se desta vez. Evaporou-se n'um aprasivel dialogo que tive, não ha meia hora, com sir D.

—Que me diz, homem?! Fez a mais importante descoberta que se tem feito: encontrar nas mãos de um rival balsamo para sarar as feridas de um amor infeliz! Não se esqueça de escrever isso; pode tirar d'ahi partido para um originalissimo romance.

—Admira-se? não conhece um proverbio que existe entre nós?

—Bem sei, e vem a ser a base da homœopathia. Quem sabe se não é essa mais uma maravilha daquella prodigiosa escola.

N'este momento estremeceu a casa, cessou a musica, e pararam repentinamente os dançantes. Um tiro de peça ribombou, dando signal de *vento de levante*. O vendaval bramia fóra urrando furioso por aquellas serras.

Os officiaes de marinha inglezes que estavam ali, despediram-se á pressa e sairam todos. Ophelia, transparente de susto, apertava as mãos do seu amante e não o queria deixar partir. Elle disse-lhe

algumas palavras em voz baixa que pareceram socegal-a, depois tomou o seu *paletot*, e quando passava por sir John, deu-lhe a mão, e disse-lhe alguma coisa ao ouvido.

Saimos eram quatro horas da manhã.

Á tarde todos os navios tinham desamparado o porto, menos a corveta, que se conservava fundeada ainda.

O temporal crescia de momento a momento, e os entendidos diziam que se ella não levantasse immediatamente, viria sem remedio despedaçar-se sobre o calhau. Pela volta das cinco foi quando principiou a largar panno.

É mister tel-os visto, para se fazer perfeita idéa de um temporal d'aquelles. As vagas da altura de montanhas arremeçam-se umas após outras sobre o costado das rochas, arrancando um som lugubre que deve ser similhante ao bramido do tigre quando cáe ferido nos juncaes da Asia.

Na praia, quando rebentam e se alastram sobre o calhau, soltam no momento em que refluem outra vez para o mar, um rugido dilatado a que soccede um silencio breve, mas tetrico, emquanto se levanta a curva abobada das outras que seguem a despedaçar-se tambem.

A corveta era finissima de vela, mas levantara tarde e duvidava-se que pudesse dobrar *as pontas*. A noite approximava-se e podia haver resultados fataes. Comtudo a pericia dos que a commandavam dava grandes esperanças ás pessoas que a estavam vendo da terra.

Sir John, ao pé de mim, no caes, seguia ancioso todas as manobras.

—Sabe que esta noite, quando se ouviu o signal do vento, senti uma coisa que não sei explicar e eu tenho sempre medo dos meus presentimentos.

—Dizem que não ha risco de vidas, mesmo quando tivesse de vir despedaçar-se aqui.

—Bem sei, mas que quer? Ao commandante aconteceu-lhe o mesmo, e conheço poucos homens que sejam capazes de jogar tão afoutamente a sua vida.

A corveta estava a este tempo quasi dobrando uma das pontas; tão depressa podesse transpol-a ficava salva. Foi n'essa occasião que todos os olhos se volveram anciosos para ella.

De repente sir John deixou escapar um grito e bateu fortemente o pé. Uma violenta rajada de vento que a apanhou em sentido contrario, arremessou-a para dentro outra vez.

Toda aquella gente que podia prestar para alguma coisa, por instincto boa e valedora, estava junta na praia.

Era um espectaculo horrivel, mas explendido ao mesmo tempo. Apenas se podiam descobrir já as velas da embarcação, que ora desapparecia, ora se levantava no dorso da onda, para tornar a sumir-se outra vez.

Com o sair da lua, o vento em vez de mudar como havia esperanças, continuava soprando mais violento e mais ponteiro ainda.

Já não tinham remedio senão tentearem-se em bordos cada vez mais e mais curtos.

Do meio d'aquella immensa turba que a olhava de terra, sahiam de quando em quando uns gritos agudos e estridentes, que se misturavam com o sinistro uivar da tempestade. Em poucos minutos a corveta estava sem mais recurso algum. Deu a popa ao vento, e avançou impavesada aproando á terra. Então fez-se um absoluto silencio em toda aquella gente. As luzes afogueadas dos archotes cruzavam-se em diversas direcções, levadas pelos homens que iam e vinham com os utensilios que podiam servir n'aquelle apertado lance.

A embarcação estaria a vinte braças de terra. Quasi que desappareceu na curva de uma onda, em seguida veio acima no costado de outra, que a teve como suspensa uns segundos e que a arremessou depois com a furia de um gigante que désse de hombros a uma montanha.

As nuvens tinham-se separado em negras e pesadas massas; pelas fendas abertas transsudavam uns raios da lua, lançando um clarão sinistro e lugubre sobre aquella scena, que o espirito mais leviano não poderia ver sem se sentir profundamente subjugado por ella.

Passados alguns momentos, principiou a ouvir-se uma confusão de vozes que pretendiam infundir coragem nos pobres naufragos.

Elles obedeciam ainda ao mando dos officiaes. A rigorosa disciplina não se perturbou nem com a approximação do momento supremo!

Em pouco tempo estavam quasi todos salvos; o valor e a efficacia com que os de terra os soccorriam prevenia tudo. A coragem sobrava n'aquella nobre gente. As vagas batiam com o mesmo impeto; o navio estava proximo a despedaçar-se totalmente. Faltava salvar-se um homem, que ajudára

a todos, é que esperava para ser o ultimo. Era o commandante. Deitou ambas as mãos á corda que estava presa a terra. N'esse momento uma vaga bateu em cheio no costado do navio e fel-o pender todo a um lado. A corda estalou, e o mancebo desappareceu. Alguns marinheiros deitaram-se instinctivamente ao mar. Todos foram victimas com elle.

A marinha ingleza perdeu n'essa noite uma linda corveta e um dos seus mais bravos officiaes. —Miss Ophelia o homem que devia ser seu marido.

No outro dia de manhã a vaga azul e serena veio depor na praia o cadaver do infeliz *marinheiro*. Uma larga ferida que tinha na cabeça, fazia acreditar que a sua morte fôra rapida.

Um mez depois, miss Ophelia dava grandes cuidados ao medico que a tratava. Dizia-se que estava tisica. Eu sei que a vi um dia a passeiar no campo, e estou certo que a Santa Philomena dos bosques não deveria ter no rosto uma expressão mais sublime de dor, do que a que se derramára no semblante pallido d'aquella mulher.

A sua belleza, que até ali era provocadora e por assim dizer mais propria para fallar aos sentidos do que ao coração, abatida e macerada pela mão do infortu-

nio, assimilhava-se á imagem de uma virgem martyr.

Uma noite estavamos os tres, Ophelia, sir John e eu. O inglez, que se tinha sentado ao piano, tocava uma *walsa de Strauss*, cujo ritornello melancolico acordava com a voz fraca e fluente d'aquella mulher que me fallava da sua vida passada.

Como ella amava! Que thesouros de affecto se encerravam n'aquelle coração! Se um dia se tornariam a abrir para outro homem! Que homem tão feliz devia de ser esse! Tudo isto pensava eu, escutando as suas palavras que vinham tanto da alma, admirando a sua formosura que parecia a de um anjo descido á terra para consolar os infelizes.

Sei que ao sair d'ali amava-a outra vez, não com o phrenesi d'aquella noite em que a vi no baile, mas com toda a admiração de um amor verdadeiro.

O peior de todos os rivaes, meu bom leitor, *é o que morreu já*. Vivo, resta-nos a esperança, embora louca, de o podermos vencer; o amor proprio entra-nos a remorder por dentro, e suppomo-nos superiores a elle, e julgamos produzir maior effeito na mulher; d'este modo resta-nos a luta ao menos, de outro não ha supplicio que se lhe egual, nem desespero que se lhe approxime.

Imagina que estás ao pé de uma mulher que amas, que essa mulher amou antes de ti outro homem, que esse amor não terminou senão com a morte d'elle!... a cada palavra de affecto que ella te diga, vel-o-has surgir diante de ti, o maldito defunto! e repetir-te ao ouvido, com voz solemne, as mesmas phrases que te seduzem, que te enlouquecem, mas que já o seduziram tambem n'outro tempo a elle.

Então vem-te de subito a tremenda idéa que se essa entidade phantastica para ti se convertesse de repente n'uma entidade real para ella, vel-a-hias cair-lhe aos pés arrebatada, esquecer-te, e dizer-lhe: Sou tua outra vez!

Depois, o respeito que inspira um tumulo: as virtudes, os dotes physicos e moraes que se exageram no morto!... Ha momentos em que o teu anjo mau te inspira a sacrilega idéa de lhe maldizeres a alma e te impelle a ires revolver-lhe as cinzas. Achas-te então abatido a teus proprios olhos: encontras-te a braços com as miserias das paixões vis, e foges horrorisado de ti mesmo. Se um accidente qualquer vem entristecel-a, são saudades d'elle. Se um dia espontaneamente te protesta que amor assim não o sentira nunca por outrem, que

duvida pungente te dilacera!... Se vivesse, podias esmagal-o com a tua felicidade; o orgulho da victoria indemnisava-te do passado; assim diz-te amargamente a consciencia que venceste porque estavas só no campo. Oh! que martyrio é esse, nem sequer ao menos nos resta o acre prazer do odio. Quem se atreve a ir gravar palavras de maldição sobre a pedra rasa de uma sepultura?!

Eu amava Ophelia, e mais infeliz ainda que na hypothese que acima aventurei, ella nem sequer se lembrava de mim.

Imagina os dias, as horas de incriveis torturas que passei. Uma tarde, em que estavamos os dois no jardim, atrevi-me a dizer-lh'o. Confessei-lhe que não pretendia ouvir dos seus labios um protesto de amor, sabia que era impossivel isso, mas queria, no momento de me separar d'ella para sempre, revelar-lhe francamente o que sentia.

Ophelia escutou sem se admirar as minhas palavras, e disse-me depois com um sorriso de adoravel melancolia:

—Sabia-o já; sabia-o, e tinha pena, porque eu não posso amar mais ninguem n'este mundo.

Recolhi religiosamente no coração aquellas pala-

vras: ella estreitou-me a mão e dissemo-nos adeus, certos de que nunca mais nos tornariamos a ver. Ophelia partia no dia seguinte para o campo; aconselhava-lh'o o seu medico, porque estava gravemente enferma. Eu sabia que depois d'isto não poderia encontral-a mais.

Passaram dois mezes. No dia 6 de março o *paquete* que vinha do Rio de Janeiro, e que devia conduzir-nos para Lisboa, estava fundeado na bahia eram sete da manhã, e, com aquella exactidão ingleza, annunciou que levantava ferro em sendo meia noite.

Isto, meu caro leitor, de deixarmos uma terra onde já o coração se aninhou, é das coisas menos agradaveis que nos podem acontcer n'este mundo. Sete mezes que se vivem n'um paiz d'aquelles, onde além de grande civilisação nos costumes, se encontra um carinho, uma hospitalidade tal no centro de certas familias, que quasi nos supprem os disvelos da nossa, não esquecem nunca. Para mim a lembrança de certas pessoas, que ali me receberam, não se me ha de desvanecer do coração, por mais que viva.

D'aqui, do meio d'esta grande cidade, onde tudo

é ôco e banal, onde apenas se encontra um ou outro que, escapando á febre furiosa das paixões e ambições politicas, nos aperte sinceramente a mão, envio eu a esses com quem ahi lidei tão estreitas relações de amizade, em bem sentido *adeus*.

Ás sete da manhã chegou o vapor, á meia noite deviamos estar promptos e todos a bordo já.

Não fazia vento e os gemidos abafados que o mar arrancava de espaço a espaço, pareciam o respirar oppresso da natureza. A mim faltava-me o ar; algumas horas apenas e nem ao menos tornaria a avistar mais o horisonte que encobria aquella mulher.

Sir John estava no meu quarto: confessei-lhe tudo; disse-lhe que queria vêl-a ainda uma vez, tinhamos tempo, mas era mister que elle me acompanhasse.

O inglez olhou para mim, com singular sorriso; depois disse-me:

—É uma loucura, vae fazer-lhe peior.

—Não importa, quero.

—Mas eu é que não posso acompanhal-o.

—Porque? perguntei eu admirado.

—Um dia lh'o direi.

Calei-me, fiquei como se uma mão poderosa me tivesse derribado.

Pouco depois de meia noite o vapor accendeu os seus dois globos corados, e avançou direito pela bahia. Eu estava encostado á amurada do navio e sentia ainda nos ouvidos o ecco daquelles *adeuses* que me haviam sido proferidos entre as lagrimas da despedida.

O vapor dobrou os *cabos,* a cidade desappareceu e eu dei de frente com a ossada escalvada e negra das rochas. Desci para o meu camarote e dormi um somno pesado e sem sonhos até ás sete do dia seguinte.

Quando me levantei já sir John passeava na tolda.

— Por S. Jorge! exclamou elle assim que me viu, o meu amigo vem pallido como um cadaver: aqui tem, saude a magestade do pleno oceano.

Não lhe respondi uma palavra: fui-me até á pôpa, e puz-me a olhar para a Madeira que apenas se distinguia como uma nuvem no horisonte.

O norte fresco sublevava as ondas azues-ferretes illuminadas por um sol vivissimo. Com effeito, aquella vista, aquella atmosphera, arrancavam-me do meu horrivel pesadelo.

O navio estava atuchado de inglezes e brazileiros. São as duas raças mais oppostas que ha. Uns bru-

talmente circumspectos, gastando tres palavras e meia por dia, mesmo com os seus particulares amigos. Os outros sempre com um sorriso *stereotypado* nos labios, dirigindo todas aquellas pieguices assucaradas que produzem ancias gastricas. A calça do brazileiro é fabulosamente larga, a do inglez excessivamente estreita. A voz do primeiro em falsete, e com uns requebros que se assimilham aos do *lundum chorado*: a do segundo um grunhido que mais se articula do que se pronuncia e aspero como o seu caracter soberbo. Um em fim quasi preto, e outro deslavadamente branco. Quando estes dois typos se encontravam no tombadilho, ninguem imagina o delicioso contraste que faziam.

Entre os inglezes havia um que me surprehendeu logo á mesa do almoço. Foi sir John quem me disse que era seu compatriota e que embarcara comnosco na Madeira. Eu primeiro tomei-o por um desses *minhotos* que vão descalços para o Brazil e que voltam dentro de poucos annos senhores de um milhão de cruzados.

Era a mais extravagante figura de homem que se pode imaginar. Inglez até aos hombros, isto é, cara vermelha como uma malagueta e pescoço entai-

pado n'uma disforme gravata branca; o resto brazileiro legitimo; grosso cordão de oiro posto em repetidas dobras, uma especie de quinzena de cotim de linho e calças da mesma fazenda.

O que me deu mais nos olhos foi o temivel chapéo que trazia, preso de um lado por uma larga fita de linha; a côr era já assás duvidosa, as abas monstruosas e a copa tinha seguramente um covado de altura.

— Conhece este *estafermo*? perguntei eu a sir John.

— Pessoalmente não, mas sei que é de uma familia nobre e que tem dez mil libras de renda por anno.

— Haverá alguma mulher que o queira, apesar d'isso?

— Duvída, meu charo amigo? disse-me sir John rindo.

— Eu sei? parece-me que sim.

Continuámos a passear ambos sobre o convez. O meu amigo C. de C. tinha-se retirado para baixo padecendo já os horriveis incommodos do enjôo, e a quasi todos os nossos amigos havia acontecido o mesmo. No fim de um largo silencio disse eu para o meu companheiro:

— Ora vamos, a que se apega esse seu pertinaz scepticismo, de onde nasce essa exclusiva falta de fé nas mulheres? Na sua vida tem dois factos já; Mathilde não morreu de paixão? Ophelia não lhe vae talvez acontecer o mesmo?

O inglez parou e fez um ligeiro movimento de cabeça.

— Meu charo, Mathilde tinha o peito fraco, senão talvez se tivesse salvado, em quanto a miss Ophelia pode ser que o ar do campo a restabeleça em breve.

— E restabelecida que esteja?

— Provavelmente casa e vive muito feliz com seu marido.

— Sir John é um homem diabolico, não acredita nem no céo nem na terra!

— No céo ainda lhe não disse que descria, na terra hade vir tempo em que lhe aconteça pouco mais ou menos o mesmo do que a mim.

— Parámos de repente rindo a bandeiras despregadas; uma rajada de vento apanhou em cheio o homerico chapéo do celebre inglez, e arremessou com elle para o pleno oceano. O infeliz deitou-lhe um olhar saudoso quando o viu boiar nas ondas e des-

ceu vagarosamente as escadas escutando o som da sineta que tocava para o jantar. Quando voltamos outra vez acima, vimol-o a elle andando ás corridinhas de um para outro lado e trazendo na cabeça outro chapéo tão similhante ao primeiro que nós estivemos quasi a acreditar que seria o mesmo.

No segundo dia de viagem até ás quatro da tarde tinha perdido cinco chapéos; com outro da mesmissima forma que trazia completava-se a meia duzia.

Isto era n'um sabbado; no domingo pela manhã deviamos avistar a terra. Nesse dia ao jantar sir John ficou collocado diante de mim. No logar em que estava foi obrigado a trinchar para tres brazileiros, que tinha á direita e dois compatriotas que lhe ficavam á esquerda. O infeliz tendo de satisfazer ás dispendiosas necessidades daquelles vigorosos estomagos, passou toda a mesa sem atravessar bocado.

Os criados tinham-se esquecido de lhe trazer a lista no principio do jantar, á sobremeza pozeram-lh'a defronte; sir John agarrou della, leu-a, e disse-me com uma expressão indefinivel:

—Aqui tem, veja o meu amigo tudo quanto eu poderia ter comido!

Ás onze da manhã do dia seguinte descobrimos

o *Cabo da Roca*, ás duas estavamos na bahia de Cascaes.

Que sensações tão diversas me agitavam nesse instante o espirito! Tornava a vêr a patria, ia abraçar dentro em pouco os meus.

Isto fazia-me estremecer de alegria, mas a imagem pallida e triste de Ophelia vinha perturbar-m'a, e cerrar-me melancolicamente o coração.... Aquella mulher estava cercada para mim de uma aureola sagrada de belleza, de paixão e de dor.

Passeava agitado pelo tombadilho, e respirava a largos tragos a viração fresca do norte. Toda aquella gente tinha vindo para o convez; as *muletas* que traziam os pilotos da barra bordejavam diante de nós em diversas direcções, e esta cidade erguia-se das aguas em todo o explendor da sua belleza.

Sir John devia de estar n'esse momento ao pé de mim; presenti-o, voltei-me e com effeito dei com elle que estava encostado á borda do navio.

Era outro homem; aquella sarcastica e ironica expressão que tinha de ordinario impressa no semblante, desapparecera totalmente. Os sobr'olhos carregados, franziam-se, annuviando-lhe a physionomia, e as rugas profundamente accentuadas da testa

espaçosa, contrahidas então, denunciavam-no como mergulhado em serios pensamentos.

Foi singular a impressão que senti vendo-o assim, quiz quebrar o silencio, reteve-me um receio involuntario; decidi-me por fim.

— Sir John, vamos-nos separar em breve; não será ainda tempo de me explicar a razão por que se quebraram as suas relações com Ophelia? Lembre-se que m'o prometteu.

O inglez sobresaltou-se e olhou para mim abstracto; vi que não tinha entendido nada. Houve um momento em silencio. Foi elle quem o quebrou.

—Diga-me, ama devéras aquella mulher e acredita-a casta como uma virgem e inspirada como uma santa?

— Não lh'o confessei já?!

O pungente e ironico sorriso que lhe havia desapparecido dos labios, tornou-lhe a adejar por elles, mas como pronunciado e amargo desta vez!

— Tem razão! ha physionomias de anjo que não podem mentir. Nós os scepticos, é que vemos atravez d'essas encantadoras existencias, as miserias das paixãos humanas agitando-se em toda a sua hediondez, vemos mal! Senão, quem n'uns olhos transpa-

rentes que estremecem á minima sensação, deixaria de ver o espelho da alma nobre, candida, apaixonada?! Nós, nós só, porque um poder maligno nos impelle a isso.

Isto parecia mais que elle o dizia a si proprio do que a mim. Eu sentia o fel que transsudava de cada uma d'aquellas palavras, mas não me atrevia a responder.

Uma gargalhada desconchavada e estridente dada por sir John ao pé de mim, fez-me voltar de relance; o sexto chapéo do *impossivel* inglez tinha ido banhar-se nas aguas verdes do nosso patrio Tejo. Era com effeito o ultimo; o desgraçado vendo que teria de desembarcar em *carola*, levou impetuosamente ambas as mãos á cabeça a vêr se podia agarral-o ainda, mas não encontrou já senão as enormes orelhas, as quaes azambuou com duas furiosas punhaladas. Sir John continuava a rir como um perdido, comtudo conhecia-se que era mais um riso nervoso e contrafeito do que uma explosão espontanea.

Parou de repente, agarrou-me no braço e apontando para o inglez que apenas se podia tentear nas pernas, disse-me:

—Ali tem o que vae ser dentro de tres mezes

marido de Ophelia; a partida para o campo foi no dia em que se contractou o casamento. Continue agora a acredital-a santa, e até martyr, se quizer.

Depois d'isto, quem chega de uma viagem, tem mãe ainda, e sabe que o espera anhelante, vae arremessar-se nos braços d'ella, e exclamar interiormente

—Aqui está o unico amor d'este mundo!

Agosto de 1851.

Thereza

I

No verão de 18... ao declinar de um dia ardentissimo, passeiava eu no espaçoso largo do Rocio, quando vi parar a curta distancia uma caleche e a pessoa que vinha dentro fazer-me aceno para que me approximasse.

Era o meu particular amigo O... (que tratarei pelo nome de Carlos), conhecido nesta cidade pela elegancia da sua figura e pela gentileza, não menos notavel, do seu caracter.

— Vem dar um passeio até Bemfica, disse elle, abrindo a portinhola e convidando-me a tomar um logar á sua direita.

Acceitei de boa mente o offerecimento e partimos.

— Que tens feito? Desde que chegaste da pro-

vincia é a segunda vez que te vejo. Estiveste em Cintra?

—Não, tenho estado sempre em Lisboa.

—Vens do campo para te encerrares em casa na cidade?

—Pelo contrario, saio todos os dias e vou a todos os sitios.

—Mas que sitios são esses? Eu appareço em todos onde se reune gente e não te vejo em nenhum.

Sorrio-se como quem fosse apanhado n'uma ingenua fraude e depois continuou:

—É verdade, não tenho frequentado o Marrare, o theatro, o passeio, nem a casa da neve.

—O que equivale a dizer que não vaes a parte nenhuma onde se encontre alguem conhecido. Estarás tu apaixonado!

—E se assim fosse, o que dizias?

—Que era uma desgraça como outra qualquer.

—E a peior de todas as desgraças.

—Desconheço-te, dizes isso em tom excessivamente serio.

—É porque o caso é grave; oxalá que o não fosse.

—Se necessitas de um confidente, conta commigo;

a dôr gasta-se com o uso, como a materia bruta.

—Quando não é bastante forte, ou bastante longa para devorar o coração da creatura.

—Pois estás devéras reduzido a esse estado? Qual é a mão d'onde partiu a frecha?

Olhei para elle, vi-o triste e preocupado. Arrependi-me dos meus gracejos e disse-lhe:

—Sabes que sou teu amigo e acreditas de certo que desejaria servir-te fosse no que fosse.

—Sei-o, e foi por isso que te pedi que me acompanhasses. Tu vaes commigo a casa de... onde está Thereza, conheces?

—Perfeitamente.

—Onde ella está no ultimo periodo de uma doença mortal.

A voz tremia-lhe e via-se que continha as lagrimas com grande esforço.

—Mas, meu amigo, ha quatro mezes ainda que a vi, não ha dois talvez que lhe fallei e estava perfeitamente boa.

Foi uma desgraça, uma tremenda fatalidade; emfim saberás logo tudo; agora acompanha-me, vem commigo, não me sinto com animo de ir vêl-a só.

Calei-me, pasmado do que ouvia. Carlos firmou

a cabeça nas mãos e continuámos no mais profundo silencio.

Chegámos a Bemfica, parámos á boca de uma d'aquellas azinhagas, apeámo-nos, e seguimos para o logar destinado.

Agora o leitor vae saber a historia, contada com escrupulosa verdade.

II

Carlos vive ordinariamente na provincia, fruindo os bens de uma consideravel riqueza. Tem vinte e oito annos, é alto e admiravelmente bem feito; pallido, olhos rasgados, boca graciosa e fina, physionomia intelligente e aberta, cabellos e bigode negros. O seu unico defeito é a indolencia; essa domina-o a ponto de não ter feito conhecido o seu nome na imprensa, por preguiça de escrever. Entre a morte imminente e uma grande fadiga, talvez se resolvesse pela primeira. Fóra d'isto não ha ninguem nem mais affavel, nem mais honesto, nem mais generoso, nem mais valente.

No principio d'esta primavera, Carlos chegou a Lisboa. Um dia o horisonte appareceu desassom-

brado e risonho; no ar respirava aquelle perfume salutar e agradavel da estação das flores. Os dias antecedentes haviam sido chuvosos e carregados: o inverno terrivel. Carlos conseguiu vencer a sua querida indolencia e resolveu-se a fazer um dia de campo. Metteu-se no carro e disse ao cocheiro que se dirigisse ao sitio de... isto é, para uma vivenda de recreio das mais bellas dos arrabaldes de Lisboa.

O seu espirito estava n'uma singular disposição. O campo, as flores, o perfume das veigas, o canto alegre e variado dos passaros, despertavam-lhe no espirito sensações agradaveis e dolorosas ao mesmo tempo, acordavam-lhe na alma os puros sentimentos da primeira quadra da juventude.

Entrou sósinho por uma das alamedas onde as olaias se cobriam de rubor como envergonhadas de terem visto florir mais cedo a amendoeira, e onde os rouxinoes improvisavam inspiradas e melancholicas estrophes. Apenas havia dado alguns passos, quando sentiu sobre a direita o ranger de sedas, e o murmurio de vozes feminis.

O coração bateu-lhe alvoroçado como o de um rapaz de quinze annos quando se encontra diante da mulher cujos olhos lhe accenderam n'alma a chamma

do primeiro affecto. Riu-se do seu estado de pieguice sentimental e continuou na digressão bucolica. Ao voltar da alameda deu de frente com a familia do commendador L... sua antiga e intima conhecida. Saudaram com phrazes aquelle imprevisto apparecimento e instaram-o para que os não abandonasse na sua partida campestre.

N'este momento as mesmas vozes, que tinha escutado atravez das arvores que orlavam a rua onde passara, sentiu-as junto de si. Era uma das filhas da familia com quem se juntara e Thereza.

Carlos ouvira fallar muitas vezes d'ella, mas não a conhecia pessoalmente. É tempo de fazermos o seu retrato.

Thereza tinha dezeseis annos apenas. Era baixa talvez, porém de tal modo proporcionada, que á primeira vista parecia alta. Olhos suaves, escuros e longos. As rozas da plena juventude affrontavam-lhe as faces, onde respirava a felicidade e a innocencia. A bocca breve, graciosamente recortada e vermelha, os dentes admiraveis, cabellos loiros cendrados, finos e um pouco annelados.

Thereza viera passar o dia com a familia com quem Carlos tinha relações. Foi-lhe apresentada. A inge-

nua menina corou excessivamente, na occasião em que lhe dirigiu algumas palavras de mero cumprimento. Depois fez-se pallida como um lyrio e firmou-se no braço da sua amiga, que lhe disse o que quer que fosse em voz baixa e com sorriso malicioso.

Carlos pareceu-lhe o sol mais brilhante, o perfume das flores mais vivo, o canto das aves mais alegre, e principiou a fallar em tudo com certa volubilidade que lhe não era ordinaria.

O commendador pediu-lhe que desse o braço a Therêza. Carlos dirigiu-se a ella.

Um tremor rapido, mas forte, agitou a encantadora menina. Carlos ficou perplexo; a torrente da sua eloquencia estancou-se de subito e ambos caminharam alguns momentos calados.

Por mais que procurasse não achava uma phrase, elle, cuja conversação facil e elegante todos admiram.

Porfim rompeu o dialogo por uma banalidade propria de um rapaz que sáe do collegio.

—Está o dia tão bonito!

—É verdade.

—Gosta do campo?

— Immenso.

—Não sei como ha quem possa ficar na cidade n'um dia d'estes.

—Mas segundo me consta, d'esde que veio da provincia ainda não tem saido de Lisboa.

—Os dias tem estado tão maus!

—O inverno foi terrivel.

—Por isso mesmo a primavera deve ser mais agradavel.

—Não tem ido aos bailes?

—A nenhum.

—E conta ir ao d'esta noite?

—Faço tenção.

—Tambem eu.

Parece-me que não ha dialogo mais ingenuo, nem mais cortado do que este.

—Diga-me, tenciona demorar-se muito tempo em Lisboa? disse Thereza com voz um pouco mais tremula.

— Até ao principio do verão, o mais tardar.

—Em chegando essa épocha abandona sempre a cidade; tambem tem razão, faltam todos os divertimentos...

Carlos sentia-se de uma estupidez inqualificavel;

appellava para o céo, para a terra e para as flores; mas debalde, porque não encontrava uma imagem nem uma expressão feliz. Trasbordavam-lhe no coração os sentimentos, mas não sabia exprimil-os em palavras; resolveu-se por um supremo esforço a dizer isto mesmo a Thereza.

Chegavam n'este momento a uma pequena eminencia d'onde se descobria um variado e lindissimo panorama.

—Que bonita vista, disse Thereza cravando os olhos fascinados no mancebo.

—É verdade; admiravel. Ha dias, não sei se lhe succede o mesmo, minha senhora, em que o aspecto da natureza, risonho e bello como é hoje, nos produz uma tal impressão, que não podemos bem definir. Parece que a alma, avara do que sente, quer guardar o segredo da sua felicidade. O céo, o campo, as flores, fallam-nos, por assim dizer, uma linguagem desconhecida, que só o coração entende, mas que não pode exprimir-se em palavras. Vendo-me frio e indifferente na apparencia, talvez julgasse que era um d'esses homens destituidos de todo o sentimento, que passam a vida olhando com desdem para tudo que pertence ao mundo da imaginação,

e classificando como loucura e ridiculo o que é exclusivamente o bem e a existencia dos espiritos delicados.

Depois d'esta tirada digna de qualquer Werther em formato trinta e dois, Carlos olhou para Thereza, e viu os seus olhos cravados n'elle com uma expressão indefinita de intimo contentamento.

Animado por ella, o mancebo proseguiu:

— Vamos, não foi esta a idéa que fez de mim? não me suppoz destituido de toda a sensibilidade!

— Não, posto que fosse essa a opinião das pessoas com quem tenho fallado a seu respeito.

— Pelo que vejo não lhe era completamente desconhecido.

Thereza abaixando os olhos respondeu:

— Conhecia-o havia muito tempo.

N'esse instante, a filha do commendador, e varios personagens que se approximavam, vieram pôr termo ao dialogo.

III

Eu sou o homem mais desastrado que se conhece, em contar; digo as coisas sempre fóra de logar e de tempo.

Quando fallei de Thereza, devia ter accrescentado algumas circumstancias que são necessarias para cabal e clara intelligencia d'esta authentica narração.

Thereza era filha de uma das nossas mais distinctas familias. Seu pae homem de alta educação e fino talento.

Em 18... partíra para França deixando a filha com cinco annos, entregue aos desvelos de sua mãe. Esta educou-a até aos doze e morreu depois legando-lhe uma boa herança e entregando os cuidados do resto da sua educação a uma irmã, senhora de excessiva bondade.

O pae de Thereza morreu pouco depois.

A tia fôra o unico parente chegado que ficára á bella e até certo ponto desgraçada menina. É verdade que n'esta encontrou ella inteira a rica herança do affecto maternal. Thereza era dotada de sensibilidade extrema. Imaginação peninsular impressionavel e ardente. A sua educação, desenvolvida no seio d'aquelles dois entes que a idolatravam, tinha toda a finura, todo o esmero que é dado a certas e privilegiadas creaturas. Chegou aos quinze annos, foi um dia ao theatro, viu Carlos e o seu coração infantil bateu precipitado. Sincera, violenta, pura,

e instantanea fôra a impressão. Viu o mancebo, e no seu porte elegante, na sua distincta physionomia, nos seus olhos negros e melancolicos decifrou os primeiros mysterios do amor. Elle com a sua habitual indolencia correu os olhos pelos camarotes e não attentou na seductora figura da sua ingenua admiradora. Thereza, que se tinha visto contemplada com enthusiasmo por todos os espectadores, tão indifferentes para ella, sentiu cerrar-se-lhe tristemente o coração quando reconheceu que o moço provinciano desviava os olhos d'ella sem lhe prestar a minima attenção.

No dia seguinte, a filha do commendador, sua amiga intima, foi visital-a. Thereza deitou-se-lhe nos braços chorando como uma creança e contou-lhe tudo. Historia simples, mas sentida e verdadeira, como os affectos d'aquelle coração apenas entrado na adolescencia.

Decorreram não sei quantos dias, no fim dos quaes foi uma tarde ao passeio. A sua presença era sempre saudada com enthusiasmo pelos leões da capital. Perfilaram-se em linha de batalha, assestaram as lunetas, adocicaram as cortezias, e ella atravessou por meio d'elles elegante, vaporosa, inno-

cente e bella como essas visões que nos apparecem em sonhos, sem lhes dar a mais pequena importancia.

No fim de um quarto de hora Carlos entrou e parou junto d'ella; Thereza estremeceu, apertou o braço da sua companheira e disse-lhe ao ouvido com voz balbuciante:

—É elle.

O acaso tinha feito com que o nosso heroe fosse incumbido por um amigo de tratar d'uma questão de honra e vinha ali procurar as testemunhas contrarias, na resolução de sair em continente com ellas e dirigir-se ao sitio aprasado, para regular as condições do combate que devia dar-se no dia seguinte.

Como é de suppor, estando preoccupado por um negocio serio, não prestou grande attenção aos circumstantes. D'esta vez ainda passou indifferente por diante de Thereza.

—Vês, nem ao menos faz reparo em mim, disse ella á sua amiga.

—Dizem que é um homem sem coração; não consta ainda que mostrasse sympathia por ninguem; deves esquecer-te d'elle...

—É impossivel, e quando podesse não o queria; continuou a pobre menina, reprimindo a custo duas lagrimas que lhe inundaram as brilhantes pupillas. É pelo ver sempre triste e indifferente com todos que eu o amo e cada vez mais. Olha, desde aquella noite que se me não tira a sua imagem do espirito. É a segunda vez que o vejo e acreditas? se me dissessem agora que deixasse tudo por elle fal-o-hia sem hesitar.

Passaram-se as semanas e os mezes; Carlos regressou para a provincia, voltou no anno seguinte emfim, e ella no mesmo estado. Ia a toda a parte porém raras vezes o encontrava; no silencio e na ausencia a paixão tinha lavrado com prodigiosa intensidade. Nas *soirées* e nos bailes, não o vira tão pouco; o acaso fez emfim com que n'esse dia lhe podesse fallar. Agora comprehenderá o leitor a agitação, a pallidez subita, o desconcerto e alvoroço em que ficou Thereza quando inesperadamente o viu junto a si, fallando-lhe e offerecendo-lhe o braço.

IV

As horas d'esse dia passaram rapidas. Os olhos de ambos tinham revelado o que as palavras não

poderam dizer; por vezes o mancebo a surprehendera contemplando-o em extasis.

O sol começava a declinar no firmamento esmaltando as nuvemzinhas de variadas cores; das plantas e das arvores em flor rescendiam perfumes mais suaves. Chegara o momento de se separarem: o resto dos personagens havia-se casualmente desviado e elles acharam-se completamente sós.

Carlos depois de alguns instantes de hesitação rompeu o silencio:

— Ha apenas algumas horas que fallámos pela primeira vez e comtudo atrevo-me a revelar-lhe sem hesitar os meus sentimentos. Amo-a, Thereza, e com todo o ardor da minha alma. Amo-a, e n'esta hora seria um infame se lhe não dissesse inteira a verdade. Eu já me não pertenço; desde a infancia que minha mãe me destinou uma mulher, um anjo de ternura e bondade, que espera descuidada e alegre pelo dia em que possa ser minha á face de Deus e do mundo. — Enganal-a fora uma covardia indigna do meu caracter. Quando era livre acceitei sem hesitar, jurei amparal-a com o meu nome e com os meus haveres a ella, pobre, desvalida orphã. Até hoje passei frio e indifferente por todas as

mulheres; não amava a que me tinham destinado mas pertencia-lhe pelos laços da amizade sincera e intima. O calor suave d'este affecto bastava para me desviar de inclinações passageiras. A fascinação dos seus olhos acabou n'um instante tudo. Concentrados no fundo do coração, os sentimentos atearam-se vivos e ardentes n'um olhar de paixão. Podia adivinhar o futuro, e devo agora fugir como um covarde diante do sacrificio?

Thereza encarava-o com os olhos orvalhados de lagrimas, porém lagrimas que pareciam derivar sem esforço, e sem magoa. Um sorriso de resignação sublime alegrava os seus labios desbotados.

Era o anjo das emoções divinas que tinha descido á terra para lhe fazer conhecer o amor, e provar-lhe que este é sempre pequeno e vão quando se não mede pela intensidade do martyrio.

—Sabia tudo, conhecia a sua historia, disse ella pegando-lhe na mão com infantil intimidade. A confissão que acaba de fazer-me veio confirmar-me na idea que tinha da nobreza do seu caracter. Sou feliz, mais feliz n'este instante do que nunca suppuz que o poderia ser no mundo. Admira-se? Não julgava que houvesse uma mulher capaz de compre-

hender o amor d'este modo? Poucas serão, é verdade, porque ha sempre um fundo de egoismo no seu affecto. Eu desde o primeiro instante em que o vi amei-o como agora, como hei de querer-lhe até o fim da vida. Indaguei, e soube a sua posição. Vi desde logo que para mim não podia haver felicidade na terra, senão quando tivesse a certeza que este affecto, que esta *adoração* era correspondida; senti-me grande medindo toda a violencia do sacrificio que me esperava e achei que o meu amor era digno d'elle. Pertenço-lhe como uma escrava. Sou feliz adorando-o e tenho plena confiança em Deus que me hade levar do mundo sem que a sombra de um desgosto vá pertubar a felicidade d'esse anjo que deve acompanhal-o na vida.

Carlos tinha perdido completamente a consciencia do mundo exterior e chegou a julgar-se transportado a outras regiões.

O som d'aquella voz, a expressão d'aquelles olhos, o sentido mysterioso d'aquellas palavras enleavam-no a ponto de suppor que estava mais sob a influencia de um sonho, do que na presença de uma realidade.

A filha do commendador, boa e affectuosa amiga

de Thereza, veio prevenil-a de que se approximavam algumas pessoas.

—Até logo, disse Thereza apertando a mão do mancebo. Depois, em voz mais baixa, proseguiu: temos ainda diante de nós alguns mezes de completa felicidade.

Carlos separou-se d'ella, metteu-se no carro e chegou a Lisboa sem comprehender mais nada de tudo quanto se passara, senão que amava loucamente aquella mulher.

V

O leitor dispensa de certo a descripção minuciosa do baile em que os dois amantes se encontraram.

Eu conto, do melhor modo que sei, uma historia simples e profundamente triste. Quando mesmo podesse enredal-a, creando lances e situações novas que prendessem a attenção e augmentassem o interesse, não o faria. Era tirar-lhe o unico merecimento que pode ter, o da verdade, que é a coisa mais singela que se conhece.

O baile era em casa de um alto personagem. Havia musica na entrada, vasos de flores nas escadas,

lacaios sumptuosamente fardados, salões esplendidos, ceia lauta, vinhos generosos. Homens politicos arreados de commendas e veneras; mulheres supportaveis, interessantes, provocadoras, bonitas em pequeno numero; formosas em mais pequeno ainda; espirituosas sem pretenção rarissimas.

Vestida de branco (o branco é a toilette classica das virgens, o trajo invariavel dos anjos), vestida de branco, pois, entrou Thereza na sala, com uma simples grinalda de flores agrestes imitadas pela mão do nosso insigne artista Constantino. Era a simplicidade encantadora das figuras que apparecem nos idylios de Theocrito e de Gesner. Resplandecentes como duas estrellas nas noites placidas de estio, os olhos brilhavam animados de expressão indefinivel. Exprimam o prazer ou o sacrificio? Revelavam dôr intensa, ou contentamento intimo? Era a virgem sorrindo ás fascinações do mundo, ou o anjo deplorando as miserias da terra?

Não sei!

Poucos minutos depois appareceu Carlos encostado ao hombral de uma das portas da sala do baile. A bella physionomia d'este revelava a paixão, o sobrasalto, o contentamento, a dôr porventura, to-

dos os sentimentos emfim, que se fundem a um tempo no coração do homem em certas crises solemnes da vida; mas que são naturaes, comprehensiveis, terrestres.

Os olhos d'ella cravaram-se nos do mancebo, e um leve acéno indicou-lhe que viesse sentar-se a seu lado.

—Dancemos esta *valsa*; vamos, não sente a musica?

E erguendo-se airosa como a rola que vae levantar o vôo, deu o braço a Carlos.

A maior parte das vezes a dança é uma sensaboria como outra qualquer; outras é um prazer do céo. Quando os braços tremulos de dois amantes se enlaçam, quando o seio da mulher que adoramos palpita anhelante sobre o nosso, e as melodias de Sttraus ou de Weber resoam languidamente, digam-me se os minutos que passam rapidos n'algumas voltas vertiginosas, não encerram delicias indisiveis?

A valsa terminou; d'ahi a pouco affluiu um cardume de *conquistadores*, junto de Thereza, pedindo-lhe a primeira mazurka, a primeira polka, etc. etc.

—Não estou decidida a dançar mais esta noite;

foi a concisa resposta que deu a cada um de per si.

—Pois não dança mais, disse Carlos admirado; veja que se compromette e por minha causa.

—Quando assim fosse, que me importa a mim a opinião dos outros?

—Mas dos seus parentes, dos seus conhecidos.

—Parentes... tenho apenas minha tia, e essa já sabe tudo; os conhecidos são-me completamente indifferentes.

Carlos continuava a pasmar com aquelle incrivel procedimento.

—Thereza, disse elle, n'uma explosão de sentimento, tu és um anjo de bondade e formosura que eu sou indigno de possuir, que devo adorar de joelhos e a quem vou sacrificar tudo... Que é isto, santo Deus? preseguiu elle mudando repentinamente de tom.

Thereza estremecia como arbusto novo sacudido por subita rajada de vento, e tornara-se pallida como se estivesse prestes a perder os sentidos...

—Que é isto? continuou elle pegando-lhe na mão com impeto.

—Nada, é que não quero que me falles nunca em sacrificios que venham de ti; sacrificios que vão

recair inteiros sobre duas innocentes, *ella* e tua mãe; fatalidade de que eu sou unicamente a causa, desde o primeiro desvario que tentes fazer. Olha, sinto-me com força para soffrer tudo, menos o peso dos remorsos. O amor perde a sua natureza celeste, torna-se pequeno e vulgar quando se mancha na culpa. Não é verdade que a tua alma comprehende isto?

— Comprehendo tudo que vem de ti, respondeu Carlos com a sinceridade da paixão.

— Bem, respondeu ella; e as rosas foram-lhe assomando ás faces, puras e coradas.

O baile terminava; os dois amantes estavam proximos de uma janella: os alvores do dia vinham rompendo.

Thereza disse para Carlos:

— Hoje em minha casa; sou avara de todas as horas em que possa ver-te a meu lado, porque o tempo passa rapido e sobre tudo o da felicidade. És meu, sou tua; e quando o amor é assim, puro e santo como o nosso, abençoa-o Deus, porque é obra sua.

A tarde d'esse dia chegou, e Carlos dirigiu-se a casa d'ella. Thereza esperava-o na varanda; rece-

beu-o só na sala e sentou-se no sophá ao pé d'elle com a mesma liberdade e confiança do que se fosse sua irmã. Que tinha de facto a receiar aquelle anjo, a não ser que fosse um malvado o homem que tivesse junto a si? A tia appareceu no fim de algum tempo, e tratou Carlos como um amigo já intimo de sua casa. A impaciente alegria da creança não é superior á que Thereza sentia. Quando caiu a noite chegou-se ao piano e soltou a voz admiravel; Carlos comprehendia a existencia do paraiso revelada pelo amor d'essa mulher. O mundo não existia para elle fora do ninho onde se abrigava aquella pomba do céo. O passado havia-se-lhe varrido da memoria e os desejos do porvir não existiam para elle, absorto como estava nas commoções divinas do presente. Ai! da hora em que o futuro rasgasse o véo que occultava a realidade! Estaria longe ainda? poderia ou não o acaso, ou o tempo resolver esse tremendo problema da sua vida? Quem sabe? talvez; e um clarão de esperança, uma illusão lisonjeira vinha afagal-o nos instantes em que a razão lhe deixava ver claramente as coisas. Ha muita gente a quem succede o mesmo, sobretudo aos infelizes que tiveram a desgraça de nascer com uma

pouca mais de sensibilidade na alma, e de viveza na imaginação. Ella é que via tudo com prodigiosa lucidez e apezar d'isso nem uma nuvem carregava a serena felicidade que transparecia no seu rosto.

A expressão de contentamento era a mesma, sim; a alma exempta de magoas parecia brilhar nos olhos; mas a vida? O carmim dos labios, o rubor das faces desvanecia-se gradualmente!

Era a rosa cujo tronco estalou subita refrega, e que apenas desabrocha, na força do seu perfume, no viço da sua formosura explendida, tem de acabar quando os raios brilhantes do sol, o canto alegre das aves, o doce fremito da aragem, a vida, as illusões emfim, vem saudal-a.

Os olhos anciosos de Carlos, anteviam em cada symptoma a catastrophe que devia pôr termo ás unicas e tão rapidas alegrias da sua vida.

Algumas palavras que Thereza deixava cair ao acaso accendiam a luz da realidade fatal no seu coração illudido até ali pelos sonhos de enganadoras esperanças.

Então uma vida de continuos sobresaltos, de constantes amarguras começou para elle.

Uma tarde o sol mergulhava-se nas aguas, e as

nuvens caprichosas do firmamento matizavam-se de côres melancolicas. Thereza estava ao pé d'elle. O azulado das palpebras, a pallidez das faces, a morbida expressão dos olhos, denunciavam uma causa occulta de enfermidade grave.

— Thereza, disse elle reprimindo a impressão violenta; tu soffres, minha vida; em tão poucos dias tens feito uma differença incrivel; é preciso que o medico venha ver-te ámanhã.

— O medico? e o que póde elle fazer?

— Restabelecer-te em breve, prevenir a tempo uma indisposição, que despresada talvez seja fatal.

— Temos ainda mais de um mez diante de nós; depois...

— Depois, querida, pode ser já tarde.

— Depois, tu vaes-te, e eu continuo a ver-te d'ali, proseguiu ella cravando os olhos no céo, onde as estrellas começavam a acender-se.

Carlos estremeceu como se a ponta de um punhal o tivesse ferido no coração.

Ella córou excessivamente, levou ambas as mãos á fronte, e disse como se fallasse comsigo mesma:

— É preciso, devo fazel-o, mas não tenho força,

VI

No dia seguinte, Carlos recebeu esta carta, que deve explicar toda a extensão do sacrificio a que se votára a desventurada menina.

«Junho de 18..»

«O medico esteve aqui, meu Carlos, e ordenou que partissemos immediatamente para o campo; depois foi fallar em segredo com minha tia, não sei o que lhe disse, mas sei, coitada, que a affligiu porque tinha os olhos inchados e vermelhos de chorar.

«Pobre amiga!

«Carlos, meu Carlos! de joelhos, por Deus, por tua mãe, por *ella* e por mim te peço perdão n'este instante. Não posso durar senão mais algumas semanas: a morte é inevitavel. Sei o dia preciso em que hei de morrer, a hora e o momento.

«Presenti-o no instante em que te vi pela primeira vez. Sube-o com certeza n'esse dia (ha tão poucos ainda!) e n'essa noite, a mais feliz da minha vida, em que o nosso amor se revelou. Ninguem me disse que estavas para casar, fui eu que adivinhei tudo. Sabia que era um anjo de formosura e bondade a mulher que devia pertencer-te e tinha a certeza tambem de que não a amavas.

«Já vês que não podia ter ciumes de um coração que me não roubava a minima porção do affecto que eu queria que fosse exclusivamente meu. Já vês que não havia sacrificio da minha parte, visto que o *egoismo* estava satisfeito.

«Agora ouve: a voz que me disse no intimo da alma «este é o unico homem que tu has de amar» foi a mesma que me revelou tudo: a tua historia, e a minha. Vi então que podia ter dois mezes, o tempo que te demorasses em Lisboa, de completa e indisivel felicidade. Depois d'elles a minha vida o que seria, senão um insuperavel obstaculo ao bem do teu futuro, ao cumprimento dos teus deveres, á tranquillidade da tua consciencia?!

«Emquanto o meu amor não fosse perturbar a existencia dos entes que te pertencem pelos laços das affeições mais caras, Deus devia abençoal-o do céo, porque era uma coisa inoffensiva e santa; desde o momento em que ouzassse ferir a sensibilidade de duas almas virtuosas e innocentes, tornava-se um crime imperdoavel. Lembras-te quando te disse que me achava com força para supportar tudo, menos o remorso? É verdade, Carlos, não a tenho.

«Em setembro d'este anno (tu não m'o disseste,

mas eu seio), devia ser o teu casamento. Retardal-o não seria dar mais alguns dias de lagrimas e anciedade ao anjo que te acompanhou desde a infancia, e que espera anhelante pelo momento de vêr realisados os seus mais bellos sonhos, as suas mais queridas e lisonjeiras esperanças?

« Se a Providencia, por piedade, por commiseração me não levasse da terra, sei eu se teria ciumes d'ella? Se, nos desvarios do meu querer insensato, cegaria a ponto de procurar roubal-a dos teus braços e despenhar-te commigo n'uma vida de pungentes remorsos e constantes sobresaltos! Não vou continuar a ver-te, a seguir-te em espirito, a ser tua do mesmo modo? Não sinto que o teu coração se ha de conservar constante á memoria do meu affecto? Não seria bastante esta certeza para satisfazer a ambição mais exagerada? A saudade da minha ausencia, porque tu vaes deixar de ver-me, dize, não será mitigada quando tiveres a convicção que sou feliz, por que Deus perdôa áquelles que erraram pelos desvarios do coração, mas que souberam purificar a culpa nas amarguras do sacrificio? Responde, meu pobre Carlos, o que seria o meu amor se te houvesse levado a commetter crimes e miserias? Não haveria

uma hora na tua vida, quando mesmo me apertasses com extremo nos braços, em que a consciencia te dissesse que eu era indigna de ti?

«E que felicidade podia ser a nossa, nascendo das magoas de uma innocente trahida, e tendo origem nas lagrimas do mais santo de todos os affectos, o affecto de mãe?

«Saber que sobre a pedra do meu tumulo não pesam as maldições de ninguem, dize, querido da minha alma, não fará que vás com mão segura, com a benção nos labios, depôr sobre elle a corôa de saudades?

«Durante os breves dias que vivemos juntos, não fui tua como poderia sêl-o de um irmão extremoso? Não te deixo a minha imagem? não podes ser feliz com ella? A morte ou a vida! morre porventura o espirito!... Pertenci-te jámais de outro modo?

«Tu vaes separar-te para algumas leguas de distancia, vaes levar a felicidade a uma pomba que te adora, realisar os desejos puros e ardentes de tua mãe; eu separo-me tambem, levo commigo a tua imagem como unica recordação querida da terra. Não me tens durante estes dias para te consolar, e não te ficam no mundo esses dois entes em

cujo seio deves encontrar ternura e amor eguaes aos meus? Agora perdôa a illusão em que te mantive algumas horas. Quiz ao menos provar a felicidade que podia ser mais duradoira se o destino me houvesse sido mais propicio.

« Este egoismo, se assim se lhe pode chamar, é toda a minha culpa, culpa que se vae punir com a morte, e sobretudo com a saudade de me separar de ti. »

Thereza.

Carlos depois da leitura d'esta carta não teve força de soltar um suspiro, nem de derramar uma lagrima.

Ha instantes destes, quando uma dôr tremenda nos colhe de subito, paralisam-se todas as faculdades de sentimento durante algumas horas, até que a explosão rebente.

O mancebo conservou-se pois n'esse estado, que é similhante ao da natureza no espaço de tempo que precede as tempestades terriveis. Pallido como um cadaver, os olhos amortecidos, os labios entre-abertos, a respiração oppressa. Mais alguns minutos em que a dôr se não expandisse em lagrimas e teria deixado de existir.

Essas chegaram finalmente. Era o momento de exclamar como Eurico:

«Que fôra a vida se n'ella não houvesse lagrimas!»

VII

Decorreram os dias, e chegou aquella tarde em que encontrámos Carlos.

Thereza estava proxima do termo fatal.

Deve lembrar-se o leitor que acompanhámos o nosso particular amigo até Bemfica, que nos apeámos á entrada de uma azinhaga na intenção de seguirmos os dois para casa d'ella.

A minha boa estrella tinha-me reservado esta scena, que é das mais afflictivas a que tenho assistido.

Chegámos á porta. Carlos fôra mudando de côr proporcionalmente, e no momento de tocar á campainha o suor frio e conglobado em grossas bagas alagava-lhe a fronte.

Subimos. Um criado apontou para o jardim e Carlos fez-me signal que o seguisse.

Thereza estava ali, no seu logar habitual debaixo de uma especie de caramanchão vestido de arbus-

tos viçosos e floridos. Assim que viu Carlos fez um esforço como para erguer-se, mas tornou a cair desfallecida. O mancebo correu a ella e tomou-lhe ambas as mãos. Thereza reconhecendo-me, pediu-me por um aceno amigavel que me approximasse.

— Fez bem em vir acompanhal-o ; disse ella, pegando-me affectuosamente na mão.

Eu estremeci olhando-a, não porque a morte se manifestasse n'aquelle rosto em toda a sua pompa funebre, mas porque havia n'elle uma expressão indefinivel.

Era o lyrio sacudido pelo vendaval e cahido no chão; era o ultimo clarão do sol desmaiando nas veigas; era um raio da lua no ultimo periodo do seu mingante, tudo em fim que está proximo a extinguir-se, porem bello, puro, suave como viveu.

— Esperava por ti; não é verdade que has de acompanhar-me hoje?

— Como sempre; disse Carlos, com voz completamente transtornada.

— D'aqui a tres dias faz annos tua mãe.

— É verdade.

— D'aqui a tres dias deves estar com ella.

— E tu, filha, queres que te abandone?

— Sou eu que vou deixar-te, Carlos. Não posso illudir-te, sinto que vou morrer e dentro de poucas horas.

Isto fôra dito com uma convicção tal, que não deixava duvida possivel.

Agora o leitor dispensa-me a narração dolorosa da agonia d'aquelle anjo, que abandonou a terra com o extremo expirar da tarde, bella como certas flores que desabrocham com a aurora, e morrem com o crepusculo.

Quando se fallou da sua morte disseram tudo, menos a verdade, como sempre.

E Carlos? Carlos encontrei-o na provincia o anno passado. Não voltou mais a Lisboa.

Está solteiro ainda.

O Bussaco

I

Eram 10 da manhã de um dia de maio do anno do Senhor de 18... quando eu e o meu amigo R. C. chegavamos á porta do convento de Santa Cruz do Bussaco. Em primeiro logar permitta-me o leitor condescendente um leve esboço do meu companheiro de viagem.

Supponha um homem de estatura menos que o regular, porem agil e proporcionado; nariz ligeiramente aquilino, bocca espirituosa, bigode farto e negro, olhos garços de uma viveza admiravel, testa espaçosa e cortada por aquella veia tumida e perpendicular, veia fatal, que, segundo os phrenologistas, caracterisa os doidos e os poetas.

Este era ambas as coisas.

N'esse mesmo anno havia entrado pela primeira

Subimos a cavallo até um terço da encosta, e apeamo-nos á porta do humilde convento, hoje desmantelado e deserto.

Um veterano invalido, que accumulava as funcções de *cicerone*, veio pôr os seus serviços ás nossas disposições. Era o unico vivente humano que existia n'aquella mansão de paz. Aceitamos de boamente, e sentamo-nos a descançar por algum tempo sobre os degraus da cruz erecta no adro, mutilada e denegrida pelo tempo, revestida de alguns troncos de viçosa hera, sempre constante e inseparavel companheira dos monumentos, quando a mão voluvel do homem os abandona deixando-os desabar em ruinas.

—Entremos na egreja, disse A... como acordando do profundo lethargo em que, fóra do seu costume, estava, havia largo tempo abysmado, vaes ver e admirar as imagens de que te fallei tanto.

Transpozemos os umbraes da porta e achámonos nos sombrios corredores.

A vista das cellas acanhadas e tristes, cada uma d'ellas com o seu pequeno jardim circumdado por altos muros, onde apenas se descobre uma nesga de céo, comprimiu-me a alma com um sentimento

profundamente doloroso. Ali passavam os pobres frades, com os olhos postos na cruz, que lhes apontava o longinquo horisonte da outra vida.

Quantos dramas despedaçadores se não dariam ali com um só actor e n'um theatro tão limitado?! Ás vezes a vontade inabalavel de um pae severo, outras os revezes do infortunio, e as mais d'ellas o amor de uma mulher, levava esses desventurados a procurarem, na penitencia e no martyrio, remedio energico para cicratizar as feridas que a mão da fatalidade lhes abrira no peito.

E encontral-o-hiam? Deus o sabe!...

O burel, que os amortalhava em vida, embebia as suas lagrimas ardentes, as paredes abafavam os gemidos da agonia e a dôr dos tormentos passava desapercebida aos olhos do mundo. E que ha n'elle para os infelizes? Fastigio? pompas? glorias? Ironia pungente que vem augmentar o soffrimento do que não pode já gozar dos seus vãos prazeres. No mundo é preciso comprimir o pranto, calar os gemidos para que se não riam d'elles. Assim vale mais a solidão, a cella humilde, o esquecimento total dos homens.

II

Ha tres imagens ali, modeladas em barro, que são tres primores d'arte; vieram de Italia, segundo me disseram, mas não pude saber o nome do auctor.

As tres imagens são: a Virgem da Soledade, São Pedro e Santa Maria Magdalena. Farei menção das duas ultimas em particular, porque me surprehenderam, e me tiveram pasmado tempo infinito.

Balzac diz « As lagrimas do velho são raras, delgadas; rolam entre as palpebras, humedecem-as, seccam-se, renascem; mas nunca se deslisam pelo rosto faceis e abundantes como as da creatura joven. Ultimos orvalhos do outono humano!»

Como o desconhecido artista italiano realisou na sua obra esta observação do grande escriptor francez! A figura de S. Pedro representa o momento preciso em que o gallo canta pela segunda vez. Contrahida pela dor, supplicante e arrependida, a sua physionomia ergue-se a implorar perdão ao céo por haver negado a Christo.

Oh! como o esculptor foi sublime nos toques magicos que estampou n'aquelle rosto!

A bocca, entre-aberta pelos transes da agonia intima, parece que vae exhalar o ultimo suspiro. Os olhos sumidos, torvos, encovados, onde uma lagrima forceja em vão para rebentar d'elles, e deslisar pelas faces lividas, cobertas com o suor da agonia, parece que nos estão dizendo as attribulações por que passava a sua alma. Os raros cabellos, que povoam a cabeça do allucinado apostolo, eriçam-se com o terror: as rugas profundas da testa espaçosa confrangem-se pela amargura, as mãos que apparecem lividas como a mão do morto, denunciam que o sangue, abandonando as extremidades, refluiu todo ao coração e ali, por instantes estagnado, tem suspensa n'um fio a vida.

Ha além d'isto uma tal expressão derramada pelo semblante que escapa á analyse.

Quando se desviam os olhos d'este vulto, e se cravam na figura da santa que fica fronteira, desafoga-se o peito da singular impressão que nos produz aquella vista. É tambem ella a imagem da dôr e do arrependimento, mas quão diversos estes sentimentos se manifestam ali!

A esperança, o nume consolador dos que soffrem na terra, vem illuminar suavemente o semblante ma-

cerado da infeliz Magdalena. As lagrimas, que não podem rebentar dos olhos do velho, correm abundantes e crystalinas pelas faces desbotadas da mulher joven ainda, a quem a mão da Providencia esclareceu com um raio da sua infinita misericordia, para a desviar do caminho enredado e cortado de abysmos no qual se transviara.

A figura apresenta-se um pouco mais do que a meio vulto. Um vestido de esparto resguarda o corpo da santa, emmagrecido pelas vigilias e padecimentos. A cabeça inclina-se languidamente sobre o lado direito, as longas madeixas de cabello loiro, basto, e annelado, descaem espargindo-se pelos hombros desalinhadas.

Como é divina a expressão dos olhos azues, que se cravam no livro procurando com difficuldade ler as orações santas atravéz das lagrimas que lhe empanam a vista! Olhos melancolicos, mas apesar disso illuminados pelos doces reflexos da esperança celeste. Quanta suavidade na carnação, onde se não ostemtam as côres esplendidas que denunciam a robustez da vida; mas que não é tão pouco livida, embaciada, mortal. Apenas as faces se alegram com a desvanecida côr de rosa; no resto do semblante pal-

lido descobrem-se atravez da delicadeza da pelle as veias azues. O sopro da vida vae-se extinguindo ali, suave e languidamente, como se extingue a flôr que sorri n'uma alvorada de agosto, que os raios ardentes do sol no crescer do dia, fizeram pender na haste, e que á tarde, quando chega a hora do crepusculo, quer animar-se com as brisas frescas da noite, mas já não tem seiva que a sustente, e assim descae do tronco, sem esforço, bellá, fragrante, mal desabrochada ainda. Quanta uncção no rosto! Quanta magia na bocca entre-aberta por um sorriso de dôr e de esperança ao mesmo tempo!

Oh! que só as santas como a Magdalena podem ser assim, e contudo (Santo Deus, perdoae-me se é uma blasphemia esta) eu já vi, ou me pareceu ver alguem que se assimilhava a essa imagem!

Fugi como um louco da sua presença, porque se não o fizesse, tel-a-hia amado com o fogo, com a paixão de que só são capazes os doidos e os poetas.

III

Partimos para a *Cruz Alta.*

Eu respirava com avidez o perfume acre do matto

bravo, que se levanta espesso e emmaranhado por entre os troncos agigantados da floresta virgem. Depois de termos caminhado largo tempo pelo dorso da montanha, chegámos ao viso onde está firmada a cruz, singela e humilde como aquelle que ahi se deixou sacrificar por nós.

Não menos agradaveis e vivas, porém bem diversas, foram as sensações que de subito me assaltaram o espirito.

Em volta de mim descobria-se quanto os olhos podiam alcançar. Os diversos accidentes de terreno, as variadas formas de cultura n'um circulo de muitas leguas, as casas d'esta e d'aquella povoação pittorescamente agrupadas, e por assim dizer encravadas no meio dos campos cobertos de relva, ou das searas que pullulavam ao calor benefico do sol ondeando suavemente com a brisa do norte, davam a esse panorama um aspecto seductor. Sentei-me nos degraus da cruz e puz-me a pensar. Em que? Não o saberei dizer! Era esse scismar vago que os francezes exprimem pela palavra *rêverie*; estado da intima e deliciosa poesia em que a nossa alma jaz absorta, situação em que o espirito percorre toda a escala das sensações delicadas, em que milhões de

quadros se grupam ante a nossa phantasia, risonhos como a esperança, suaves como a saudade, coloridos e brilhantes como a ventura; momentos em que o espirito sente e não comprehende, em que tudo é vago e indefinido para as nossas faculdades e apenas intelligivel para a consciencia.

Despertei d'este delicioso sonhar acordado á voz do meu amigo que disse:

—É cedo ainda. Queres ouvir uma historia que se passou aqui com um moço que eu conheci na minha infancia.

—Vamos a ella.

O poeta começou do seguinte modo:

IV

Na minha aldêa, no anno de 182... havia duas familias, ambas de illustre ascendencia, e que viviam alí com o modesto rendimento de alguns predios ruraes que tinham escapado ás extravagancias de seus maiores. Uma das familias era realista, a outra constitucional. A realista compunha-se de mãe e de um filho. O seu chefe perecêra, assassinado pelos liberaes no meio dos tumultos civis que prece-

deram a reação de 1823. Pae, mãe e uma filha constituiam a outra. Houvera alí tambem um filho: mas esse morrêra enforcado por se achar cumplice n'uma conspiração liberal.

Já vês que nenhuma d'ellas podia deixar de ter no fundo do coração grandes odios ao partido contrario. Diante d'uma erguia-se a imagem do cadaver de um pae: diante da outra a do cadaver de um filho.

Ambas as familias conhecendo-se de nome, vivendo vizinhas, vendo-se a todos os instantes, vieram por fim a contrair relações. Em politica é que não fallavam nunca, nem podiam fallar. D. Affonso de Menezes, era o nome do homem a quem tinham enforcado o filho por ser constitucional; Paulo, o do mancebo a quem haviam assassinado o pae por ser realista. Quando Henriqueta, mulher de D. Affonso, via Paulo ao lado de sua mãe, levando-a a passear á tarde por aquelles campos, amparando-a com o seu braço, affagando-a com as suas palavras, representava-se-lhe a querida imagem do filho, creança ainda, vindo alegre e descuidado arremessar-se-lhe nos braços, cobrindo-a de beijos, enchendo-a de caricias; e via-o depois, homem feito, subindo as escadas do

patibulo, com a alva vestida, encarando orgulhosamente as turbas, e protestando em nome de Deus e das idéas contra aquelles que o sacrificavam. O extremo arranco da agonia do filho, parece que o escutava n'aquelle instante o atribulado coração da mãe. Oh! então despregava os olhos d'aquelles dois entes, porque nos desvarios da sua afflicção como que se lhe representava n'elles o partido que levára seu filho ao cadafalso.

Era, porém, momentaneo isto, e a sua alma, rica de abnegação e de bondade, reagia contra aquelles tenebrosos pensamentos. Tornava a cravar n'elles os olhos, e não raro exclamava banhada em lagrimas:

— «Tambem a *ella*, coitada, lhe assassinaram o marido; tambem a *elle* o deixaram, tão moço, sem pae.» — E assim ficava até que Luiza, a sua filha querida, lhe vinha saltar ao pescoço, e derramar, com feiticeiras caricias, balsamo consolador na larga ferida que lhe traspassava o coração.

V

«Luiza... oh! se eu te podesse fazer o retrato de Luiza! Imagina uma creança de quatorze para quinze

annos, alta, elegante, proporcionada e flexivel. Pallida, mas não de certa pallidez que revela uma saude debil: pelo contrario, o seu rosto, da alvura particular e aveludada da camelia, animando-se com a a mais leve sensação, denunciava que um sangue puro lhe girava nas veias.

Se a visses doidejar como uma creança travessa por aquellas luxuriantes varzeas da minha aldeia, innocente, risonha, fresca cheia de vida! Se a podesses contemplar ao bater das *Ave-Marias*, rezando a poetica oração nos degraus d'aquella cruz, que se eleva a meia encosta, junto da qual estiveste já; se a podesses contemplar, com as mãos erguidas, com os olhos azues purissimos postos no céo, *bella, bianca vestita*, como diz o Dante, cuidarias ter diante de ti realisada uma das visões encantadoras que Shakspeare nos fez conhecer pelos doces nomes de Ophelia ou de Miranda.

Paulo fôra educado na côrte; seu pae, membro de uma das mais illustres familias de Portugal, consumira nos desvarios do grande mundo quasi toda a sua immensa riqueza.

Paulo tinha quinze annos, quando seu pae fôra assassinado; n'esse mesmo anno sua mãe viera com

elle para a provincia, e ali viviam os dois desafogadamente com os bens que lhes restavam.

Quando o vi pela primeira vez era eu uma creança; mas ficou-me tão vivamente impressa na imaginação a figura d'aquelle homem, que ainda hoje me parece que o estou vendo diante de mim. Os olhos eram negros e scintillantes como os de um arabe do Hedjaz ou do Yemen, a testa larga e proeminente, as sobrancelhas curvas e bastas, o perfil grego, a bôca graciosa e grave; pallido, excessivamente pallido, com uma grande expressão de melancolia derramada pelo semblante. Até hoje não tornei a vêr outra physionomia tão notavel como aquella. Nas linhas regulares do seu rosto quaesquer olhos descubriam á primeira vista os dotes de vasta intelligencia, de vontade inabalavel, de nobreza de caracter em gráu difficil de encontrar. Quando Paulo viu Luiza pela primeira vez era ella uma creança ainda. Tinha onze annos. Quatro annos decorreram sem que entre ambas as familias existissem outras relações que não fossem as de simples delicadeza.

Uma noite em que D. Affonso de Menezes recolhia para sua casa, foi assaltado por um bando

de homens, agarrado sem que pudesse resistir-lhes, e ia a ser assassinado no momento em que Paulo, passando a cavallo, cahio como um relampago sobre elles e conseguiu salval-o. D. Affonso, que era um nobre caracter, votára agradecimento eterno a Paulo; comtudo havia momentos em que elle quizera antes ter morrido do que dever a vida ao braço de um realista.

Desde essa noite as duas familias principiaram a viver nas mais estreitas relações. Luiza tinha quinze annos então.

VI

O coração de Paulo alimentava dois poderosos sentimentos: a amizade e o odio; a amizade a sua mãe, e o odio aos homens que tinham apunhalado seu pae, embora elle livido, banhado de sangue, no meio dos paroxismos da morte, lhe houvesse implorado perdão para os que o tinham cobarde e cruelmente assassinado.

Paulo não perdoára: o sentimento da vingança lá lhe estava no mais fundo do peito; elle esperava, apparentemente tranquillo, a hora de o poder satisfazer, porque sabia qual era a mão que descar-

regára o golpe sobre o coração d'aquelle que lhe havia dado o ser.

De outros quaesquer sentimentos estava a sua alma virgem. O amor... oh! esse existia para elle em sonhos; apparecia-lhe nas fórmas de creatura bella, de olhos languidos, de sorriso angelico, de vestes brancas, que vinha sentar-se-lhe ao pé horas e horas, olhando para elle meigamente, dizendo-lhe palavras incomprehensiveis, mas arrebatadoras. O amor, como todos nós o sentimos aos quinze annos, sentia-o elle já depois dos vinte cumpridos; isto é, vago, mysterioso, phantastico, como tudo quanto sonha a nossa imaginação.

O ente que realisasse n'este mundo os seus sonhos, com que energia, com que virgindade havia de ser amado por aquelle homem!

VII

Quando Luiza encontrava Paulo fazia-se vermelha como a romã. Elle seguia-a largo tempo com os olhos, em quanto ella corria pelas varzeas, pulava pelas margens do rio, ligeira como a gazella, virente como o lyrio, candida como a pomba.

Uma tarde Luiza e sua mãe foram com a mãe de Paulo até á egreja de Nosssa Senhora do Monte, que se abre para dar a festa dos trabalhadores, e que fica a meio d'aquella grande encosta, como tu sabes.

Era na primavera: não havia um palmo de terra, que na minha abençoada aldeia não estivesse coberto de relva e de flores.

A madre-silva pelo vallado, o sylvão florido pelo mato, a rosa agreste pelas campinas, exhalavam aquelles suaves perfumes, que aspirados na brisa fresca de uma bella tarde de abril nos embriagam suavemente os sentidos, e nos trazem á imaginação as scenas magicas da nossa infancia, e os dias felizes da nossa mocidade.

Paulo chegára mais tarde á egreja, e sentado no adro esperava por ellas, contemplando o firmamento que se esmaltava para o lado do poente de nuvens caprichosas e variamente córadas pelos ultimos esplendores do sol.

Sentiu um ligeiro rumor de passos ao pé de si: voltou-se. Era Luiza.

Ambos ficaram por momentos calados, depois ella, tremula, vermelha, perturbada, disse-lhe:

— Porque está triste? Não gosto de o vêr assim... já nos conhecemos ha tanto tempo e...

— E afflige-a a minha tristeza, Luiza?

— Se soubesse...

— O que?

— Nada... respondeu ella, fazendo-se escarlate como uma rosa de cem folhas.

N'este momento vinha saindo a gente da egreja: Luiza foi a correr para dentro; Paulo deixou-se cair sobre os degraus da cruz, pallido e vacillante como se uma vertigem o tivesse deslumbrado.

VIII

Amar com a virgindade dos primeiros affectos, entregar-se anhelante nos braços de uma mulher sem que atravez de suas feiticeiras caricias pretenda a duvida descobrir o perjurio; ter diante dos olhos o horisonte illimitado da esperança, vêr o mundo por um kaleidoscopo brilhante; eis no que se resume para nós a completa felicidade; dura pouco... tanto como os dias das nossas illusões!...

Paulo mais do que ninguem sentia isto tudo. Retirado do mundo aos quinze annos, sem ter gosado

nenhum dos seus prazeres, vivendo até aos vinte só com sua mãe no retiro de uma aldeia, passando os dias, ora lendo os poucos livros que possuia ou obtinha, ora caçando ou correndo a cavallo por aquelles suburbios, como o Raphael de Lamartine adivinhava essas esperanças e desillusões, esse enthusiasmo precursor do desalento, sem experiencias crueis, e só pelas revelações intimas de um engenho prompto, profundo e ardente.

Todas as paixões jaziam adormecidas na sua alma. O mais tenue incentivo devia acordal-as, mas acordal-as energicas, impetuosas, fataes talvez para elle. Foi o que succedeu.

Desde essa tarde a imagem de Luiza, o som de voz com que ella proferira aquellas palavras, a expressão de seus olhos timidos e innocentes, acompanhavam-no sempre. Eram deliciosos, posto que extranhos, os sentimentos que lhe tumultuavam no espirito.

Poucos dias depois encontraram-se ambos sós á janella. A lua resvalava no firmamento desassombrada de nuvens, e a viração fresca do norte rumorejava pelos arbustos que orlam as margens tortuosas do rio.

Calados se conservavam havia largo tempo; mas que palavras seriam capazes de exprimir tão eloquentemente os affectos que os agitavam, como os exprimia o olhar furtivo que de momento a momento relanceavam um para o outro?

Luiza foi a primeira a romper o silencio.

Tambem singular circumstancia é esta; a mulher, por mais timida, por mais inexperiente que seja, quando está ao pé do homem que ama, tem sempre mil coisas para lhe dizer, em quanto elle — o de mais espirito ás vezes — procura debalde nos recursos da sua imaginação uma phrase, uma palavra, e não a encontra, ou se a encontra é ordinariamente uma semsaboria.

— Agora, Paulo, « disse Luiza, agora então está mais triste do que nunca; se eu soubesse o que era preciso fazer para não o vêr assim... »

— Diga-me, o que faria?!

— Tudo, fosse o que fosse, tudo...

— Menos...

— Menos o que, Paulo?

— Menos amar-me, não é verdade, Luiza?

— Não.

— Então, ama-me?

Perturbada, tremula, com os olhos cravados no chão, proferiu, em voz quasi imperceptivel:

—Amo-o.

Paulo ao ouvir esta palavra magica apertou convulso as mãos de Luiza entre as suas. Com a adoração que se tributa ás santas se cravaram os olhos do mancebo nos olhos d'ella, e assim se conservaram os dois por largo tempo calados.

As flores da campina, a lua e as estrellas que tremulavam brilhantes no firmamento, foram as unicas testemunhas d'aquelles protestos de amor; amor ideal como o dos anjos, casto como o das virgens, cheio de enthusiasmo como o das santas.

IX

Fresca, como a rosa dos campos, innocente e alegre como a avesinha que esvoaça nos bosques, vinha ella ao cair da tarde esperar Paulo no adro da ermida, que ficava a poucos passos da casa.

Quando ambos se avistavam, com que arrebatamento, com que alegria corriam um para o outro! E ali, sem que a mais leve sombra viesse perturbar a sua felicidade se conservavam até que o sol es-

condendo-se no poente, e o solemne bater do bronze, dando o signal das *ave-marias*, lhes vinham annunciar o momento de se separarem.

Seis mezes decorreram assim: em todo esse espaço de tempo, nem um só dia deixaram de se vêr, nem um só instante de repetirem os juramentos que haviam mil vezes proferido.

Um dia Paulo foi a casa de Luiza; os acontecimentos de 1828 tinham-se succedido n'aquella semana.

O systema absoluto achava-se restaurado em Portugal.

Era á noite. Luiza estava só na sala, e sentada ao piano quando Paulo chegou. Pela primeira vez, havia seis mezes, tinham passado um dia todo sem se vêrem.

—Estava com cuidado em ti, Paulo, não vieste hoje, fui á ermida, e não te encontrei...

—Perdôa, Luiza. Tive de ir á cidade: passei por aqui, mas era cedo ainda: não te pude vêr... Se soubesses que saudades tive ...

—Devéras, Paulo? E eu.... pois se nós...

—Se nós não podemos viver um sem o outro! Naõ é verdade, Luiza?

E pela primeira vez, o mancebo imprimiu um beijo nas faces frescas d'aquella doce creatura.

Ella estremeceu ao sentir os labios ardentes do seu amante, e vermelha, agitada, com os olhos cravados no chão e arrasados de lagrimas, ficou por instantes calada.

X

Passaram quinze dias ; um dia pela manhã veio um criado a casa de Paulo com uma carta de Luiza : o papel estava humido de lagrimas, e continha, pouco mais ou menos, as seguintes palavras :

« Escrevo-te cheia de afflicção. Dentro em muito poucos dias temos de nos separar um do outro. O papá, quando hontem chegou a casa, disse que haviamos de partir para Londres, em consequencia d'estas coisas politicas. Não imaginas como passei a noite. Vem immediatamente ter commigo ao jardim. A mamã sabe já que te amo ; disse-lh'o eu. Oh ! Paulo, tenho esperança em ti ; tu não me abandones, seja como fôr, has de acompanhar-me. Vem, não te demores um instante. »

Paulo, quando acabou de ler esta carta deixou-se cair pallido e transtornado sobre uma cadeira. Minutos depois ergueu-se de repente e correu a casa de Luiza.

Ella já o esperava no jardim, debaixo de um caramachão que deitava sobre a estrada real. Assim que o avistou, correu anhelante, a lançar-se-lhe nos braços.

— Que é isto, Luiza, que succedeu; que mudança foi esta?! Parece-me um sonho tudo isto!?

— Tambem a mim, Paulo; mas infelizmente é uma bem triste realidade. Querem separar-me de ti, dentro de oito dias, ou menos talvez; mas tu...

— Eu... sou muito infeliz. Que hei de fazer?

— Que has de fazer? acompanhar-me seja como fôr; deixar tudo, e vir.

— Acompanhar-te! queres que abandone minha pobre mãe n'aquella edade, doente, e sem ter mais ninguem, n'este mundo?! Oh! Luiza!...

— Tens razão, Paulo. Oh! mas se eu me sinto morrer á idéa de me separar de ti...

— Luiza!

— Paulo!

E ambos cairam nos braços um do outro, e assim ficaram por largo tempo estreitamente abraçados.

XI

N'esse dia de tarde ella veio ás mesmas horas esperal-o no adro da ermidinha.

Quando Paulo a viu vestida de preto, com o rosto angelico banhado de lagrimas, abatido e demudado pela dôr, cuidou ter diante de si a imagem de uma d'essas virgens martyres, que appareciam nas poeticas legendas que sua mãe lhe contava quando elle era pequenino.

Tristes, desalentados, com o coração traspassado de angustia ficaram um ao pé do outro. Elle procurava debalde uma palavra de consolação para dizer-lhe; toda a energia do seu espirito se havia paralysado com a dôr d'aquelle inesperado golpe.

N'essa tarde, quando Luiza voltou a casa, sua mãe veio apertal-a nos braços, e disse-lhe com a voz cortada de soluços:

— Luiza, minha querida filha, é preciso que tenhas resignação. Quem sabe? Talvez que estas coisas mudem dentro em pouco...

— E quando nos vamos, quando disse o papá que haviamos de partir?

— D'aqui a tres dias, quinta feira, sem falta...

Então! olha que teu pae ha de affligir-se se te vir assim. Toma animo, o tempo vôa... De um momento para outro... minha filha, minha querida Luiza...

E a pobre da mãe amparava-a nos braços, animando-a e affagando-a como se fosse uma creança.

XII

Á noite estava Paulo ao pé de Luiza. Esta, correndo os dedos pelo pianno, exprimia, a compôr uma *valsa*, os sentimentos que agitavam a sua alma.

Eram melodiosas, gementes as estrophes d'aquelle canto; singelas, mas repassadas de sentimento como o coração d'onde partiam.

Luiza nascêra artista. Sem mestre, sem ter ouvido nunca os grandes musicos, apenas com algumas lições que sua mãe lhe dera, tocava admiravelmente.

Cada nota d'aquella *valsa* ficava para sempre impressa no ouvido, e no coração de Paulo.

E a imagem de Luiza n'esse momento? Oh! Quem poderia contemplal-a sem se sentir vivamente commovido por ella?!

A musica é a primeira de todas as artes que o

homem creou! Nenhuma exprime tão bem os nossos sentimentos; nenhuma nos falla tanto ao coração; nenhuma desperta sensações tão deliciosas na nossa alma!

A musica! Oh! quando a ella se reune a imagem de uma mulher que adoramos; quando longe, separados para sempre d'essa mulher, sentimos murmurar ás mesmas melodias que outr'ora escutámos a seu lado, com que saudade tão viva se nos representam na imaginação as scenas, que o tempo e a ausencia nos iam pouco a pouco oblitterando da memoria!

Quem ao ritornello de uma *valsa*, á harmonia de um romance, a este, ou áquelle fragmento de certa opera, não tem ligada a lembrança de uma mulher?!

Passaram-se dois dias: chegou a vespera da partida.

Tu conheces Paulo e Virginia; lembras-te da scena em que elles proferem o ultimo adeus sob as folhas verdes das bananeiras, em presença do mar, no meio d'aquella prodigiosa vegetação da America? Derramaste lagrimas, quando lestes aquella sublime elegia do coração? Pois se Deus me tivesse concedido o talento que concedeu a Bernardin de Saint-Pierre, escrevendo esta scena havia de te commover,

como te commoveram as paginas traçadas pelo admiravel escriptor.

Luiza descêra ao jardim pouco depois de ter dado a meia noite; e ali, só, esperava que chegasse Paulo.

Este, assim que sentiu bater a hora aprasada, dirigiu-se para lá.

Quando escutou os passos d'elle, quando o viu ao pé de si, sentiu abandonarem-na as forças e caiu desfallecida sobre um dos bancos do jardim.

Paulo tomou-a nos braços, encostou ao peito aquella cabeça adorada, e tornou-a á vida com os seus beijos de fogo.

— Luiza, Deus ha de ter compaixão de nós; talvez que eu possa d'aqui a pouco... se as nossas familias não seguissem opiniões diversas; se os realistas não tivessem condemnado á morte teu irmão e os constitucionaes não tivessem assassinado meu pae... podia eu ... podiam os teus...

— É verdade, Paulo, meu pae quer-te muito. Ainda hontem lh'o ouvi dizer; mas...

— Mas o que, Luiza, dize?

— Mas é que elle sabe tudo; sabe que nós gostamos um do outro. Não sei como o soube mas dizia...

— O que, o que? perguntou o mancebo com anciedade.

— Que não póde consentir nunca em similhante coisa, respondeu ella desatando n'um chôro que cortava o coração.

Paulo, ao escutar estas palavras, ergueu-se de um pulo, cruzou os braços, e ficou por alguns momentos calado, e livido como um cadaver. Depois, com voz abafada, e como fallando comsigo mesmo:

— Que deixe estar, que não se incommode com isso; não hei de ser eu que vá pedir-lhe a mão de sua filha...

Estas palavras foram ditas com tal orgulho, a sua physionomia assumira uma expressão de altivez e de severidade taes, que a pobre creança, quando olhou para elle exclamou aterrada:

— Jesus, meu Deus, se soubesse não te dizia...

— Fizeste bem; eu quasi que o adivinhava... Tenho a certeza agora... Não importa; antes quero isso.

— Luiza, proseguiu o mancebo depois de breve pausa, quero uma lembrança tua; seja o que fôr, que te pertença, que eu traga sempre no meu peito, sobre o meu coração; um annel dos teus cabellos.

— Aqui está, disse ella, desprendendo os braços

do collo do seu amante, e tirando do seio uma medalha. Aqui está; mas não, espera, este é o retrato...

— O teu retrato?

— Sim.

— O teu retrato, Luzia? como foi... foste tu que...

— Fui eu, sim, que o tirei a mim mesma. E este conhecel-o?

— É o meu, tal qual; nenhum retratista o tirava melhor... Luiza, querida da minha alma, exclamou o mancebo, apertando-a contra o peito e beijando-a com apaixonada effusão.

— Agora, Paulo, aqui tens o meu cabello; has de trazel-o sempre comtigo, sobre o teu coração como disseste? promettes-m'o? juras-m'o, sim?

— Sim, prometto, juro.

A luz pallida da lua illuminava suavemente aquelle grupo. Ella com os cabellos soltos, vestida de branco, parecia o anjo enviado á terra pelo Senhor, para acompanhar o mancebo na trabalhosa peregrinação da vida.

O som pausado e lento do sino da ermida, dando horas, fel-os estremecer a ambos.

Contaram uma, duas, tres: tres da madrugada! Chegava o momento fatal de se separarem.

— Tres horas; é tarde, disse elle com voz que forcejava por ser firme e vibrante; mas que lhe saía fraca e afogada do peito.

— São horas; não podemos estar aqui nem mais um instante. Dá-me um abraço. Adeus Luzia, até um dia; toma animo, filha, e escreve-me sempre muito!

Ella caiu nos braços do amante; as lagrimas estancaram-se-lhe nos olhos; o peito parecia que se lhe desconjuntava com o soluçar convulso; os labios procuravam debalde a fatal palavra, o adeus terrivel, e apenas articularam um gemido d'estes que partem direitos do coração.

Paulo desprendeu-se-lhe de repente dos braços, e desappareceu.

Então a pobre donzella çaiu desalentada e meia morta sobre um dos bancos do jardim.

Ás cinco horas da manhã, vinha a alvorecer, Luiza e sua mãe metteram-se em uma caleça e tomaram a estrada de Santarem.

D. Affonso de Menezes devia partir mais tarde.

Paulo, a cavallo, esperava na margem esquerda do rio, ao pé d'aquelle assude, que fica junto das *pontes*, que passassem Luiza e sua mãe.

Que alvorecer de madrugada aquelle!

Oh! que se as dores moraes matassem repentinamente o mancebo cairia fulminado ali, quando a viu a ella mais pallida do que os lyrios que desabrocham ao romper da aurora por aquellas devezas o mais abatida do que as rosas que o vendaval açouta, mais bella, mais adoravel na sua dor do que as virgens sacrificadas ao altar, dizer-lhe o ultimo adeus, acenar-lhe ainda de longe com o lenço branco, e cair depois desfallecida nos braços de sua mãe.

XIII

Passaram-se dois mezes; no fim d'elles Paulo recebeu uma carta de Luiza.

O mesmo amor, as mesmas saudades pungentes, os mesmos juramentos que lhe havia tantas vezes protestado, lhe renovava ella n'essa carta.

Depois correu um anno quasi, sem que Paulo tornasse a ter noticias d'ella.

A anciedade o frenezi delirante com que as esperava, o desespero de as não receber, emfim todos estes sentimentos, suppõe tu quão fortes os não experimentaria o apaixonado moço.

Passado um anno, exactamente no dia em que tinha recebido a primeira e ultima carta de Luiza, adoeceu a mãe de Paulo.

Fôra atacada de uma febre violentissima que ao cabo de tres dias malignou.

Os medicos declararam não haver esperança alguma.

Com o coração trespassado de augustia, a alma cheia de anciedade, o mancebo velou junto do leito de sua mãe.

Nos momentos em que o delirio cessava, ella pretendia com palavras de maternal affecto suavisar as dores que atribulavam o coração do filho.

Horas antes de morrer disse:

—Eu sinto que vou morrer; e por Deus, que me ouve n'esta hora extrema, te juro, filho, que não levo outra saudade se não a de te deixar... Ouve, espera; eu tenho vivido muito, demais... tenho soffrido muito na terra; assim o Senhor se amerceie de mim, e m'o leve em conta, agora que vou comparecer na sua divina presença. Não chores, Paulo, não chores; e por esta cruz jura-me que não has de attentar contra a tua vida, e que... juram'o, juram'o, has de banir para sempre da idéa os senti-

mentos de vingança que o teu coração alimentava?

— Juro, disse o mancebo com voz solemne e pausada.

— Ainda bem, filho da minh'alma; posso agora morrer; era isto o que me amargurava n'este momento supremo: nada mais; que eu sou uma grande peccadora, ainda mal! mas creio e sinto até onde chega a infinita misericordia de Deus.

Depois a sua physionomia decomposta pelos padecimentos, animou-se subitamente; sem esforço ergueu meio corpo na cama, lançou um dos braços ao pescoço do filho, com a outra mão apertou ao peito a imagem do Crucificado, e fez jurar ao mancebo o que lhe havia promettido, com as mãos sobre a cruz.

Em seguida deixou-se cair sobre o travesseiro, respirou mais alto, articulou algumas palavras, que Paulo mal pôde perceber... eram o adeus suspiroso d'aquella tão longa despedida. Depois um como soluço cortado, duas lagrimas humedecendo-lhe as pupillas, e nada mais!

Paulo ficára tambem orphão de mãe!

Immovel, com os labios lividos e entre-abertos, com a vista baça, com o rosto banhado pelo suor

da agonia, se conservou o mancebo por alguns momentos ao pé do corpo inanimado de sua mãe.

Depois arremessou-se sobre ella com desespero; partiram-lhe do peito esses gritos seccos e estridulos, que são o primeiro symptoma das terriveis tempestades da alma, sons que chegam ás entranhas de quem os ouve, e que ao soltarem-se parece que estalam as fibras do coração.

Quando os criados acudiram encontraram-no desmaiado, conduziram-no para o seu quarto, deitaram-no no seu leito: onde se conservou tres dias delirante. Assim que a violencia da febre cessou, e quando a sua razão lhe voltou clara outra vez, encontrou ao pé de si um amigo, que chegára de longa viagem, e que procurando Paulo, e encontrando-o n'aquelle estado, nunca mais abandonára a cabeceira do seu leito.

—Eugenio, foi Deus, que te trouxe; não me desampares, não te afastes do pé de mim, disse o mancebo, quando viu ao seu lado tão inesperadamente o amigo da infancia.

—Não, deixa estar, socega, trata de te restabelecer: venho viver aqui, e não te abandonava n'esse estado.

—Obrigado, Eugenio, obrigado. Tu sabes...

—Sim, sei tudo; mas é mister ser homem...

As lagrimas, que se haviam estancado nos olhos de Paulo, principiaram a derivar-se d'elles abundantes, dilatando-lhe suavemente o coração.

A imagem de Luiza! oh! essa imagem que lhe apparecia agora como unico fanal de esperança no sombrio horisonte da sua vida, viera com o doce pungir da saudade desafogar-lhe o peito do terrivel peso, que o esmagava.

No fim de quinze dias, encostado ao braço do amigo, saiu Paulo a respirar o ar fresco da tarde por aquelles campos.

Quando viu de longe a casa de Luiza, abandonada e deserta, quando alongou os olhos pelas campinas, pelas encostas, pelas margens do rio, onde outr'ora passára tantos dias de ineffavel felicidade, imagina o que não sentiria aquelle coração!

Quasi ao pôr do sol chegaram ambos ao adro da ermidinha. Paulo dirigiu naturalmente os passos para lá. Desde a partida de Luiza era aquelle o seu passeio favorito.

—Está muito mudado isto, disse Eugenio, depois de alguns momentos de silencio.

—É verdade, respondeu Paulo com tristeza.

—D. Affonso de Menezes foi para Inglaterra com sua familia.

—Já o sabes?

—Estive com elles em Londres, talvez não haja ainda tres mezes.

—Estiveste? perguntou Paulo, estremecendo involutariamente.

—Estive, e vi-os muitas vezes; a filha, que deixei aqui uma creança, custou-me a conhecel-a; achei-a já mulher feita, e linda como uma estrella. É verdade, tinha-me esquecido dizer-te...

—O que?

—Casou oito dias antes de eu partir para Lisboa, com um portuguez já edoso e rico, que se namorou da sua formosura.

—Casou quem, homem?

—Luiza, a filha de D. Affonso de Menezes; assisti ao seu casamento.

Apenas Eugenio acabára de soltar estas palavras, Paulo caiu redondamente no chão.

O amigo levantou-o nos braços, e procurou tornal-o aos sentidos. Vendo que Paulo não dava indicio algum de vida, chamou para que lhe accudis-

sem. Logo que os criados chegaram conduziram-no para casa. Passada uma hora, Paulo recuperava os sentidos. Eugenio, estatico diante d'elle, interrogava-o com os olhos.

O semblante do mancebo estava sereno.

Mas quando Eugenio ia a fallar encarou-o de um modo tão extraordinario, que elle não se atreveu a proferir uma palavra sequer.

Depois Paulo, correndo a mão pela testa coberta de suor frio, disse:

— Ha tempo que sou sujeito a ter estas vertigens; mas não é nada, em tomando ar, em socegando um pouco, fico totalmente restabelecido.

No dia seguinte, quando Eugenio foi saber do seu amigo, não o encontrou; perguntou por elle ao criado, e este disse-lhe que seu amo não ficára em casa, que já tinha percorrido varios sitios para ver se o encontrava, mas que não tinha podido obter noticia alguma.

Foram baldadas as indagações; Paulo havia desapparecido.

D'ali a muito tempo, Eugenio soube que o mancebo professára no *convento dos carmelitas descalços* do Bussaco.

XIV

O primeiro pensamento de Paulo, quando soube que Luiza tinha casado, foi o de suicidar-se.

Depois a imagem de sua mãe nos momentos antes de morrer, o juramento que lhe prestára sobre a cruz sacrosanta, a benção, que por ella recebêra com o ultimo suspiro dos labios maternos; toda essa scena em fim, que se lhe gravára tão profundamente no coração, lhe deu força para supportar o tremendo sacrificio da vida.

Sem um gemido, sem uma lagrima, sem um grito, que atraiçoasse as crueis angustias por que a sua alma estava passando, bateu Paulo á porta do humilde convento, e encerrou-se para sempre n'aquella lugubre clausura.

Quem póde fazer a historia de certos padecimentos? O maior physiologista do coração, o que tenha aprendido a conhecer pela experiencia propria, e pela observação nos outros, que coisa são certas dôres moraes, não seria capaz de exprimir n'esta arrevezada lingua, que fallam os homens, as attribulações, as agonias indiziveis, que se revolviam n'aquelle espirito.

Viste ha pouco esses corredores sombrios e abafadiços; faltou-te a respiração, quando entraste n'essas escuras e acanhadas cellas? Paulo, no fim de estar ali um anno, tinha os cabellos brancos, os olhos turvos e encovados, a pelle macilenta e enrugada!

Quem diria, ao vêl-o, ser esse o gentil mancebo, que havia apenas dois annos corria a cavallo pelas ferteis campinas da minha aldeia, agil, robusto, cheio de illusões e de esperanças no futuro!

Paulo cria em Deus, o seu espirito estava votado inteiro a elle; mas o seu coração!.. n'esse debalde procurava oblitterar o que havia de acerbo, de corrosivo e de mundano!

De noite, só, no pequeno jardimzinho proximo da sua pobre cella, cravando os olhos no curto espaço de céo, que os altos muros lhe consentiam vêr, que momentos, que horas de infinita amargura não passava elle!

Ás vezes, nas noites serenas de abril, quando a lua cursava o firmamento purissimo, e a viração do norte, impregnada no perfume da floresta virgem, vinha brandamente bater-lhe nas faces... o seu passado risonho, suave, magico, se lhe desenhava na memoria.

Então o coração do homem batia alvoroçado sob o habito grosseiro e negro de frade, os labios afeitos a orações articulavam tremulos um nome querido; os olhos, que costumavam cravar-se seccos e mortiços sobre as paginas dos livros santos, erguiam-se ao céo resplandecentes e orvalhados de lagrimas, porque a phantasia representára diante d'elles a imagem seductora da mulher, que tinham adorado.

Ás vezes murmurava mansinho aquella valsa, que Luiza compozera uma noite ao pé d'elle; depois os soluços embargavam-lhe a voz na garganta, e o pobre frade desatava a chorar como uma creança!

XV

Vieram os acontecimentos de 1833. As ordens religiosas foram extinctas.

Paulo não tinha nada mais no mundo do que as quatro paredes da sua sombria cella e as flores e os arbustos do seu pequeno jardinzinho.

Á custa de quantas lagrimas, de quão incriveis sacrificios se não tinha elle habituado áquella solidão absoluta, áquelle silencio tetrico? Que tinha o mundo para lhe dar? O que iria encontrar n'elle?

Que lhe importavam as suas grandezas? Onde a voz amiga, que o consolasse? Atravez da lousa do sepulchro não póde transsudar o murmurio humano, senão ao pé do tumulo de sua mãe escutaria palavras de ternura e affecto!

De outros labios não as ouviria elle nunca mais!

Quatro annos quasi, quatro annos de penitencia e vigilias, de insomnias e cogitações, em que derramára o mais puro sangüe do seu coração de envolta com as lagrimas, que lhe caíam dos olhos, haviam extenuado tanto o seu corpo como o seu espirito, apagando da memoria a recordação de tudo quanto a vida na juventude tem de illusorio, de seductor e de fascinante.

Uma lembrança havia, uma imagem, que, se lhe tornasse a apparecer pura, immaculada outra vez diante dos olhos, converter-lhe-hia repentinamente n'um paraizo a existencia. Mas essa via-a apenas por instantes assim, e logo vinha o intimo bradar da consciencia, tornando palpavel a realidade, varrer-lh'a para sempre da imaginação.

Aquellas paredes haviam escutado os seus gemidos, aquelles habitos que o amortalhavam, tinham embebido as suas lagrimas ardentes; ali esperava

imperturbavel e resignado, que chegasse a hora extrema que o libertasse da vida que tão pesada era para elle!

E todavia, quando as portas dos conventos estalaram aos golpes dos machados, e os infelizes frades foram sem piedade expellidos, Paulo, arrancado á força do cantinho da sua cella, viu-se no meio do mundo, onde não conhecia, onde não tinha ninguem. Já não havia golpe capaz de ferir a embotada sensibilidade do seu coração; todas as suas fibras tinham estalado; restava-lhe um unico sentimento, que havia de acabar quando elle acabasse; era o do amor immenso, que votára áquella mulher. Sabia-a perjura, tinha a consciencia de que vivia feliz nos braços de outro, mas amava-a ainda, oh! amava-a com todo o poder da fatalidade!

De aldeia em aldeia, de povoação em povoação viera correndo o desgraçado, abstracto, estupido de dôr, estranho a quanto se passava em derredor d'elle, indifferente aos insultos, aos sarcasmos, que as turbas lhe dirigiam. Sem saber como, chegou a Lisboa.

Uma noite, que o norte agudo cortava até á medulla dos ossos, extenuado pela fome, transido de

frio, meio morto de cansaço, caiu exangue sobre os degraus da porta de uma casa apalaçada.

Depois da meia noite parou ao pé d'elle uma carruagem; os lacaios viram aquelle vulto ali, e deitando a cabeça pela portinhola uma voz mulher perguntou:

—Quem é esse homem?

— Não é um homem, minha senhora, é um frade, responderam os lacaios em tom de grosseira ironia.

— Recolham-n'o immediatamente, continuou a mesma voz, dêem-lhe alguma coisa, se tiver fome, e chamem alguem que o trate, se está doente. Coitado!

Os lacaios agarraram do frade, que se não podia ter em pé, levaram-n'o para dentro, e deitaram-n'o sobre uma cama.

— Está morto, disse um d'elles.

—Desaperta-lhe o habito, e põe-lhe a mão sobre o coração. Redarguiu o outro.

—Nada, ainda tem folego, deixa vêr o que elle traz aqui. Então! não querem lá vêr! uma trança de cabellos e o retrato de uma rapariga!... heim! tenham dó d'estes meliantes; e a nossa ama a dizer... Volta já a contar-lhe tudo.

O estupido lacaio subiu precipitadamente as es-

cadas; a senhora da casa atravessava n'esse momento uma das salas.

—Então, como está o pobre frade? perguntou ella ao criado.

— Não dá acôrdo de si, minha senhora; mas o melhor... é que lhe fomos dar com esta trança de cabellos e com este retrato de uma rapariga...

Luiza, — já vês que era Luiza — tirou o cabello e o retrato das mãos do criado, olhou-o e ficou calada, livida, immovel por alguns momentos. Depois disse:

—Tragam esse homem com o maior cuidado para um d'estes quartos de cima, e vão chamar immediatamente um medico.

Assim que o criado desappareceu, ella caiu de joelhos, com as mãos erguidas a implorar perdão a Deus. Era trade! Quando vieram dizer que as suas ordens estavam cumpridas, dirigiu-se com passos lentos para o quarto onde jazia Paulo.

Palpitante de terror, abriu subtilmente a porta do aposento; depois caminhou pé ante pé até á cabeceira do leito, afastou mansamente as cortinas, e á luz mortiça da lampada pôde vêr o semblante do homem, que ella reduzira a similhante estado. Paulo

tinha os olhos cerrados, a respiração quasi imperceptivel, o rosto demudado e livido; o fatal sêllo da morte estava impresso em toda a sua physionomia.

—É elle, murmurou Luiza.

Só o remorso lh'o poderia fazer conhecer; só a implacavel consciencia lhe podia assegurar ser esse o homem, que havia cinco annos tinha visto pela ultima vez.

Paulo abriu os olhos; Luiza estremeceu; mas não teve animo de afastar-se. Parecia que um poder occulto e supremo a fazia estar ali immovel, submissa, supplicante, como o réo na presença do juiz inabalavel.

O olhar de Paulo reanimou-se de subito, os labios entreabriram-se-lhe, estendeu as mãos para Luiza. Esta não pôde conter-se, e lançou-se-lhe nos braços banhada em lagrimas.

—Oh! Paulo, perdôa-me! exclamou ella.

—Perdôo; assim Deus, diante de quem vou apparecer d'aqui a um momento, me perdôe o amor, que inteiro lhe devia a Elle, que inteiro entreguei a ti, como inteiro t'o consagro n'esta hora extrema, Luiza. Oh! perdôo, perdôo tudo, por este instante que me déste. E os seus braços tremulos apertaram

contra o peito arquejante a cabeça adorada d'aquella mulher.

Houve momentos em que se não escutou mais do que o oppresso arfar de ambos, os soluços entrecortados de Luiza, e esse murmurio, que se não define, que é como o echo das procellas do coração.

—Dá-me aquella cruz, Luiza, disse Paulo, a final, em voz tão sumida, que parecia vir já do fundo d'um sepulchro. Aquella cruz, e tu.

Depois d'estas palavras seguiram-se alguns movimentos mais curtos e apressados. Luiza chamou por elle; um suspiro abafado e rouco, mas profundo e longo, foi a unica resposta. Tornou a chamal-o uma e outra vez, com voz mais forte. Paulo tinha expirado.

—Aqui tens a historia.

—E Luiza? perguntei eu.

—Luiza, era mulher; esqueceu-se d'elle, morto, como esquecêra os juramentos que lhe tinha feito, vivo!

XVI

O meu poeta, apezar de fatigado pela extensa narrativa, levantou-se animado como sempre e disse-me, deitando um ultimo olhar em volta de si:

—Foi aqui que um poeta meu amigo, chegando acompanhado por alguem que n'esse tempo preoccupava todos os seus pensamentos, improvisou estes versos:

Nunca tão perto estiveste
Do logar do solio teu,
Formosa, pura innocencia,
Candida pomba do céu. [1]

Descemos pelas tortuosas e assombradas veredas da serra. Eram cinco horas estavamos no Calvario. Esta vista é diversa das outras e porventura a que apresenta mais formosura e originalidade. Precipitando a vista pela montanha vê-se a vegetação tão basta, tão compacta, tão luxuriante que parece que se nos despenhassemos d'ali ficariamos suspensos sobre ella.

O sol batia n'aquelle oceano de verdura produzindo admiraveis accidentes de luz.

Quando retirámos, o meu amigo, com o particular talento de improvisador que Deus lhe concedeu, deixou estampados n'uma pedra do pobre edificio os versos que se seguem:

Adeus! oh selva encantada!
Do trovador que em ti veio
Dizer mil queixas ao vento,
Guarda a memoria em teu seio.

[1] José Freire de Serpa.

XVII

Descemos: o arrieiro esperava já por nós com os cavallos enfreados e promptos, montámos e partimos para a Graciosa, onde nos esperava aquella respeitavel e carinhosa familia. Eram pouco mais ou menos seis e meia da tarde; o sol declinava no horiente; a viração fresca impregnada no vivo perfume que rescendia d'aquellas varzeas e campinas vinha bater-nos suavemente nas faces.

Mettemos a galope por um bocado de estrada nova que conduz a Vizeu da qual estão já, segundo creio, tres ou quatro leguas promptas. [1]

Chegámos á Anadia, povoação que se compõe de meia duzia de casas, era quasi sol posto. Eu vinha excessivamente cançado e abatido, o meu poeta com a mesma veia, a mesma força de imaginação, o mesmo fogo de ordinario. De repente uma exclamação feita pelo arrieiro, que na forma do estylo caminhava a pé, fez-me levantar a cabeça:

—Oh! meus patrões, olhem que carinha está perdida n'este paiz!

Voltei os olhos machinalmente, e com effeito, dei

[1] Estes apontamentos foram escriptos em 1851.

com uma encantadora physionomia. O meu poeta parou; estava litteralmente embasbacado. O arrieiro, *filhote* de Coimbra, e tendo passado toda a sua vida a conduzir estudantes, de Villa Nova para a *nobre cidade*, ostentava n'esse momento de mão na ilharga e barrete ao lado toda a desgarrada expressão do legitimo *futrica* e deitava para ella os olhos mais atrevidamente desejosos que o leitor pode imaginar.

O meu poeta voltou-se repentinamente para a gentil figura da joven menina, firmou-se nos estribos, e levantando-se da sella disparou-lhe á *queima roupa* a seguinte quadra:

Bella virgem da Anadia,
Namorado trovador
Na doce aragem te manda
Um pensamento de amor.

A pobre menina, sobresaltada e confusa com estas pouco convenientes demonstrações de enthusiasmo, cravou os olhos no chão, apressou o passo, e caminhou para a sua casa, que felizmente ficava defronte, no outro lado da rua. Ao atravessar passou muito perto de mim; ia escarlate como uma papoila.

—Vês, ahi está o que tu fizeste!

—Fiz o que, homem? não vês como ella está olhando da varanda, e sorrindo para mim?

—Para ti? perguntei eu, um *siés não és* despeitado.

—Para mim, que duvida!? querias certamente que fosse para ti... e o meu improviso?

Tudo isto diziamos nós continuando a ficar parados, e com effeito a galante menina continuava tambem a deixar-se estar na sua varanda, sorrindo e olhando para nós a furto.

—Se lhe podesse ouvir a voz, disse o meu amigo.

—Talvez levasses um grande desapontamento.

—Não importa, vou tentar sempre.

E chegando as pernas ao cavallo pôz-se de um salto debaixo da janella.

—Perdão, minha senhora, mas se v. ex.ª nos mandasse dar um copo de agua, estamos mortos de sede.

—Pois não, com muito gosto. Maria, Josefa, vão levar depressa agua áquelles senhores.

A voz mais fresca, mais argentina, mais sonora e ingenua que tenho ouvido, saiu de seus labios vermelhos e graciosamente recortados.

Seria essa a menina dos rouxinoes que houvesse resuscitado!

Não, que não tinha *olhos verdes*.

Eram azues da côr do céo antes de romper o sol n'uma alvorada de outono. Sobrancelhas escuras e perfeitamente desenhadas, sorriso innocente e alegre como o dos anjos, faces frescas como as da rosa brava quando nasce no mez de Abril por aquellas luxuriantes devezas. Corpo elegante e flexivel, delgado sem ser magro. Pescoço alto e bem torneado, gestos faceis e graciosos sem affectação nem estudo; emfim cheia de vida, e de formosura como a virgem das montanhas, que passa a sua infancia correndo livre pelos campos, e assim cresce, assim ganha agilidade e encantos que não pertencem ás *enfezadas* e quasi sempre rachiticas mulheres, cuja educação se desenvolve no centro das grandes cidades.

Eis aqui pouco mais ou menos a formosa desconhecida, que admirámos tanto, e que tanto sobre tudo devia admirar a quem como nós no decurso de leguas e leguas tinhamos debalde procurado encontrar uma physionomia supportavel. Porque emfim (e seja dito ao ouvido do leitor discreto para que não se offendam as susceptibilidades das nos-

sas elegantes), este é o paiz classico das mulheres feias.

Deixamos a bella desconhecida, que nos cortejou com a maior amabilidade, e agora o confesso (que já lá vae muito tempo), evidentemente o meu amigo ficara victorioso; um sorriso significativo, um volver d'olhos que queria dizer tanto, foram a paga do inesperado improviso.

Estavamos a pouco mais d'um tiro de espingarda da *Graciosa*. Os variados e magnificos quadros que tinhamos contemplado durante o dia, haviam actuado tão fortemente sobre o nosso coração como sobre o nosso estomago.

Foi n'esta disposição que deitámos os cavallos a galope, e dentro de poucos minutos estavamos apertando a mão do C. G., que depois de nos haver apresentado á sua amavel senhora, foi conduzir-nos para a mesa, onde nos esperava um confortavel jantar.

XVIII

O nosso poeta, como de ordinario, achava-se em veia; a palavra saia-lhe facil, abundante e espirituosa. O raio eletrico da inspiração scintillava nos

seus olhos garços e insinuantes. Os mais leves assumptos, os objectos mais simples, bastavam á sua musa, que os revestia, e idealisava, como o sol no occaso, roçando pelas nuvens diaphanas, que se agglomeram no poente, as esmalta das mais exquisitas côres.

Levantámos-nos da mesa, e fomos para a sala onde estavam reunidas varias pessoas das cercanias, decididas a passar a noite n'aquella estreita e suave intimidade, que é um dos impagaveis attractivos da vida de provincia.

A côrte presumpçosa e desvanecida suppõe que se não convive, que não existe o sentimento do bello, do delicado, do gracioso, senão no meio dos salões das grandes cidades, entre o: *Não acha?* de uma elegante mais ou menos supportavel, e os ditos picantes d'este, ou d'aquelle fabricante de espirito. Pois engana-se de meio a meio. Aquella ingenuidade e frescura de coração, que se enthusiasma e sobresalta com a sensação mais leve, porque, cheio de vida e sensibilidade, não carece de estimulantes fortes para bater alvoroçado; isso que constitue o que ha de mais fascinador na mulher, não o procurem em geral n'aquellas que aos onze annos *debutam*

no baile de entrudo no *Club do Carmo*, porque aos dezoito, ou aos vinte o muito, tem *arruinado* o precioso capital de sentimentos que Deus lhes concedeu. Permittam-me pois que faça agora a minha profissão de fé, e que me declare n'este ponto pelas provincianas, embora me condemnem de *relapso*, ou, o que é peior ainda, de semsaborão.

Chegando ao limiar da porta, o meu poeta estremeceu, e batendo-me no hombro, exclamou com particular entonação estes versos, então ainda ineditos, do immortal poeta das *Folhas Caidas*.

> Vive Deus! que é esta, aquella,
> A que eu vi na tal janella,
> E que triste me sorria
> Quando passando me via
> Tão pasmado a olhar para ella!

Quem havia de ser, aposto que já o adivinhou a leitora intelligente. Quem havia de ser, senão a encantadora menina que tinhamos visto poucas horas antes na varanda d'aquella casa da Anadia!

Mais de perto agora, e com a minuciosa attenção de artista, podémos examinal-a, e observar se uma linha, uma feição, desharmonisava no conjunto admiravel. A cabeça pequena, e digna de servir de mo-

delo a um estatuario, sem o menor adorno, deixava ver a abundancia de cabellos finos e annellados, que iam achatar-se em modestos *bandós* sobre as fontes.

Será córada talvez de mais?

Não, a côr vivissima que lhe affronta n'este instante as faces, vem-lhe em ondas ao rosto, e vê-se que é proveniente do sobresalto com que lhe bate o coração.

O nosso poeta está junto d'ella, e o dialogo rompe incerto no principio, como o fogo d'uma linha d'atiradores. Pouco a pouco vae-se tornando mais vivo e continuado.

Está *engajada* a acção. Quem será o vencedor? Provavelmente fica-se em campo neutro.

—Como se chama esta virgem oceanica?

—Maria.

—Maria! O nome é vulgar, não sei se a poesia, na força de 32 graus, de que te achas n'este momento possuido...

—Vulgar! Querias certamente que tivesse um nome do *calendario romantico*.

Maria! não sabes que quer dizer, *estrella do mar*, *rainha*, *senhora*, *soberana*, n'algumas linguas, e em outras, *lagrima de dôr?*

Que é o nome da Virgem, que evocamos na poetica oração do despedir do dia, o unico nome que devia ter para harmonisar com a suavissima expressão do seu rosto innocente e casto?

Dei-me por convencido, e cedi a beneficio das musas a poesia do nome.

A noite passou rapida e agradavel; com o declinar da tarde do dia seguinte chegou a hora de nos dizermos *adeus*.

Beijámos as mãos d'aquella amavel familia, e partimos com o coração cerrado por essa tristeza vaga, que experimentamos sempre depois de uma despedida, embora se dê entre pessoas cuja convivencia foi de algumas horas apenas.

O sol desmaiava na corôa dos outeiros, nuvens diaphanas esmaltavam o céo dando-lhe um aspecto suavemente melancolico, e as aves por entre as balsas improvisavam as primeiras estrophes do seu canto da noite.

A alma começava a embeber-se n'aquella saudade da hora crepuscular tão grata e suave.

O meu companheiro metteu o seu cavallo a galope, como levado por um movimento de impaciencia; comprehendi-o; provavelmente, gratos pre-

sentimentos lhe diriam, que a varanda d'aquella casa da *Anadia* não deveria estar deserta.

Assim era; encostada ao canto, e debruçada um pouco, a formosa provinciana alongava a vista na direcção em que nós vinhamos. Chegámos ao pé, e cumprimentámos; eu a respeitosa distancia, o meu poeta o mais proximo que lhe foi possivel.

O raio da infinita alegria que lhe allumiava o rosto no primeiro dia em que a vimos, tinha amortecido, e nos olhos parecia brilhar o orvalho das lagrimas. Seria da tarde que estava melancolica? Seria. As flores animam-se com o romper da aurora, e desmaiam com a chegada da noite.

O que eu posso assegurar é que houve algumas palavras em voz baixa; e não foi sem certo tremor de voz, que ella proferiu o ultimo adeus ao poeta que a saudara, um dia antes, com aquelle feliz improviso.

Por essa occasião lamentei profundamente, que a Providencia me não houvesse concedido o mesmo dote. Ainda com a penna na mão, depois de riscar e rabiscar muito, lá comsigo pôr quatro idéas mais ou menos chochas em *hendecasyllabos*, mas nos *impromptos* sou uma desgraça!

E para captivar a sensibilidade do sexo femenino, creio ser esta uma condição essencial; senão recordem-se dos poetas de outeiro, os nossos amigos do tempo de Bocage, com as freiras de Odivellas, e digam-me se não fizeram mais conquistas com as suas glosas, do que Lamartine e toda a illustre familia de vates sentimentaes com as suas elegias correctas e augmentadas.

Nota-se ainda, quando temos a dita de encontrar alguma elegante d'essa epocha, o enthusiasmo com que falla das bemfadadas vesperas de S. João, e corpo de Deus, em que a musa desprendendo a voz e soltando as azas, accendia o estro dos cantores, que se desfaziam em decimas e sonetos.

A mão furtiva da piedosa freirinha pagava a inspiração, com *fartes e rebuçados*, o poeta satisfazia ao mesmo tempo dois orgãos importantissimos, o estomago e o coração. Agora calcule-se a prodigiosa differença! O *menestrel* romantico escreve um grosso volume recheado de composições nebulosas, onde a rima desfilando uniforme como os pelotões em dia de revista, dá ao pensamento certa solemnidade que o torna mais sombrio e carregado ainda. Em seguida corre com o livro a casa do editor que

o toma nas mãos, e lhe calcula o valor pelo numero das paginas, com grave indignação do vate que vê reduzida ao modico preço de alguns tostões a preciosa collecção das suas *ellas*.

Eis aqui o que nos trouxeram os reformadores; obrigaram as musas e o loiro Apollo a fugir espavorido em presença do alaude romantico, cujas notas soturnas contrastam singularmente com os sons alegres e festivaes da lyra arcadica; a poesia perdendo então os foros do *improviso*, que a tornava tão graciosa e jovial no seio dos anafados Belmiros, veio refugiar-se triste e pensativa no peito d'estes macilentos cantores, onde se evapora em gemidos, e a maior parte das vezes em tremendas imprecações.

D'estas profundas e sabias considerações fui descaindo n'outras não menos importantes, mas que apesar de interessantissimas não podem transmittir-se ao papel por serem intimas de mais. A noite começou a carregar-se de pesadas sombras. A nebrina levantando-se da terra dava aos objectos um aspecto phantastico, a natureza casava-se maravilhosamente com a disposição do meu espirito n'esse momento. Quasi sem dar palavra um ao outro caminhámos até Coimbra.

XIV

Estes apontamentos, que o leitor benevolo tem tido toda a complacencia de ir *decifrando*, não seguem ordem, nem methodo, nem coisa alguma que se lhe pareça.

Taes quaes vieram ao bico da pena os fui transcrevendo aqui. O que posso fazer é juntar algumas notas em certas passagens mais obscuras, para que se não perca de todo a intelligencia do texto.

Lembra-me agora, porém já tarde infelizmente, que lhe podia ter chamado *Fragmentos de um livro* inedito, e d'este modo satisfazia ás exigencias titulares da aristrocracia romantica, e ao pensamento da obra. Foi uma cabeçada imperdoavel.

Todas estas considerações, leitor, vem para te dizer que nos achamos a 12 leguas de Coïmbra, na pequena aldêa das *Córtes*, que fica a pouca distancia de Leiria. É aqui que se devem passar os episodios mais interessantes d'esta especie da miscellanea litteraria.

A pequena aldêa das *Córtes* é um d'estes risonhos logares onde a alma se dilata suavemente, e que parecem feitos para occultar no seio a etherea feli-

cidade de dois amantes nos primeiros e breves dias da lua de mel. Nada que arrebate, que fascine, que nos surprehenda emfim com frenetico enthusiasmo.

Nem montanhas gigantes, nem profundos valles, nem torrentes impetuosas, nem horisontes illimitados onde a vista se perde como a razão nos dominios da metaphysica.

Porém quanta amenidade nas encostas revestidas de verdura, nas azinhagas onde a madresilva e a musqueta brava perfumam os ares, nas aguas do rio, nas arvores, nas varzeas cobertas de relva, e tapetadas de flores, dignas de figurarem n'um idylio de Theocrito!

Foi ali ouvindo sussurrar o Lys, cujam aguas

«Em cobras de crystal correndo saltam»

que um dos nossos antigos poetas, dos mais delicados e harmoniosos, Rodrigues Lobo, recebeu as primeiras inspirações da sua musa pastoril e ingenua. A belleza alpina d'aquellas paizagens respira nas canções que celebram a graça e formosura do seu patrio ninho.

Estavamos em maio
....
Quando as aves pelo ar,
As aves e os bosques,
Tudo se anda a namorar.

Á beira do Lys fica a casa do nosso poeta. As aguas vão derivando, ora placidas no declivio do leito mais suave, ora caindo vivas onde a queda é mais rapida, e borbulhando em cachões de espuma nas voltas e sinuosidades. Feliz de quem n'uma bella manhã de primavera póde aspirar as lufadas d'aquelle ár vivo e salutar, sentindo renascer sensações que os annos, e a experiencia, vão pouco a pouco embotando, e que só o risonho aspecto da natureza tem poder de nos acordar n'alma com a memoria dos dias serenos da infancia!

E á tarde quando o sol declinando nas encostas estira ainda os raios frouxos pela veiga que fica fronteira!

Pois foi de tarde, no primeiro dia que ahi cheguei, que o meu poeta, vendo que a melancolia da hora crepuscular começava a dominar-me, disse:

Vámos á triste devesa,
Onde a madresilva em flor
Esparze os gratos perfumes
Que me embriagam de amor.

Saudei o improviso e dispuz-me a tomar a sério

o papel de Pastor Peregrino, salvo o surrão e a avena, percorrendo aquelles campos na mesma disposição bucolica em que o auctor da *Côrte na Aldeia* nos mostra o seu heroe favorito. A minha situação era pouco mais ou menos a mesma, á parte as Marilias e Altêas de olhos castos, e sorriso ingenuo, que no seculo XVII saíam de entre as moitas e balseiras, graciosas e frescas como as ondinas do mar, e que no seculo XIX se acham indignamente substituidas pelas reforçadas e legitimas *labrêgas*, quasi todas de fealdade hedionda. As flores, as arvores, as aguas, o canto dos passaros, creio que deviam ter a mesma harmonia, o mesmo perfume, o mesmo explendor e formosura do que n'essas eras de eterna e gloriosa memoria.

Tinhamos caminhado largamente, fallado, discutido, dado azas á imaginação que esvoaçava de assumpto em assumpto, livre como as aves saltando de ramo em ramo. Sentámo-nos á beira do rio, e junto d'um agigantado cypreste, que por singular contraste se eleva sombrio e taciturno no meio da veiga graciosa e alegre. O cypreste e o rio, sobre tudo o rio:

Super flumina Babilonis........

fez-nos cair em melancolica e profunda meditação.

Não sei por quanto tempo durou este estado, mas não devia ser muito. Uma circumstancia inesperada veio arrancar-nos da situação em que estavamos absortos e achámo-nos repentinamente na vida real.

Poucas vezes se abandonam os dominios da imaginação, entrando no mundo das coisas positivas e tangiveis, sem que na passagem, na transição momentanea, se deixe de experimentar o quer que seja desagradavel. D'esta vez, porém, não foi assim. Na estrada, que passava a pequena distancia do logar em que nos achavamos, sentimos o som argentino e fresco de uma voz de mulher, voltámo-nos, e eu confesso que no primeiro instante suppuz estar ainda sob a impressão benefica do sonho *acordado* em que se enleara o meu espirito com a approximação da hora crepuscular.

Cuidei que d'entre as imagens graciosas e suaves, que a imaginação ia debuxando a traços rapidos e côres mal distinctas, se havia uma d'ellas precisado mais, animado repentinamente, convertendo-se n'uma entidade real. Ia affirmar a vista, certificar-me ainda, quando um pequeno aceno de cabeça, acompanhado de um sorriso de amigavel e encantadora cortezia me assegurou não sómente de que era real a figura

que tinha diante dos olhos, porém o que é mais ainda, minha conhecida. Tudo isto foi rapido, porque o cavallo em que vinha montada correndo a galope fechado desappareceu em breve na volta da estrada.

— Não esperavas por este encontro, disse A... sorrindo ironicamente.

— Não, de certo. Ha quatro mezes que a vi em Lisboa, e cheguei a suppôl-a dentro de pouco tempo victima de uma tisica pulmonar.

— Eis a influencia d'estes ares, não te dizia eu? Deixaste-a na côrte moribunda, e viste-a agora, aqui, fresca e corada como as rosas d'essas campinas.

— Quem era o homem que a acompanhava?

— Um tio, um primo, que sei eu? d'estes mil e um parentescos em que se enreda a aristocracia.

— Mas ouvi fallar n'uma paixão que a levára ás portas da morte, e a decidira a encerrar-se para sempre n'um convento! Tudo isso acabou em quatro mezes, como a tisica, com a influencia d'esta atmosphera?

— Creio que sim, respondeu A... olhando para mim com ar malicioso.

— Vamos, aqui ha o que quer que seja; conta se sabes; não me deixes por mais tempo em espectativa.

—Ha sim, mas é uma historia longa.

—Não importa; matam-se as horas e satisfaz-se a minha curiosidade que vae já tocando as raias da impaciencia.

—Pois tu não sabes?

—Não sei nada.

—Bem; accende o cigarro e escuta com attenção.

O meu poeta procurou em volta de si o espaço de relva que lhe pareceu mais fresco, e recostou-se voluptuosamente sobre elle, pediu-me lume, tirou duas largas fumaças, e pôz-se a olhar para as estrellas, que principiavam a brilhar no firmamento. Instantes depois começou a sua veridica narração.

XV

«A elegante figura que vimos passar como por encanto diante de nós, sabes que é, nem mais nem menos do que a filha mais moça do visconde, conde ou marquez, não sei ao certo o titulo, porque desde a data da regeneração, sua ex.ª que pertencia á illustre familia dos Catões, e que era um Catão terrivel, tem partilhado das mercês e graças, com que por cumulo da humildade evangelica se resignam

os nossos republicanos, *democratas e sociaes*. Seja conde, visto que na historia hieraldica é este o primeiro de todos os titulos.

Depois dos tumultos civis de 1828, o conde S..., simples cidadão n'esse tempo, decidiu-se a abraçar o partido constitucional, abandonando patria, amigos, tudo emfim, menos a familia, porque foi coisa que desconheceu desde o berço, circumstancia fatal, que faz ainda hoje com que as linguas damnadas lhe dêem por solar a *santa casa da misericordia*. Vejam quanto póde a malevolencia, e a inveja! Partiu pois de Portugal. Em poucos dias estava em Inglaterra com os seus companheiros de infortunio, e alguns mezes já de volta na Terceira, e depois no Porto cegando os loiros de Marte no modesto posto de sargento. A guerra terminou emfim; e como não sei eu, mas o facto é que na primeira legislatura, os seus numerosos amigos conseguiram elevál-o á vantajosa posição de deputado.

Ora é sabido que em um homem pondo os pés em S. Bento, sobre tudo um homem que comprehende bem a alta missão de que se acha encarregado, tem atravessado o Rubicon. D'ahi a ministro não vae um salto. A tanto não chegaram as suas

ambições; contentou-se em gerir os negocios detrás da cortina; a fazer um casamento rico, a apoiar todos os governos, a crear bancos, companhias, etc. etc. e a aceitar os arminhos de *par* n'uma das ultimas fornadas. Eis aqui pouco mais ou menos, a largos traços, a historia d'este personagem, que tem de mais a mais o merecimento de não obrigar ninguem a fazer conjecturas, nem a crear odiosas personalidades, porque se confunde com outras muitas.

Disse-te que o conde S... possuia grandes instinctos republicanos, e bem sabes que os republicanos pellam-se por se unir estreitamente com a aristocracia. Partindo d'este ponto, assim que as faces de sua filha começaram a affrontar-se com o pudor da juventude, e os olhos a brilhar com aquelle fogo que devora a alma, tratou de lhe procurar um noivo, decimo setimo, decimo oitavo, ou decimo nono *senhor não sei de que*, e de a ligar a elle pelos indissoluveis laços do hymeneu. Todos sabem que a hieraldica possue os seus brazões mais explendidos nas fachadas enegrecidas, e cobertas de hera dos palacios da provincia. O conde S... e sua filha partiram para o Minho, com grave indignação de alguns decimos quartos e decimos quintos que pas-

seiavam a sua preciosa nullidade no Chiado, e que deitavam havia muito olhos cupidos á riqueza da nympha, para rebocarem com ella seu desmantelado *senhorio*.

N... tinha 15 annos quando seu pae tomou esta heroica resolução. O casamento fez-se immediatamente. Passado um anno o esposo foi accommetido de um *typho*, e no fim de tres dias tinha dado a alma a Deus!

N... voltou para Lisboa, e o crepe da viuvez encobria aquelle rosto onde começavam a desabrochar as pompas da juventude e da formosura.

A rosa, no meio do esplendor das suas galas, quando veceja no prado, illuminada pelo sol que vem rompendo n'uma bella manhã de primavera, arrebata, e seduz os sentidos; porém se a vemos pendida sobre um tumulo, entre os goivos da campa, a impressão é diversa e porventura mais perigosa, para o coração que se comprime de dó vendo-a tão bella, e tão triste; para os olhos que admirando-a a lastimam orvalhados de pranto.

Como podes crer, mais de um poeta romantico invocou a musa, e celebrou em versos descabellados os dotes daquella formosura e os attractivos da

sua tristeza. O janota *pur sang*, esse escusado será dizer que a seguia por todas as partes, com a mesma pertinacia, e prodigioso faro com que o meu Azor persegue uma perdiz por estes campos.

Quando a sua carruagem apparecia, as vedetas postadas á porta da Lavaillant davam immediatamente signal ao grosso da força que se achava disposto em linha de batalha em frente do conhecido café do Marrare.

Para que possas entender melhor esta historia, é preciso que saibas, visto que não a conhecestes nunca senão de vista, qual era o caracter da heroina d'este romance. N... fôra educada com o maior esmero, e possuia intelligencia muito acima do vulgar. Nervosa, exaltada, romantica emfim, visto que a palavra é da moda, e vem maravilhosamente para a situação, até ao dia do seu casamento fôra constantemente acompanhada por uma aia ingleza ainda moça, e excellente creatura, apesar de pertencer á preciosa familia das Blue-Stokings. N... partilhava das idéas de seu pae no que dizia respeito á parte democratica. O pensamento de se ligar a um ramo da primeira nobreza fez-lhe bater alvoroçado o coração, que até ahi apenas experimentara sensações,

que não sabia ao certo definir com a leitura de alguns romances de *Anna Radecliff*, que ornavam a bibliotheca particular, e faziam as delicias da ingleza que lhe haviam dado por mestra. Uma vez sómente revolvendo a pequena estante, encontrara esquecido no meio das obras pias e meritorias que a adornavam, um livro de versos; abriu-o e deparou com o D. João, de Byron.

Passada uma hora a ingleza entrou no quarto e surprehendeu-a com o livro nas mãos. Vermelha como uma cereja, e sem se atrever a perguntar onde o havia encontrado, ousou comtudo prohibir-lhe a leitura.

Era já tarde. O primeiro canto tinha sido devorado, e aquelle poetico episodio de D. Julia com o andaluz estava a arder-lhe na cabeça. Depois, bem sabes que a prohibição foi causa do peccado original. N:.. procurou mil rodeios, e conseguiu finalmente ler as obras completas do famoso lord. Quando partiu para o Minho, *D. João* tinha sido evidentemente o objecto dos seus primeiros affectos. Vendo o esposo que lhe destinavam, personagem gordo e anafado, inimigo capital da letra redonda, antipoda de toda a idéa romanesca, sentiu,

como vulgarmente se diz «cair-lhe a alma aos pés.» Comtudo era forçoso entregar-se em holocausto àquelle illustre representante de não sei quantos avós, e quantos titulos.

N'estas penosas circumstancias, durante o anno que a providencia lhe conservou o esposo, teve de exercer o seu sentimentalismo entre os heroes do mundo da folha do papel. Primeiro D. João, depois Lara, Manfredo, e finalmente o Safi da Salamandra de *Engenio Sue*. Estes caprichos de imaginação exaltada continuaram depois de viuva. Os assaltos mais vivos tinham vindo frustrar-se n'aquella fortaleza inaccessivel ás tentativas humanas. Os mais valentes desanimaram.

Um dia, ou antes uma noite, achavamo-nos reunidos em casa de D... n'aquelle estreito circulo de pessoas escolhidas onde as horas passam sem se sentir. N... estava ahi, bella e fascinadora como sempre.

A conversação recaiu casualmente na pessoa do nosso particular amigo V... Fui eu que tomei a palavra. Conheces as relações de sincera e estreita amisade que nos unem desde a infancia, e sabes que ninguem podia desenhar com mais verdade as feições d'aquelle caracter severo e nobre.

A parte das suas aventuras amorosas passou em revista, e n'este ponto todos foram concordes em affirmar que era homem incapaz de se impressionar vivamente.

Diversas anecdotas vieram comprovar o facto. Os olhos do mundo vêem quasi sempre as coisas á superficie; ás vezes é mau que assim seja, outras torna-se conveniente. Não me oppuz á idéa geral; pelo contrario, accrescentei algumas particularidades, tornando d'este modo mais estavel a opinião publica. Não sei por que tive o presentimento que deste modo lhe prestava relevante serviço.

N... ouviu attentamente, e notei que o seu rosto se animava de singular expressão. As minhas palavras haviam despertado no seu espirito um dos mais poderosos sentimentos da mulher — a curiosidade.

A primeira vez que fallei a V... relatei-lhe o que se tinha passado, sem lhe augmentar, nem diminuir a impressão que julguei ver no semblante da tentadora viuva.

—Conheces o campo, e sabes o sentido em que deves manobrar...

Sorriu-se ironicamente.

Passado um mez, V... tinha nas mãos uma carta, modelo de epistolographia romantica.

N... estava loucamente apaixonada por elle.

Nos bailes, nos theatros, nos passeios, nas reuniões particulares, por toda a parte os dois eram o alvo da conversação e invejas masculinas e femininas.

Haviam decorrido tres mezes de adoração ideal.

Uma noite V... achava-se em casa d'ella. Era na primavera, as janellas do quarto deitavam para o jardim, a brisa fresca penetrava no aposento impregnado em suaves perfumes.

A luz tinha amortecido. Duas circumstancias fataes!

A elegante viuva reclinada sobre o sophá apertava estreitamente contra o seio as mãos de seu amante. Elle imprimiu-lhe na face um beijo ardente. Ella estremeceu. Incomprehensiveis mysterios do coração hnmano!

Por muitas vezes se haviam encontrado ao pé um do outro no mesmo delicioso *tête-a-tête*, e apesar da sua audacia, V... não se atrevêra jamais a firmar os labios n'aquella fronte adorada.

A luz amortecia, o perfume augmentava, e a ra-

zão de ambos perdia-se nos desvarios da paixão. As horas correram, e já os primeiros clarões da madrugada começavam a alegrar o horisonte, quando os dois amantes se separaram depois d'um abraço estremecido e tenaz.

No dia seguinte a esta scena V... recebeu uma carta d'ella; eu estava em casa d'elle.

Abriu-a, leu-a, e fez-se pallido.

Era uma missiva admiravel na forma.

Ninguem n'este mundo é capaz de despedir com maior polidez e amabilidade um hospede importuno.

Ambos ficámos attonitos, e quizemos attribuir a tudo, menos á verdade, a causa d'aquelle procedimento.

Era realmente inexplicavel, sobretudo depois do que se tinha passado na vespera.

N'essa noite havia um baile. Pouco depois de nós havermos chegado entrou N... Vinha devéras encantadora. V... estremeceu, ella passou junto d'elle, cumprimentou-o com a maior affabilidade, e com o ar mais tranquillo d'este mundo.

Nem um musculo da face, contrahindo-se, accusou a menor impressão do espirito.

A bella viuva despedia-se d'este heroe de *carne e osso* com o mesmo sangue frio com que abandonara annos antes os heroes dos seus livros favoritos.

Para não ficar resto de duvida, em toda a noite acceitou abertamente a côrte a um addido francez que havia chegado poucos dias antes á capital, homem de aspecto agradavel, e fina intelligencia.

Pouco mais ou menos no fim do mesmo tempo, e exactamente depois da mesma scena que se passara com V... quebraram-se as relações.

Durante tres annos, cada trimestre tinha um amante, e abandonava-o precisamente no dia seguinte áquelle em que lhe havia dado a maior prova de amor que uma mulher pode dar n'este mundo.

Hade haver anno e meio, N... foi atacada pela monomania do casamento. Apesar da sua posição e dos seus meios, depois das circumstancias que se haviam dado, achar um marido não era das coisas mais faceis. Comtudo a ambição, a febre do hymeneu continuava. Por essa epoca um pobre rapaz nascido na mais alta aristocracia, saido apenas do collegio, e entrando no mundo, viu-a e namorou-se da sua notavel formosura. O ensejo parecia providen-

cial; N... poz em acção todos os meios da sua sciencia diplomatica.

O joven inexperiente bebia a largos tragos n'aquelle philtro delicioso, mas enganador, para me servir de uma expressão *palpitante da actualidade*. Pobre coração de dezesseis annos! A paixão tocava as raias do alienamento! A ingenua creança estava prompta a deixar-se roubar (se preciso fosse), para se offerecer em sacrificio nos altares do hymeneu.

N..., com maravilhosa sagacidade, conseguira abrandar a colera de todas as *tias* e primas que pertenciam ao mancebo, jurando esquecer o passado, e seguir no futuro o piedoso exemplo de Magdalena. O rapaz era orphão, e o tutor que administrava a sua avultada riqueza, foi tambem seduzido por esta Maintenon do seculo XIX. O fogo ardia na pyra, e a victima estava prompta a immolar-se n'elle.

Conheces o caracter de V... e sabes que é homem capaz de perdoar tudo, menos uma ferida de amor proprio.

Tinha jurado vingar-se depois d'aquella carta, e d'aquelle baile, o acaso proporcionava-lhe uma situação maravilhosa para isso. Parente ainda, e sin

cero amigo do *predestinado* noivo, decidiu empregar todos os meios para o dissuadir do casamento. D'este modo praticava uma acção meritoria, e vencia com juros a letra que tinha em aberto. Um dia procurou o seu terceiro, quarto, ou quinto primo, não sei bem o grau de parentesco que os ligava, e começou a acompanhal-o constantemente.

Sabes que não existe nada que possa captivar e satisfazer mais as ambições de um rapaz que entra no mundo do que vêr-se em estreitas relações com um homem, cujo nome se tem tornado notavel na sociedade pelos esplendores de uma vida elegantemente desordenada.

No fim de oito dias V... tinha conseguido mais do que todas as *tias* e *tios* com os seus conselhos. As portas da exposição de Londres iam abrir-se.

Se o inexperiente mancebo se decidisse a partir com elle para a soberba Albion, estava salvo. As lagrimas que lhe orvalhassem os olhos com as saudades da seductora viuva, haviam de enxugar-se á branda chamma dos olhos azues das formosuras do norte.

V... tinha a sua policia secreta, e sabia preparar as situações... O tutor reconsiderou em presença

do que este lhe disse, e promptificou-se a coadjuval-o no seu plano.

Eram cinco horas da tarde de um dia de maio. V... depois de haver tomado um copo de absintho, estimulante sem o qual o seu estomago se não preparava convenientemente para as delicias de um confortavel jantar, passeava de braço dado com o seu elegante e innocente *pupillo*, no largo do Terreiro do Paço. Estavam ambos á beira do mar. O paquete inglez, que devia partir no dia seguinte para Southampton, fundeava no Tejo.

—Meu caro, parto amanhã para Inglaterra; vou até á exposição.

—Está gracejando?

—Estou fallando muito serio.

— Então decidiu-se de um instante para o outro?

—Pois de outro modo toda a gente o faz. Quer vir commigo?

—Eu... balbuciou o ingenuo rapaz, vermelho até a raiz do cabello, e evidentemente fascinado por aquella proposta.

— E porque não? continuou V... Eu me incumbo de arranjar tudo, pode voltar no fim de quinze dias se não se der bem.

— Está dito, acompanho.

— Bem; n'esse caso não ha tempo a perder; é preciso darmos ordem para que façam as malas, e tomem os logares.

Duas horas depois d'este breve e concludente dialogo, estavam no *Matta* com varios amigos, em presença de um jantar, que V... tinha mandado preparar na manhã d'esse dia, prevendo as circumstancias que deveriam dar-se.

Era meia noite, e ainda durava a conversação animada e espiritualisada pelas repetidas libações do Champagne.

V... chamou á parte o seu protegido e disse-lhe:

— Sabes tudo, conheces agora aquella mulher depois da expansão que tive comtigo. É preciso que não hesites; aqui tens penna e papel, escreve-lhe uma carta, e despede-te d'ella. Se queres, eu dicto.

— Será melhor, disse o pobre moço visivelmente commovido.

V... levantou-se pondo-se em posição que não pudesse ser visto pelo seu companheiro, tirou da carteira um papel e principiou a dictar textualmente o que elle continha.

Era nem mais nem menos do que a mesma carta que N... lhe tinha mandado havia tres annos.

No dia seguinte o vapor transpunha a barra, e V... contemplava, sinceramente commovido, o rosto do seu joven companheiro que se alagava de lagrimas.

N..., quando recebeu a carta, reconheceu immediatamente que fora victima da infernal vingança de V... Ferida na parte mais sensivel do seu amor pro-proprio, ludibriada aos olhos do mundo, perante o qual estava proxima a rehabilitar-se, todos os poderes do seu orgulho, todos os caprichos da sua vaidade feminil se chocaram violentamente. Caiu como fulminada.

Á febre do espirito succedeu a febre do corpo.

Esteve ás portas da morte. De facto, quando a viste ha quatro mezes em Lisboa, ninguem suppunha que podesse salvar-se. Os poucos annos reagiram e sobre tudo a sede insaciavel de levar ávante os seus projectos.

Mandaram-a tomar ares. Veio para a provincia. Passados quinze dias, certo personagem, nosso antigo conhecido, chegou aqui n'uma commissão do governo. Era o homem da situação. Caracter de prodigiosa elasticidade, moldava-se facilmente a qualquer forma com tanto que lhe conviesse. Despreoc-

cupado de vãos preconceitos despresava profundamente os escrupulos de consciencia e essas ridiculas puerilidades em presença das quaes se acovardam os espiritos honestos. Ha muitos annos que encarava o casamento como unica especulação economica capaz de o salvar dos seus terriveis embaraços pecuniarios. O acaso havia-o feito nascer n'isso a que o mundo chama aristocracia, e a natureza dotára-o de formas agradaveis, e intelligencia não vulgar.

A interessante e sentimental viuvinha teve occasião em breve de se relacionar com elle. Os padecimentos, desmaiando as rósas das suas faces, tornaram-lhe mais sympathica a formosura, e escusado será dizer-te que desde o primeiro encontro o *deus vendado* atravessara com a mesma seta aquelles dois corações, como diria um poeta da Arcadia. Aqui tens a razão por que a viste ha pouco, tão animada e alegre, correndo a cavallo por estas campinas. O casamento deve effectuar-se dentro de dois dias. A Providencia deparou-lhe, finalmente, a ella um marido (objecto a que aspiram com avidez todas as Magdalenas arrependidas), e a elle uma posição monetaria que o deve elevar a conde ou visconde, qualquer d'estes dias.»

A pallida estrella

É provavel que por mais de uma vez, o leitor, se tem viajado pelas nossas provincias, tenha assistido aos descantes e improvisos da gente do campo. Ao som da guitarra, em volta da eira n'uma noite de verão, ou no adro da egreja nos dias de festa, trava-se a contenda, começa o desafio, e quantas vezes admiramos os repentes de talento com que o povo adivinha os segredos da forma, exprimindo n'alguns bellissimos versos o sentimento que o inspira.

O poeta veio convidar-me um dia para assistir a um destes oiteiros populares.

A festa era no adro da ermida de Nossa Senhora, que fica situado a meio de uma das encostas que circumdam aquellas veigas ferteis e pittorescas.

Aceitei de boamente o convite, e como a distancia não era grande, partimos a pé para o sitio aprasado.

Agradavel espectaculo era o que se apresentava diante de nós. Pelas veredas tortuosas do monte, subiam homens, creanças e mulheres em trajo domingueiro, e as côres *lubricas* e variegadas dos vestidos daquella multidão, que se agitava ao longe, produziam admiravel effeito, ressaltando do meio da verdura que revestia a encosta. O adro estava apinhado de gente, e quando se approximou a hora do crepusculo os improvisos começaram.

O repentista mais audaz rompeu o fogo, por esta quadra, encostando-se ao cajado, e cravando os olhos na sua musa:

> Oh! Anna, tres vezes Anna,
> Oh! Anna feita de cera,
> Quem fôra braza de lume,
> Anna que te derretera.

Outro, alludindo aos olhos provocadores da cachopa que o inspirava disse:

> Os teus olhos negros, negros,
> São gentios de Guiné:
> De Guiné, por serem negros,
> Gentios por não ter fé.

Algumas das principaes familias de Leiria tinham vindo assistir ao arraial.

Entre ellas havia tempo que eu tinha notado uma elegante menina de vinte a vinte e dois annos, pallida como um lyrio, de olhos negros, e melancholicos, sorriso suave e expressão apaixonada, que ouvira com vivo interesse os improvisos d'aquelles poetas desconhecidos.

— Quem é esta encantadora, menina? perguntei com visivel interesse ao meu amigo.

— Uma senhora casada.

— Com quem? Com aquelle homem que está ao pé della?

— Exactamente.

— Tem bom gosto; o marido é feio como o peccado, e parece que se levantou ha pouco da sepultura.

— É verdade que esteve ás portas da morte.

N'esse momento o meu companheiro pedia-me, que désse attenção a uma quadra que um dos improvisadores ia tornar a repetir a pedido da senhora que fôra assumpto do nosso dialogo, quadra que parecia expressamente feita para ella.

Era a seguinte:

Rosa branca toma côr,
Não sejas tão desmaida,
Que dizem as outras rosas,
Rosa branca não val nada.

Ella sorriu-se e pediu-lhe que proseguisse

O pobre poeta dos campos, lisongeado com esta demonstração, continuou a dar largas á sua musa, e quantos nomes illustres não firmariam com orgulho algumas das estrophes que n'um momento de verdadeira inspiração produzira aquelle genio ignorado.

Com a voz tremula, e os olhos scintillantes, o camponez proseguiu:

Eu não choro por ti, rosa,
Que o jardim mais rosas tem;
Mas porque sei que não achas
Quem te queira tanto bem.

O sangue das tuas veias
Gira no meu coração,
Se teus braços são cadeias,
Eu entrego-me á prisão.

E no fim de um longo improviso onde a sua alma se expandira em melodias suaves e originaes,

como os cantos selvagens do rouxinol, com quanto sentimento cantára estas estrophes:

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Nem já sei quaes são os meus!

Eu amante, e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol a buscar-te,
Tu, como a sombra a fugir-me?

Quando eu digo que te adoro,
Dizes, rosa, que te minto!
As magoas que por ti soffro,
Deus as sabe, e eu as sinto.

Quem sabe? Talvez n'esse instante dos olhos fascinadores que tinha diante de si, partisse a faisca que devia accender-lhe no peito a chamma do primeiro amor.

Elle era um pobre aldeão, é verdade, e ella uma senhora de alta jerarchia.

Porém o Tasso, ao contemplar a surprehendente formosura de Eleonor, lembrou-se acaso de que ella era filha dos principes de Ferrara? O amor do poeta intimidou-se na presença do supremo orgulho dessa

familia de reis, ou impetuoso e ardente ousou manifestar-se aos pés do idolo que o arrebatava?! O grande cantor mediu por ventura a distancia que o separava d'ella, quando n'um instante de desvario, diante da corte, na presença dos guardas, jogando a vida n'um relance, imprimiu os labios na fronte candida da mulher adorada?!

Estas observações fazia eu contemplando a intelligente physionomia do sympathico aldeão, e escutando os versos que acima transcrevi.

É provavel que o meu espirito impressionado nesse instante houvesse interpretado mal aquella scena; mas a verdade é que cheguei a achar possivel que a mulher do mundo elegante se apaixonasse pelo homem dos campos. Comecei a delinear o romance; eram mais alguns capitulos para essas folhas volantes, que se chamam jornaes, que nascem hoje, e morrem amanhã, como hão de morrer na memoria do leitor estes rapidos apontamentos.

O improvisador tinha vinte e cinco annos, e o seu aspecto faria desesperar de inveja os Appollos da cidade. Alto, airoso como o pinheiro novo, robusto e proporcionado como um Hercules, feições regulares e insinuantes, olhar intelligente e decidido.

Se este homem amasse? Se aquella alma onde vibravam todas as cordas da sensibilidade chegasse a exaltar-se pelo affecto de uma mulher superior, do que não seria capaz?

Quantos thesouros de sentimento deviam existir no seu coração ingenuo como os campos, onde pulsára livre desde a infancia, ardente como o sol peninsular?

O que seria a paixão do homem do mundo gasto e estragado pela sociedade, posta em parallelo áquella que nesse espirito virgem rebentasse um dia? O mesmo do que as plantas arrancadas do solo natal, e mettidas na estufa onde laboram a sua difficil vegetação no meio de uma atmosphera ficticia, comparadas áquellas que vecejam no terreno patrio, ao ar livre das montanhas, conservando a robustez nativa.

E se é exacto que a vaidade domina, principalmente a mulher, como devia sentir-se lisonjeada aquella que soubesse ser o objecto de um culto tão sincero e ardente?!

Ergui os olhos para a elegante senhora, que eu á falta de nome, já tinha designado pelo de *pale etoile,* procurando ler no seu rosto a resposta aos meus

pensamentos intimos, quando me lembrei de repente que era casada.

Cai então das alturas a que a imaginação me havia transportado, e achei-me no mundo das coisas positivas. O enredo do romance, pelo menos como eu o projectara, era impossivel. O camponez podia apaixonar-se, porém ella!... ella é que não podia.

Puz-me a olhar para o marido. Era realmente um sensaborão chapado. Em quanto o contemplava, o meu Miphestofeles murmurava-me ao ouvido estas infernaes palavras de Balsac:

«Tout homme qui met son bonet de nuit avant de se coucher, c'est un prédestiné.»

E aquelle de certo punha o barrete de dormir antes de se entregar ás delicias do somno conjugal. Emfim, não vamos mais adiante; não venha por ahi algum santão arvorar-me uma sentença condemnatoria no tribunal da sua hypocrisia.

A noite tinha caido, e o astro das *saudades* começava a illuminar o cimo flexuoso dos montes.

O meu companheiro escolheu este momento, para me apresentar á seductora desconhecida, que eu contimarei a designar pelo nome de *Pallida Estrella*.

Perdão, se fiz mal em traduzir; talvez digam que

ficava melhor em francez, mas agora já não ha remedio.

Recebeu-me com a maior affabilidade, e elogiou graciosamente os meus versos, circumstancia, que devo confessal-o, augmentou a minha sympathia por ella.

Fallámos dos improvisos, da festa, dos encantos do sitio e dos explendores da natureza. Eu declarei-me apaixonado pelo campo, pela lua, pelas estrellas, jurei que preferia as suaves e singelas distracções da provincia a todos os prazeres da cidade, e julgo escusado dizer que menti descaradamente.

As horas correram sem se sentirem. O marido guardava o mais commodo silencio, e apenas de quando em quando ousava tomar parte no que se dizia, consultando previamente os olhos de sua mulher com admiravel submissão.

Ella era na verdade digna da adoração mais pura. Poucas vezes tão fina intelligencia se encontra reunida a uma formosura tão sympathica. As pestanas longas e assedadas entibiavam o ardor dos seus olhos negros. Os labios entreabria-os um sorriso de suave melancolia; a pallidez ou antes a alvura particular da rosa de Benguella dava-lhe uma expressão

de sentimento tocante, e a voz seductora parecia a do anjo que deve supplicar a Deus pelos infelizes que padecem na terra.

Chegou a hora de nos separarmos, e não foi sem custo que disse adeus áquella graciosa apparição.

E o romance que eu imaginava? não devia continuar a pensar nelle?

Para que? talvez as circumstancias me proporcionassem alguma historia verdadeira.

Dois dias depois daquella tarde em que tinhamos ouvido os brilhantes improvisos do povo, e feito conhecimento, pelo menos eu, com a sympathica e amavel senhora que viera tomar parte na festa campestre, o meu amigo recebeu uma carta della.

Era um convite para irmos passar a noite em sua casa.

Na cidade, as *soirées*, os bailes, os theatros rejeitam-se ás vezes, ou vae-se a elles, apenas para matar algumas horas de tedio. No campo não succede o mesmo. Qualquer distracção se aceita com verdadeiro prazer.

A vida para nós, no retiro daquella pittoresca aldeia, era placida e suave, porém monotona. Os mesmos passeios, as mesmas paizagens, o mesmo horisonte.

O homem aperfeiçoado ou estragado pela civilisação, não sei qual das coisas será mais exacta, custa-lhe a supportar por muito tempo similhante existencia. Sobretudo, se é um pouco poeta. Talvez, leitor, que esta observação te pareça absurda, fica certo do contrario.

Nos poetas não é o coração que predomina, é a imaginação, e esta alimenta-se com a variedade constante. No mesmo logar, no mesmo circulo de idéas estiola ou morre como as flores quando lhes falta o sol e ar livre.

Cantar os prodigios da natureza, a aurora, os prados, as rosas, o céo da primavera, dentro de casa, n'um quarto confortavel, n'um dia frio de inverno, aninhado na commoda *Voltaire*, com o fogão acceso defronte, é para um poeta, o ideal da felicidade.

São feitos assim; não sabem pintar com o original á vista. Os seus retratos são todos de *recordação*. Em se mettendo a copiar do vivo, fazem semsaboria certa.

Perdoe a amavel leitora se perdeu algumas illusões. Talvez que se tenha persuadido que é no auge do sentimento, na força do affecto que o poeta concebe e desenha os seus mais bellos quadros; se as-

sim é, sinto amargamente dizer-lhe que tem vivido de todo enganada. Versos *de corpo presente* ao seu idolo, só os fazem estes privilegiados das musas, no prologo e no epilogo da paixão. Isto é, quando os primeiros symptomas apparecem vagos, mal distinctos ainda, em quanto os sentidos e a alma se não empenham deveras na lucta, e as faculdades imaginativas se não absorvem no sentimento; depois, no ultimo periodo, quando amortece o fogo e a chamma se apaga; quando o espirito desafogado póde entrar no exercicio das suas funcções; quando a cabeça emfim, toma o logar do coração.

O convite que tinhamos recebido era para passar a noite como em familia. O codigo penal da elegancia estava a cem leguas das *Côrtes*. A nossa visita devia ser feita em vestuario de campo, e começar assim que os primeiros raios do sol desapparecessem da corôa dos montes.

Chegámos, pois, a esta hora, e fomos recebidos pela dona da casa, que a pequena distancia da sua habitação, respirava o ar fresco e o perfume da tarde que estava deliciosa.

Ha pessoas com quem nos sentimos em perfeita liberdade, desde o primeiro momento em que te-

mos a boa fortuna de as conhecer. Esta era uma d'ellas. Démo-nos a mão como se fossemos velhos amigos, e começamos a conversar em estreita intimidade.

Duas familias das proximidades vieram augmentar a pequena reunião que se tornou dentro de pouco animada. O meu companheiro fazia as delicias da noite com a sua habitual vivacidade. Eu invejava-lhe mais do que nunca o fogo, a imaginação, e sôbre tudo a alegria, porque estava possuido de um ataque de sentimentalismo piegas e ridiculo.

Tendo a consciencia da minha profunda sensaboria, no primeiro ensejo favoravel retirei-me da sala principal e fui para a janella.

Estava n'um destes instantes que todo o homem tem, por melhor que seja. Sentia-me com desejos de deitar fogo, não só a Roma, mas até ao mundo inteiro, simplesmente para vêr se podia destruir o meu mau humor.

Porque não direi a verdade? achava-me indignado com aquelle marido. Quem lhe dava direito de possuir uma mulher bella, affavel, espirituosa, sendo elle um homem dos mais insignificantes, que tem habitado n'este mundo sublunar.

A pergunta que eu fazia a mim mesmo, era parva.

olhou para mim com indefinida expressão. A dôr, o receio, a vergonha, refletiam-se n'aquelles olhos humidos de lagrimas.

Eu, encarando com o espelho, fiquei mediocremente lisonjeado com o aspecto da minha physionomia. Estava com uma cara de tolo chapado.

Assim que pude fallar, disse-lhe:

—Parece-me que lhe faria bem o ar, minha senhora, porque não chega um pouco á janella?

Ella estremeceu, e fazendo um gesto de susto, disse-me em voz quasi imperceptivel:

—Venha para dentro, não falle alto ao pé d'essa janella!

Obedeci-lhe, mas fiquei mais abstracto ainda.

Passados alguns minutos, em que ambos guardámos o mais completo silencio, ergueu-se e reassumindo o seu gesto habitual, disse, com sorriso singular:

—Não seja curioso, não pense mais no que se passou, e agora venha até á sala.

Segui-a, mas, como o leitor póde julgar, ardendo em desejos de saber o que tinha dado causa áquella scena.

Assim que saimos dei parte ao poeta do que suc-

cedera. Esperava que fosse elle quem rasgasse o véo mysterioso.

Enganei-me. Depois de ouvir a minha historia, respondeu-me pelas seguintes palavras:

—Estiveste para ser morto.

Julguei que era gracejo, e disse-lhe:

—Vamos, falla serio, estou cheio de curiosidade, não sei como explicar aquelle desmaio.

—A qualquer, nas circumstancias d'ella, teria succedido o mesmo. Imagina que estavas em tua casa, conversando á janella com uma das tuas visitas, e que vias de repente alguem metter á cara uma espingarda...

—Para me matar?

—Ou para matar a pessoa que estivesse ao pé de ti: se fosses mulher é provavel que perdesses os sentidos.

—Tens prazer em prolongar a minha curiosidade, já se vê: disse eu assás irritado.

—Fallo serio, e dou-te parte do que se passou; agora pensa o que quizeres.

—Não posso pensar nada. Estou aqui ha oito dias apenas, ninguem me conhece, como hei de suppôr que me queiram matar?

— Apezar d'isso, ainda não ha duas horas que estiveste para cair redondamente morto aos pés da *Pallida Estrella*. Ao menos a morte era romantica, por ser ao lado de uma linda mulher, proseguiu elle com a mesma desesperadora impassibilidade.

— Mas quem é esse personagem que tem por mim tão decidida sympathia?

— Um homem com mais fogo no coração do que tu, meu poeta de agua doce, um homem, que te mettia uma bala na testa apezar da noite, da distancia, e do furor que o inflammava.

— N'esse caso a minha vida não está demasiado segura, disse eu olhando em volta e começando a tomar o negocio a serio.

— Descança, o perigo passou, podes andar a todas as horas do dia e da noite, sósinho por estes campos, que ninguem te toca n'um cabello.

— Pelo que vejo tenho a desgraça de me parecer com alguem que está sentenciado á morte.

— Tambem não; a bala era para ti, respondeu o meu amigo, com ar tragico.

— Decididamente queres esgotar a minha paciencia. Conta o que sabes, dize-me quem é o feroz Ottelo d'esta Desdemona.

—Falla com mais respeito...

—De quem? de um homem que me queria assassinar?

—Não, d'ella.

—Era preciso que não tivesse amantes tão incommodos, respondi eu vivamente despeitado.

—Ella não tem amantes. É um caracter severo e nobre, uma alma capaz de todos os sacrificios. O tom com que o meu companheiro proferiu estas palavras era solemne.

Calei-me corrido da phrase que soltára irreflectidamente. Elle proseguiu:

—Foste injusto, não admira, o mundo obriga a estas coisas. Viste uma senhora na flor dos annos, bella, affavel, espirituosa, casada com um homem feio, timido e sem intelligencia. Suppozeste que era um marido infeliz. Erraste, mas com todas as probabilidades de acertar.

Essa mulher, que vens de deixar, era pobre e bem nascida, o que são duas desgraças. Tinha pae, já velho e quasi na indigencia; irmãos, que não estavam ainda em edade de trabalhar e que precisavam ser educados. Talvez que um affecto suave, uma affeição de infancia tivesse despontado na sua

alma, póde ser que os labios houvessem proferido o primeiro juramento de amor; mas esse homem era pobre como ella, e teve a generosidade de não a querer sacrificar. Desappareceu. Se podesse esperar, é provavel que mais tarde voltasse em circumstancias de lhe offerecer uma posição, mas a fome, a nudez, a miseria não esperam.

Era preciso um grande sacrificio; mulher, resignou-se a elle. Este que é hoje seu marido appareceu. Viu-a, apaixonou-se, e poz-lhe aos pés os seus haveres. Ella para salvar o pae, os irmãos, a familia, acceitou, e occultando as lagrimas, sepultando no coração as memorias do seu antigo affecto, foi para o altar como iria para o patibulo; depois, posto não amasse esse homem, votou-lhe estima e consideração sincera, porque apezar de elle possuir uma pobre cabeça, tem uma grande alma, adora-a, e ella não sabe pagar com a traição o amor que lhe consagram.

Prefere a morte a deshonrar seu marido. Já vês que não tem, nem póde ter amantes.

Diante d'esta tirada sensibilisou-se devéras o meu coração, mas confesso que se satisfez mui pouco a minha curiosidade.

Principiei a recordar-me de todas as circumstancias que se tinham dado durante essa noite.

Ella, quando se aproximou de mim e veio conversar para a janella parecia perfeitamente tranquilla. A noite era de luar, e eu nem tinha sentido rumor de passos, nem dado pela sombra de um vulto. É verdade que detraz das balsas podia esconder-se um homem, mas n'esse caso como é que ella o descobriu?... Provavelmente porque os olhos da mulher vêem muito mais do que os nossos. E quando assim fosse, porque m'o não disse? Talvez não tivesse tempo, talvez vendo a arma apontada e julgando a morte inevitavel, perdesse de todo o animo.

Depois de tornar a si do desmaio, de proferir aquellas mysteriosas palavras, e de voltarmos para a sala, é verdade que notei a sua ausencia por muito tempo, e que olhando para o campo, por uma das janellas, me pareceu vêl-a passar rapidamente entre as arvores que ficavam fronteiras. O facto é que havia um romance ali, e que eu estivera para representar n'elle o papel de victima.

— «Já se vê, pensava eu, que existe um homem apaixonado por esta mulher, e a quem ella, segundo

affirma o meu amigo, não corresponde. Este homem, incommodamente zeloso, vendo-nos conversar largo tempo em presença da noite, da lua e das estrellas, teve ciumes, e n'um accesso mais violento achou razoavel matar-me. Mas porque estava ali, armado e escondido como um assassino?

«É porque havia tenção firme, pensamento reservado, antiga desconfiança.»

Esta ultima observação creio que a fiz em voz alta, porque o meu amigo respondeu:

—Não havia nada d'isso.

—Então como explicas o que me disseste, perguntei eu suppondo que elle adivinhava os meus pensamentos intimos.

—Escuta: vou satisfazer a tua curiosidade. Ha um homem, um poeta, que adora a *Pallida Estrella*. Esse homem segue-a, como uma sombra, e todas as suas ambições se limitam a contemplal-a, a vêl-a, ainda que seja de longe, no extasi da adoração. Estava ali proximo de sua casa, esta noite, como todas as outras. De quando em quando via-a atravessar as salas, assomar á janella, sentia-lhe a voz, e isto era bastante para elle. Tu appareceste, ella chegou-se a ti, fallaram animadamente, e o infeliz,

allucinado pelo ciume, ia desfechar comtigo, quando um gesto, um grito da mulher adorada o deteve na consummação do crime. Depois ella assim que pôde, quando tu voltaste para a sala, saiu, correu a elle e disse-lhe que o despresava se tornasse a commetter outro desvario.

Elle caiu-lhe aos pés, pediu-lhe perdão, e jurou-lhe que podia ficar descançada.

—Mas como o soubeste?

—Soube-o por ella, que me contou tudo. Não viste que fallámos algum tempo em voz baixa antes da saida?

—E esse homem quem é?

—Um pobre moço, que já lhe salvou duas vezes a vida.

—E a quem ella ama, de certo.

—Não; respeita-o, estima-o, e deixa-se adorar. Eis tudo.

—É d'estes sitios? Morgado provavelmente.

—Senhor de um vinculo antiquissimo. E dizendo isto começou a repetir-me os seguintes versos do grande poeta dos Ciumes do Bardo:

«De lyrios e rosas coroemos a enchada
Morgado e não pena dos filhos de Adão:
Mais velha que os sceptros, mais nobre que a espada,
Thesouro é só ella, só ella brasão.»

—Pelo que vejo é algum cavador. Como se chama esse singular personagem?

—Salvador, e é bello como o archanjo do seu nome.

N'este momento íamos a voltar uma azinhaga, e eu descobri, a pequena distancia, um vulto.

Quando nos approximámos, o meu amigo disse:

—Olá! por aqui, e de espingarda ao lado, estás com más tenções, homem?

—Não, senhor, respondeu com ar confuso o camponez, que eu reconheci ser o mesmo que improvisára com tanta felicidade, n'aquella tarde no adro da ermida.

—Á espera dos coelhos, heim? continuou com bonhomia o meu companheiro.

—É verdade, divertir um bocado.

—Ora, deixa lá os pobres animaes, e vae para casa, rapaz, que são horas. Põe o chapéo e corta, por ali é que é o caminho.

—Estimarei que *vossenhorias* passem bem a noite, disse o aldeão, com voz trémula e submissa. Depois pondo a espingarda ao hombro, tomou pela azinhaga da esquerda.

Durante este breve dialogo por duas vezes os seus

olhos se cravaram nos meus, animados de expresa são singular. D'ali a pouco sentimos uma voz fresca, sonora e vibrante, cantando n'uma toada simples, mas repassada de sentimento esta quadra:

> Quem vive ausente não póde
> Dizer que logra ventura,
> Porque uma saudade é morte,
> Uma ausencia é sepultura!

—Ouvel-o? não te dizia eu que era um poeta? Aqui tens o desgraçado que adora a *Pallida Estrella*. Pobre moço! disse o meu amigo com os olhos humidos de lagrimas.

A bella physionomia do camponez, a desalentada expressão das suas palavras, a melancholia daquella voz que entoava uma canção tão triste, e repetia versos tão cheios de sentimento, commoveram-me profundamente.

O infeliz amava com toda a energia do seu coração virgem, e este affecto sem esperança, augmentava pelo infortunio, como todas as paixões desditosas.

Desejei conhecel-o, e destruir a impressão desagradavel que lhe havia produzido. A pretenção era

difficil, porque o seu espirito, alheio á civilisação, è provavel que não se identificasse commigo.

Principiei a recordar-me do modo por que elle me havia olhado. Não me pareceu que a sinistra expressão do odio transluzisse ali. Em fim, como entre os homens que sentem, por diversas que sejam as suas condições, existe sempre um ponto de contacto, que é o coração, não desanimei no meu proposito, decidi-me a procural-o, a fallar-lhe na singela linguagem do sentimento, que elle sabia expressar tão bem n'alguns versos admiraveis.

Como nascêra aquella paixão? N'uma hora, n'um instante, talvez de fatalidade. Algumas scenas, porém, se tinham dado; segundo o que me affirmara o meu amigo, a vida da *Pallida Estrella* havia sido salva duas vezes por esse homem. Ella sabia o imperio que exercia sobre elle, e a prova é que bastaram duas palavras de seus labios para sustar que o adusto e cego amador attentasse contra a minha existencia. Em fim, era indubitavel que os primeiros actos d'um drama, que podia terminar tragicamente, tinham já corrido e eu queria saber com escrupulosa verdade todas as scenas.

Estaria o meu companheiro e amigo nas circum-

stancias de m'as contar? È provavel, comtudo preferia que a confissão viesse dos labios d'ella, da musa fascinadora que inspirava o amor d'aquelle grande poeta, que a falta de cultura condemnára á obscuridade.

A questão era melindrosa, as minhas relações com a *Pallida Estrella* estavam ainda no começo, e seria preciso que se tornassem estreitas, para me atrever a tocar em similhante assumpto.

Uma das vantagens da vida do campo, é a intimidade que se estabelece em breve, entre as pessoas que se conhecem. No fim de alguns dias os laços da amisade mais santa existiam entre mim e aquella graciosa mulher.

Se na minha alma houvesse a mesma vida, o mesmo fogo e ingenuidade que havia na alma do camponez, é provavel que a tivesse amado; paixão desgraçada, porque teria de morrer como a d'elle, sem a mais leve esperança de ser um dia correspondida.

Por inconveniente e vaidoso que fosse o homem, conhecendo a *Pallida Estrella*, admirando os dotes do seu caracter moral, estou certo que se não atreveria a offender a dignidade d'aquella alma vo-

tada ao dever, e quem sabe? talvez ao sacrificio. Á impressão indefinida que a sua vista me produziu no primeiro momento, seguiu-se a admiração, e não ha sentimento mais suave quando nasce do respeito que nos infundem os dotes moraes da pessoa a quem o tributamos.

A admiração pela belleza physica como provém dos sentidos, degenera em breve n'outros sentimentos mais ardentes, porém, menos duradoiros e menos santos de certo.

Um dia achavamo-nos os dois a pequena distancia da sua casa, perto do Liz e entregues á saudade da hora do cair do dia que se aproximava.

Os ultimos clarões do sol desmaiavam no cimo dos montes, as aves soltavam o hymno da tarde em magoados suspiros, as flores exhalavam perfumes mais suaves e o sussurrar monotono das aguas que referviam nas voltas do rio, traziam-nos ao coração aquella vaga melancholia que nos enleia brandamente os sentidos.

Porque se entristece tantas vezes a alma? Porque tanto a miudo, cae sobre ella uma sombra que a obscurece toda? Por que razão a vemos nós chorar sem dor e sorrir sem alegria, similhante á creança

que enxuga as ultimas lagrimas com o primeiro riso da sua discuidada infancia? É que na vida do homem, como na do mundo, ha horas de sol e momentos de crepusculo! O raio vivido de luz apaga-se no desbotado clarão, que precede a noite, e a doce melancolia, que não é saudade só, nem desejo toda, abraça-se com as meigas lembranças do passado.

Estas graves considerações fazia eu quando senti a voz da *Pallida Estrella* que fallava com alguem. Quem era o interlocutor da minha sympathica e affavel companheira? Um gentil rapaz que atravessava a ponte situada a cinco ou seis passos do logar em que nós estavamos. Já o conheceu, por certo a leitora, já adivinhou que era o poeta dos campos, o repentista do adro da ermida, o pobre e apaixonado Salvador, em fim. É verdade, era elle que recolhia da lavoira, com a fronte crestada pelo sol e coberta com o honrado suor do trabalho, era elle que voltava das fadigas do dia, e caminhava para a casinha que fumava no principio da encosta, onde a pobre mãe o esperava com a ceia prompta, e os carinhos do mais santo de todos os affectos; era elle o nobre e altivo camponez que o acaso fizera nas-

cer sob um tecto de colmo, mas que a natureza tornara digno dos explendores de uma regia Queluz!

Passava por ali para deitar um olhar rapido, porém profundo e apaixonado, á casa onde estava para elle a vida ou a morte, a felicidade ou a desgraça.

Salvador, escutando a voz della, estacou de subito e balbuciou com a timidez de uma creança algumas palavras. A brisa da tarde agitava-lhe os cabellos negros e desalinhados, os olhos insinuantes brilhavam com o fogo da paixão, e a arca do peito robusta e espaçosa, via-se bater atravez da grosseira camisa.

O que seria nas mãos d'esse homem, o elegante afeminado das nossas cidades, e até o espadachim famoso, se ousassem pôr-se-lhe diante n'um momento de furor?

E comtudo estava ali, submisso, humilde, timido, em presença d'aquella mulher, como o escravo diante do Senhor omnipotente. Depois, como fazendo um grande esforço para escapar á influencia magnetica dos olhos que se cravavam compassivos nos d'elle, transpoz a ponte de um salto, e vimol-o em breve subir a encosta com a rapidez do homem que imprime aos movimentos physicos, a actividade do espirito.

Ambos ficámos calados, e eu interroguei com os olhos o coração da *Pallida Estrella.*

Ella sem mudar de côr, e com plena expressão de confiança na voz, começou a responder á minha pergunta muda.

—Ha tres annos, passando um domingo de tarde por ali, disse ella apontando para a casa onde Salvador ia a entrar n'esse momento, presenciei a scena mais dolorosa da minha vida. Este pobre rapaz tinha por fatalidade caido em sorte para soldado. A mãe acabava de ouvir dos labios do filho a nova cruel, o pae doente e velho, olhava para os dois sem soltar um gemido, mas com tal dôr que cortava a alma. A esperança tinha acabado n'esses dois entes, fatigados pelo trabalho e pela edade.

Entre os gemidos que partiam do mais intimo do coração, a pobre mãe amaldiçoava a miseria que a obrigava a separar-se, talvez para sempre, do filho. Eram precisas algumas moedas para resgatar o tributo de sangue, e elles não tinham nada, além do pão que ganhavam com o suor de todos os dias.

Podia valer áquella afflicção immensa, disse-lh'o; cairam-me aos pés, a mãe debulhada em lagrimas, o velho e o filho sem força de soltarem uma pala-

vra. Se houvesse sacrificio no que ia fazer, estava paga com usura pela gratidão com que aquella boa gente m'o compensava. O pae morreu poucos mezes depois, e este rapaz, que é hoje o unico amparo da pobre velhinha, todos os esforços lhe parecem poucos para me pagar um favor tão insignificante.

Já me salvou duas vezes a vida, expondo a sua com a temeridade de um louco.

Parece-me que poucas almas encontrará tão capazes de gratidão como esta, disse ella sorrindo melancolicamente.

—De amor! de idolatria! disse eu, não podendo conter o grito da consciencia.

—É verdade, é tudo isso, mais ainda se o póde haver, murmurou ella com tristeza.

Era singular! O sentimento que domina a mulher, a vaidade, nem de longe transluziu nas suas palavras.

—E o que espera esse infeliz? perguntei eu passados alguns momentos.

Ella fez-se extremamente pallida, e disse como se fallára comsigo mesma:

—A loucura, ou a morte.

O mez de abril havia terminado, e o primeiro domingo de maio estava proximo. Nas Côrtes guardam-se ainda as poeticas tradições dos bons tempos que já lá vão.

Este domingo é destinado a uma festa: *A festa de maio*. De manhã musica instrumental na egreja, à tarde arraial no adro, descantes e improvisos.

Teriamos outros repentes tão felizes? Os incultos poetas d'aquellas varzeas e encostas encantar-nos-hiam novamente com os primores da sua musa?

Ao menos eu alimentava essa esperança.

Esse dia tão desejado chegou emfim.

O sol esplendido e a viração suave, protestavam contra o proverbio que diz:

Maio pardo e ventoso
Torna o anno formoso.

Assim que despontou a manhã, o sino da freguezia principiou a repicar alegremente.

Eu, que sou o homem menos madrugador do mundo, saltei fóra da cama, vesti-me á pressa, e fui para a janella respirar o ar fresco da manhã. Acudiram-me á memoria aquelles sentidos e mimosos versos do nosso elegante poeta, e meu parti-

cular amigo João de Lemos, que teem por titulo *O sino da minha terra*. Comecei a repetil-os:

« Tange, tange, augusto bronze,
« Teu som casado commigo,
« A cada nova pancada,
« Me torna mais teu amigo. »

Sentia, ouvindo aquelles sons, que se precipitavam da encosta, vibrando suavemente pelos eccos do valle, o mesmo que o poeta sentiu quando escutando o bronze da sua terra natal escreveu esta graciosa e inspirada poesia.

Uma saudade vaga e indefinida, porém deliciosa, me comprimia o coração, e se exprimia nos olhos em lagrimas; lagrimas suaves como os dias da infancia, que n'esse momento se me apresentavam ao espirito esmaltados de variadas côres.

Oh! o sino da parochia visinha, ao dia santo, quando vibra no retiro dos campos, despertando-nos as lembranças da nossa descuidada meninice, como é saudoso e grato!

Uma das paginas mais bellas, que conheço n'um romance escripto em nossos dias foi inspirada por estes sons festivaes e alegres. O auctor do *Monge de Cister* sentiu, como eu, como muitos outros te-

rão sentido, a impressão profunda desse toque harmonioso, mas o que poude, foi revelal-a em paginas admiraveis. Elegia da alma do homem, que fatigado pelos amargos e crueis desenganos do mundo, volve ao passado, e procura encontrar n'elle a vida, o perfume e a poesia que não poude achar, nem no orgulho da sciencia, nem nas pompas da riqueza, nem nos ficticios esplendôres da gloria!

No momento em que a sua alma vibrou toda, sentindo tanger o bronze da aldeia onde fôra creado, de boamente daria o historiador de Portugal, o romancista do *Eurico*, o poeta da *Harpa do Crente*, gloria, posição e renome, alcançados a tanto custo, para voltar a esses dias de obscuridade, mas de paz e de encanto.

A voz do meu amigo, prevenindo-me serem horas de almoço, veio arrancar-me do estado agradavel em que estive durante não sei quantas horas.

—Vamos, meu philosopho peripathetico, disse elle com a sua voz insinuante, o almoço está prompto, e nós temos de gastar algum tempo com a *toilette*. Hoje a casaca é inevitavel para a solemnidade da festa.

Retirei-me da janella, e como a minha alma se dilatara em sensações vivas, sentiu a necessidade de se tornar expansiva, desejo que, não sendo no seio de uma mulher adorada, em parte alguma podia satisfazer-se com vantagem como nos braços de um amigo intimo. Dei-lhe um abraço com a sincera effusão da amisade.

—Bem; gosto de te vêr assim, homem! proseguiu elle, estás alegre: quando vieste para aqui, com as taes comidas verdes, azues e amarellas, do teu amigo Matta, parecias-me um esfomeado.

Almoçámos, vestimo-nos e fomos para a festa.

O recinto sagrado estava cheio de gente na maior parte do povo. As luzes brilhavam nos altares cobertos de flores, o incenso subia em serena espiral, suave como um pensamento do céo. O coração dilatava-se contemplando aquelles rostos desanuviados e contentes, que vinham depôr aos pés das aras santas as suas sinceras crenças, a prece acudia aos labios fervorosa e ardente.

Não se sentia alli a vaidosa ostentação das cidades, que até se pavoneia no templo, affrontando a humildade de eternos principios.

Era a profunda fé, o puro enthusiasmo da alma

d'aquella pobre gente, que vinha prostrar-se e agradecer á Providencia que lhe promettia, na proxima colheita dos campos, o fructo de tantas fadigas

Era aquelle o momento de invocar uma das magnificas estrophes do *Hymno do trabalho:*

« Quem dá graças aos céos ao sol posto?
« Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
« É o obreiro; o suor lhe enche o rosto,
« Mas a fronte não turba o pesar. »

Se um impio entrasse ali, era impossivel que não sentisse um raio de infinita graça illuminar-lhe o coração sombrio e triste.

A *Pallida Estrella* viera tambem assistir á festa.

Era a rosa explendida, destacando entre as rasteiras e humildes boninas dos campos!

De joelhos, com as mãos erguidas, os olhos postos no altar, a face animada de um colorido que lhe não era habitual, aquella mulher tinha n'esse instante o quer que fosse de um ente divino. A mantilha negra, enquadrando graciosamente o seu rosto, assimilhava-a a essas bellas figuras que nos legaram os pinceis dos grandes pintores hespanhoes.

Oh! se aquelles labios tremulos e anhelantes protestassem n'um extasis de amor, constancia eterna

a um homem... o que seria a vida para esse homem?...

Quem sabe?! Talvez o paraiso, talvez o inferno.

Eu sei que agradeci intimamente a Deus, haver-me concedido a faculdade de a poder contemplar com o enthusiasmo do artista, que admira um primor d'arte, e nada mais.

Poucas vezes se dá esta circumstancia, poucas vezes podemos prestar culto desinteressado a mulheres como esta, a formosuras taes. Fragil e peccador, o coração do homem quasi nunca admira tanto, sem que o amor venha metter-se de permeio, rebentando quando menos se espera, impetuoso e fatal.

Quando porém, não acontece assim, nada pode haver mais agradavel do que admirar, prestando homenagem á belleza e ás qualidades moraes.

Sente-se bem a gente na intimidade d'uma mulher superior, sem que as más picadas do ciume, os amargos instantes de duvida, as horas de inquietação e sobresalto, que são inevitaveis quando o amor existe, nos venham perturbar o espirito.

Ao sair da egreja, a *Pallida Estrella* veio alegrar a nossa mesa, dando-nos a honra de jantar comnosco.

Na vespera havia-me entregado o seu album; eu tinha expressado o sentimento que ella me inspirava, e de que acima fallei, nos versos que passo a transcrever aqui, contando com a permissão da amavel pessoa a quem foram dedicados. São os seguintes:

Sê feliz

Sê feliz! hontem ainda,
Contemplando o teu semblante
Na sua innocencia infinda,
Porém triste n'esse instante,
Roguei a Deus, do mais fundo,
Mais puro do coração,
Que uma lagrima, um desgosto,
Uma sombra d'amargura,
Jámais viesse no mundo
Turbar teu candido rosto.
—Sê feliz! toda a ambição,
Que por ti minh'alma encerra,
É ver-te feliz na terra!
Nada mais! O amor profundo,
O mais violento, embora,
Tem sempre na vida um'hora
De egoismo, e esta affeição,
Que uma só vez na existencia,
No meu peito se accendeu,
Que jámais se ha de extinguir...
Tem a pureza do céo,
Proveio da tua essencia.
Se no presente ou porvir,
Alguem, que te encante a vida,
Existe ou tem de existir...

Não terei zelos! Unida
Para sempre a outro affecto,
Passarás junto de mim,
Embora, direi então:
« Sê feliz! Toda a ambição,
« Que por ti minh'alma encerra,
« É ver-te feliz na terra. »

E sabes, ao Creador
Dou graças por me haver dado,
Este puro sentimento
Em vez do fogo do amor.
Ai! se um dia no momento
De ver-te, te houvesse amado!...
Se em vez da chamma suave,
Que em meu coração se inflamma,
Se ateasse aquella chamma...
Se houvesse emfim rebentado
Aquelle fatal vulcão!...
Ai! de mim! quanta amargura,
Quanta angustia o coração
Não teria já passado!
Porém assim?... não, ai! não!
« Sê feliz! toda a ambição,
« Que por ti minh'alma encerra,
« É ver-te feliz na terra. »

Terminando o jantar, voltamos para a festa.

A tarde declinava, e os improvisadores, como os rouxinoes, começavam a soltar os modilhos inspirados com a approximação da noite.

Salvador era o genio d'aquelles campos. Tinha

diante dos olhos a sua musa fascinadora como as graciosas visões da antiga Grecia.

Rompeu o desafio, e o bello camponez começou com voz tremula:

> Quando eu era pequenino,
> E minha mãe me embalava,
> Já uma voz me dizia
> Que para ti me creava.
>
> Tu dormes, amor tu dormes!
> Tu dormes, e não suspiras!
> Se amasses como eu te adoro,
> Suspiráras não dormiras.

Depois alludindo ao nome da *Pallida Estrella* proseguiu:

> A rosa para ser rosa
> Deve ser da Alexandria;
> A dama para ser dama,
> Deve chamar-se Maria.

E referindo-se á constancia com que a seguia por toda a parte continuou:

> Oh! pedras d'esta calçada,
> Levantae-vos e dizei,
> Quem vos passeia de dia
> Que eu de noite bem o sei.
>
> Inda que o fogo se apague,
> Na cinza fica o calor;
> Inda que morra a esperança,
> Não morre n'alma o amor.

Quando Salvador acabava de proferi restes ultimos versos, uma rapariga rompendo a multidão, chegou-se a elle demudada e disse-lhe:

—Salvador, vae para casa que a tua mãe não está boa.

—Então o que foi, o que lhe deu, disse o pobre rapaz, tornando-se pallido como um defuncto.

— Eu não sei, Salvador, mas anda depressa por que ella está muito mal, continuou a rapariga desatando a chorar como uma creança.

O camponez em dois saltos tinha abandonado o adro; a nova espalhou-se em breve, os cantos cessaram, o borborinho balbuciou e a festa perdeu parte do seu brilho.

Nós corremos immediatamente a casa d'elle levando o medico.

A pobre velha caira com um ataque de apoplexia, e não dava acordo de si.

Á meia noite, o parocho da aldeia, o velho e veneravel sacerdote, subia o carreiro tortuoso da encosta e vinha subministrar a extrema-uncção á moribunda.

Sobre a madrugada estava morta. Salvador ao pé do leito onde repousava sua mãe, em pé, hirto

e livido, conservava-se sem proferir uma palavra.

Ao lado d'elle, a rapariga que trouxera a fatal noticia, debulhada em pranto, exclamava:

—Agora o que ha de ser de mim, que já me não fica ninguem no mundo?...

Salvador ouvindo estas palavras, como se acordasse do lethargo em que jazia submergido, disse correndo a mão pela fronte alagada de suor frio:

—Deixa estar, fico-te eu ainda.

A rapariga que chorava com dôr tão profunda, era uma orphã que aquella boa gente creara em casa desde pequenina.

O dia que despontara tão risonho para essa familia, terminára emfim pela dor e pelas lagrimas, como a vida!

Lamartine na ilha de Procida, em presença do mar, do céo e dos viçosos campos da Italia, encontrou uma pobre rapariga, filha de pescadores, alheia a toda a civilisação, porém capaz de comprehender, pela delicadeza de sentimentos, pela finura de intelligencia, quanto ha grande e sublime na terra. Mais tarde, o pincel do divino poeta desenhou este retrato, combinando as cores, e dispondo as linhas de modo, que os olhos avidos dos

admiradores pasmaram maravilhados, diante da imagem que n'alguns toques saiu do quadro, suave e graciosa, risonha e bella como as encantadoras ficções que pertencem ao mundo do espirito.

Se a Providencia me houvesse concedido o genio do inimitavel pintor da Graziella, sei que o meu retrato em nada seria inferior ao do poeta, porque o original cuja copia vou tentar, rivalisa em tudo com esse modelo que inspirou o auctor das *Confidencias*.

Porém emquanto Raphael, desenhando a Fornarina, fazia um prodigio, um pintor vulgar faria apenas um retrato.

É o que me succede.

Em fim, verei se á luz da saudade posso descrever esta imagem tal qual se me representa aos olhos do espirito.

É um retrato de recordação!

Maria, era o nome da camponeza que vimos no ultimo capitulo, debulhada em pranto, com os cabellos soltos, de joelhos aos pés de Salvador, e proxima ao leito onde jazia o cadaver de sua protectora. Maria! *Estrella do mar, rainha, senhora, soberana, lagrima de dôr!* Maria! o nome mais bello, mais poetico, mais santo do mundo!

Os primeiros clarões da alvorada, rompendo no céo, doiravam já o cume dos montes. As plantas estremeciam com o fremito da aragem viva e perfumada, as aves, despertando com a aurora, soltavas os primeiros trilos, preludios do hymno esplendido da manhã, que se eleva a Deus, inspirado e alegre.

Um raio de sol, brincando pela encosta, veio penetrar, frouxo ainda, no interior do aposento, e beijar a fronte pallida de Maria. Era o osculo de paz que a Providencia mandava áquella pobre e attribulada creatura.

O quadro, até ali sombrio e carregado, com os primeiros alvores do dia tornou-se porventura mais triste ainda. Entre o despertar risonho da natureza, e o somno eterno d'aquelle cadaver, havia uma antithese tremenda. Era a morte e a vida, era o nada da creatura, que nasce hoje, e expira ámanhã, comparado ao poder eterno do Creador.

Só quem tiver assistido ao extremo anhelito de um ser adorado, poderá comprehender bem a agonia d'aquelles dois entes que ficavam sós no mundo.

Ouvir o derradeiro adeus, esfriarem-se os labios sobre o cadaver que arrefece, e olhar depois para

o céo onde o sol vem rompendo, para os campos que hão de reverdecer em milhoes de primaveras, e saber que nunca mais essa fronte livida e fria se ha de erguer animada e alegre — é a dôr mais profunda que se conhece.

Pois ha quem a tenha sentido, e quem viva depois; sabe Deus como! mas emfim, vive-se.

Deixámos aquella casa com o coração oppresso e triste.

Era facil de adivinhar que a morte da pobre velha ia ser causa d'um drama despedaçador.

Maria, desde pequena, creada ao lado de Salvador, uniu-se à elle pelas estreitas e suaves ligações da amisade. Essas, porém, converteram-se em sentimentos bem diversos, quando o tempo desabroxou a flor dos quinze annos no seu rosto suave.

É o que quasi sempre acontece.

Salvador, então ainda livre d'aquella paixão fatal, respondeu com o primeiro affecto da sua alma aos olhos da companheira de infancia que se cravavam nos d'elle, candidos e namorados.

Chamma suave, mas debil, que desmaiou logo em presença d'esse outro astro scintilante e fascinador.

O desgraçado era poeta, e como tal tinha todas as suas grandezas, e todos os seus defeitos.

Maria era para elle uma irmã, e nada mais. A infeliz conhecera-o, e mulher na abnegação, soube conter as lagrimas, amar em silencio com todo o impeto de um affecto que não é correspondido.

Á sombra da sua protectora podia abrigar-se sob aquelles tectos, sem que a vergonha viesse affrontar-lhe as faces; porém depois? Depois se esse homem se não convertesse em seu marido, viver nessa casa, era a deshonra e a ignominia.

A *Pallida Estrella* devia valer á rôla dos campos, orphã e abandonada!

Na tarde desse dia o prestito humilde saía da casinha da encosta. Era o momento solemne.

A *Pallida Estrella* estava ali. Salvador no limiar da porta cravava os olho seccos e desalentados na eça que conduzia o cadaver de sua mãe. De repente o camponez estremeceu; as mãos finas e aristocraticas da graciosa senhora apertavam com ternura as mãos rudes do operario dos campos.

A impressão que o infeliz exprimentou com o contacto daquella pelle suave e delicada, só póde ser comparavel á que deve sentir o peccador trans-

viado, quando o anjo da sua guarda desce ao mundo, e o conduz para a senda do bem.

— Sei que é meu amigo, Salvador, disse ella com lagrimas na voz e nos olhos; e tenho a certeza que me não ha de negar o que lhe peço. Por aquella santa que deixou de existir, e que está no céo, jure-me que ha de casar com Maria. Ella não tem mais ninguem no mundo, e seria uma infamia abandonal-a. Hoje mesmo a levo para minha casa, onde vae ser uma hospeda, uma companheira, uma amiga.

Salvador caiu de joelhos, e proferiu n'um paroxismo da lagrimas; o juramento que ella lhe pedira.

D'ali a pouco Maria deitava um olhar rapido para casinha onde fôra creada e firmada ao braço da *Pallida Estrella* descia lentamente a encosta.

O homem nascido n'uma condição humilde, ainda que a fortuna o eleve ás altas regiões da sociedade raras vezes ganha esse tacto finissimo, que distingue o aristocrata de velha raça.

Atravez do vestuario esplendido do *grão senhor* improvisado, respira quasi sempre e aspereza primitiva. O exemplo é facil e abundante.

A cada hora atravessam pelas ruas desta cidade, em sumptuosas carruagens, os barões e os viscondes

de hontem. A casaca em consorcio incestuoso com os hombros espaduados, procura desquitar-se do dono; o republicano joanete revoltando-se contra a tyrannia da bota de polimento, ergue a democratica e orgulhosa cabeça; o pescoço vinculado aos collarinhos, não é senhor do mais pequeno movimento, as mãos ossudas e populares estoirando a pellica das luvas brancas, andam á procura *de uma posição* cem vezes mais difficil para ellas do que essa que havia sonhado o nosso amigo *Jeronymo Paturot.*

Ás mulheres não succede o mesmo; é rara aquella que em pouco tempo de convivencia com a grande sociedade não adquire a educação mais fina, adivinhando, por assim dizer, o atticismo e os *apices* da vida elegante.

É que em geral estes entes adoraveis possuem sempre *aquelle sexto sentido*, que é propriedade dos artistas e poetas.

Observem o *barão*, e se é casado, olhem para a *baroneza*, ambos plebeus da raça, porém que differença! ella affavel, elegante, recebendo com um sorriso chistoso as provocadoras homenagens de cem admiradores, como uma condessa de alta comedia;

elle, engomado, esquerdo, paspalhão como um galan de farça.

Estas considerações occorreram-me ao lembrar-me de Maria, da bella e ingenua camponeza que a *Pallida Estrella* levára para sua casa naquelle dia de luto e de lagrimas.

A flor das agruras transplantada para o jardim sem perder a simplicidade nativa, dobrou em prefume e em formosura. Passado pouco tempo a pobre aldeã era outra; outra na educação, a mesma no sentimento, e d'aqui provinha toda a sua desgraça.

Agora via claro no seu espirito; podia comprehender melhor toda a intensidade e fatalidade da paixão que a devorava. Os vagos presentimentos que salteavam a sua alma haviam-se convertido em cruel realidade.

O maior castigo para a creatura humana é possuir intelligencia e sentimento. Talvez pareça absurdo, mas é uma triste verdade. A cabeça é o algoz implacavel do coração, quando este deseja, quando ama, quando aspira para um mundo melhor, vem a razão, e n'um sopro destroe as suaves chimeras de que se alimentou durante alguns dias de illusoria felicidade. Á superficie a vida ainda

tem alguma coisa de boa, no fundo existem sempre lagrimas e desenganos crueis.

Pobre Maria! a mão protectora que a amparava no mundo, mão que ella devia beijar com o sincero affecto da gratidão, era a mesma, que sem o querer, aniquilava as suas illusões mais queridas.

Quando os olhos intelligentes da *Pallida Estrella* se volviam orvalhados de lagrimas para os olhos d'ella, não sentia a infeliz que essa chamma fascinadora lhe roubava o affecto d'aquelle que amava agora com enthusiasmo e adoração supersticiosa?!

Quando Salvador, diante do seu idolo, por cega obediencia a elle, deitava um tibio olhar de piedade á companheira dos tenros annos, quanta humilhação para o seu orgulho de mulher, quanta amargura para a sua alma capaz de levar o amor e a abnegação até ao sacrificio!

Uma tarde a *Pallida Estrella* pegou nas mãos de Maria, e levando-as aos labios disse-lhe:

—D'aqui a um mez parto para Lisboa, vou passar ali o inverno; temos de nos separar, e é preciso que eu veja realisar-se antes disso uma coisa que vivamente desejo. Salvador fica tratando das propriedades que meu marido comprou aqui, e tu

Maria, tomando conta d'esta casa, que vou deixar por alguns mezes. Ficam os dois, mas é preciso que fiquem casados.

Maria estremeceu toda como o canavial novo quando o sacode o vento. As faces descóraram, e os labios frios não podiam articular uma palavra.

A *Pallida Estrella*, com os seus olhos de lynce, lia no fundo daquelle nobre coração.

Passados instantes proseguiu com mais affecto, com mais ternura ainda na voz:

—Não ha segredo para duas amigas, Maria, para duas irmãs como nós. O que tu me não disseste, adivinhei-o, como adivinhei o que outros calaram sempre! Se ha no teu coração algum sentimento para mim, se me julgaste alguma vez culpada, porque o não dizes, porque não desafogas n'este instante commigo?

A camponeza, medindo n'um relance quanto havia grande n'estas palavras, que só por abnegação, por nada mais saiam dos labios da elegante fidalga, caiu-lhe aos pés e n'um paroxismo de lagrimas exclamou:

—Não lhe posso pagar senão com um sacrificio; estou prompta a fazel-o; vou casar com esse homem que já me não ama!

Depois aquellas almas voaram uma para a outra, e abraçadas pela dôr, revelaram os seus mais intimos segredos.

Bella, porém melancholica como o astro da noite, a *Pallida Estrella* ergueu a fronte e apontando para o céo onde brilhava ainda o desmaiado clarão do crepusculo, disse:

— Confia em Deus, minha filha, Salvador que tem uma nobre alma, quando comprehender bem a tua, ha de amar-te.

Que teria feito no mundo este anjo para que a Providencia lhe impozesse o tremendo castigo de se sacrificar sempre pelos outros! O seu primeiro affecto, o unico, occultara-o no intimo d'alma e, sorrindo com a paciencia dos santos, aceitara um casamento contrario aos seus desejos, para salvar seu pae. Depois vendo Salvador, pobre, obscuro embora, porém rico de coração, brilhante de intelligencia e apaixonado por ella, nem por vaidade ao menos, por este sentimento a que raras vezes é superior a mulher, balbuciou, cedeu um instante.

Agora para vêr se com a sua ausencia podia terminar a fascinação d'aquelle desgraçado, abandonava o suave retiro onde viera refugiar-se, voltava

a um mundo que tinha perdido já todos os encantos para ella.

Poucas mulheres são capazes de tanto, é verdade, mas emfim, ha algumas; homem é que não ha nenhum. No campo da batalha, podem sacrificar-se á gloria sob o nome pomposo de amor da patria; no meio das revoluções morrem por uma idéa grande que os torna illustres na posteridade; encaram sem tremer o cadafalso, ainda por ostentação de orgulho; mas com a abnegação de tudo, na obscuridade profunda, votar-se ao martyrio e soffrel-o em silencio, só a mulher!

O verão estava acabado.

Os primeiros dias do outono começavam a sorrir, melancholicos e suaves. Sem saber como, tinham corrido para mim os mezes no aprazivel retiro d'aquella graciosa aldeia.

Víra desabrochar as flores com a primavera, córarem os fructos com o estio; gosára da benefica sombra dos arvoredos nos dias calmosos de agosto, e achava-me em fim na mais sympathica de todas as estações do anno — no pallido outono. Quando hoje, passado já algum tempo, volvo um olhar de saudade para essa epoca, diz-me amargamente a

consciencia que não voltará de certo outra tão tranquilla e tão feliz para mim.

Um amigo intimo, alguns livros, a conversação espirituosa da *Pallida Estrella*, o campo, as encostas cobertas de vinhas, as aguas do Lis, as harmonias variadas da natureza, a luz viva e alegre do alvorecer, a luz tibia e melancolica do crespulo, a esperança e a saudade, estes dois sentimentos que em todas as situações, em todas as edades avivam, despertam ou adormecem, porém que jámais se extinguem no coração humano, rebentavam na minh'alma sem causa ás vezes, mas sempre gratos, sempre suaves e queridos.

Sentia profundamente, e a vida é sentir muito, nada mais! Quando o homem despende este precioso capital para comprar a experiencia, mal sabe que fica arruinado.

Mas, emfim, certas organisações, por mais desenganos que levem, raras vezes chegam a exhaurir de todo o thesouro da sua sensibilidade: sempre ficam alguns affectos por onde o coração se dilata agradavelmente, e algumas chimeras com que a imaginação se alimenta!

Salvador era outro. Os brilhantes improvisos ti-

nham acabado, a sua fronte, ordinariamente annuviada, procurava abrir-se com um sorriso, quando Maria estava ao pé d'elle. Ella na cegueira do seu affecto, animava-se ainda com esse clarão transitorio, como a timida violeta do valle se anima á restia esmorecida do sol n'um dia carregado e triste do inverno.

A esperança, a risonha companheira do infortunio, acordava na sua alma, e n'algumas horas de suaves illusões, a apaixonada camponeza dizia comsigo mesma:

— Quando elle souber como eu o amo, quando tiver a certeza de que ninguem é capaz de lhe querer com tanto extremo, é impossivel que se não esqueça de tudo, e que me não ame tambem!

Pobre pomba! não se lembrava que Salvador era homem e sobretudo que era poeta. Na innocencia da sua alma, não comprehendia que as caricias, os desvelos, a ternura e afagos constantes, não são nada para esta raça de orgulhosos egoistas, que desprezam a gloria facil, ambicionando só o difficil, o impossivel ás vezes! A dedicação do seu amor podia conquistar a amisade e a gratidão d'aquelle homem; porém, é provavel que nada mais.

O dia aprasado para o casamento chegou.

Ás dez horas da manhã, eu e o meu amigo esperavamos no adro da freguezia que chegassem os noivos, a *Pallida Estrella* e seu marido, que deviam servir de padrinhos. Estavamos tristes como se fossemos assistir a uma ceremonia funebre. D'ali a pouco appareceram os actores d'aquelle drama solemne que termina tantas vezes tragicamente.

O cèo estava sereno, o sol brilhante, os bosques ainda verdes, porém apesar de tudo, a natureza respirava uma tristeza infinita.

Salvador vinha pallido, e um tremor forte, mas rapido, agitava de instante a instante todos os seus membros. Maria modesta, simples, mas graciosamente vestida, brilhava em toda a pureza de sua ingenua formosura. N'esse momento parecia que haviam desapparecido do espirito as negras sombras que o carregavam. Como se a felicidade lhe houvesse feito esquecer o passado, a sua alma entregava-se toda ás enganadoras esperanças de um futuro melhor. As faces ordinariamente pallidas, estavam n'esse dia accesas de casto rubor, que sobe do coração da donzella, quando vae depôr aos pés dos altares, a corôa immaculada da sua virgindade.

A tristeza, que me cerrava dolorosamente a alma, augmentou quando olhei para ella!...

Senti o desejo de arrancar a victima ao sacrificio; de lhe dizer:

«Não vás unir o teu coração, que palpita ancioso de amor, a outro coração que bate frio e desalentado. Antes a ausencia, antes a morte, do que existir n'uma agonia que deve protrair-se, sabe Deus, por quantos annos!»

Emfim era já tarde. E depois, quem sabe? Talvez que os meus presentimentos me enganassem; talvez que ella chegasse a ser feliz, porque talvez esse homem viesse a amal-a ainda.

A *Pallida Estrella*, como se adivinhasse os meus pensamentos intimos, disse-me:

«Elle é homem, ha de esquecer-se; ella é mulher, ha de sabel-o captivar.»

Dentro de pouco a ceremonia havia terminado. Os dois esposos saíam da egreja, e eram recebidos, ao passarem por debaixo dos arcos de verdura, decorados de fitas, que lhe haviam levantado, segundo os costumes da aldeia, por uma chuva de confeitos, com que os seus amigos e conhecidos os festejavam.

N'esse dia de tarde, despedimo-nos da *Pallida Estrella*, promettendo-lhe que nos veriamos dentro de pouco em Lisboa.

Eu tencionava ainda passar o resto do outono nas Córtes. Maria afogada em lagrimas, não podia separar-se dos braços d'ella. O coração humano ninguem o entende! A pobre camponeza tinha sinceras saudades da mulher, que, apesar de innocente, era comtudo causa da sua desgraça.

Salvador estava ali, mudo e immovel, como estatua. Quando a caleça partiu, quando desappareceu na volta da estrada, vi-o voltar o rosto, e duas lagrimas, que havia tempo rolavam nas orbitas, assumarem em fim tremulas ás palpebras.

Neste momento Maria chegou-se a elle, o infeliz caiu n'aquelles braços, que o apertavam com extremo ao peito, e sabendo — santo Deus! — que elle chorava assim por outra!...

No abraço estremecido e tenaz, nas lagrimas que deviam ser de ciume e de raiva, mas que eram de resignação, estava emfim a mulher!

Ha dias achámos esta delicada observação n'um elegante escriptor francez:

« A mythologia quando tirou Venus das aguas do

mar, creou um symbolo, porque não ha verdadeira formosura, sem ter algumas pedras de sal no espirito, e algumas tempestades no coração.»

É assim: as linhas puras, o colorido esplendido, a correcção acabada de fórmas, não constituem por si só a formosura, é preciso que o sopro da intelligencia anime as feições, que o sentimento imprima no rosto certa graça e sympathia particular.

O sal no espirito, as tempestades no coração, era exactamente o que tinha a *Pallida Estrella*. Um sorriso desabrochando nos labios, era a graça, uma lagrima tremendo nas mimosas palpebras, era o sentimento, era a paixão.

Uma despedida é sempre triste, seja embora entre pessoas que se conhecem de pouco tempo e cujas relações não são das mais intimas.

Apertando a mão d'aquella mulher, superior pela intelligencia, e superior pelas qualidades moraes, dizendo-lhe adeus, sentime vivamente comovidos. A ave candida, que alegrava com a sua voz o bosque e os campos, a estrella da tarde, a terna e suave confidente de tantas horas, em que a melancolia nos cerrava o coração, havia-nos finalmente abandonado.

Quando a noite caiu, eu e o poeta acabamo-nos profundamente tristes, era o momento de exclamar como o cantor das *Harmonias*:

Un seul être vous manque, et tout est depeuplé!

Passado um mez chegou o tempo em que eu devia abandonar as Córtes, e regressar a Lisboa.

Era uma despedida para mim bem custosa. O coração tinha-se habituado aos suaves affectos d'aquella amavel familia, e custava-lhe muito a desprender-se do ninho onde fôra tão bem tratado.

É este o momento de dar um sincero testemunho de gratidão, á respeitavel dona d'essa casa, retribuindo-lhe com viva saudade, as lagrimas que vi brilhar nos seus olhos bons e intelligentes quando me disse adeus. Se percorrer um dia com a vista estes rapidos apontamentos, quero ao menos que saiba, que nem a distancia, nem o tempo, têem obliterado no meu espirito a memoria d'esses dias de paz e de felicidade.

Ao partir com o coração comprimido pór tristes saudades, encontrei a pequena distancia da casa, Salvador e Maria, que esperavam por mim. Eram

mais dois amigos que ia deixar, e quem sabe? talvez para sempre!

O camponez sem força para soltar uma palavra, olhou-me, e nesse olhar havia uma tristeza tão funda, um desejo tão vivo de me acompanhar!... depois deu dois passos: apertou-me a mão e disse-me em voz baixa:

A'ausencia tem uma filha
Que tem por nome saudade,
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade.

Pobre louco!

Maria teria adivinhado o que elle dissera? O que não adivinha a mulher quando ama! Tambem ella fitou os olhos em mim e parece-me que lhe ouvi dizer:

«Eu, sou a mesma infeliz.»

O sol declinava; e aconselharei a todos que não procurem este instante para uma despedida! As sombras vão envolvendo os campos, as aves soltam pios lamentosos, as flores pendem com o crepusculo, a esperança parece que morre de todo na nossa alma!... Oh! que hora esta para um adeus!

Cheguei a Lisboa. A *Pallida Estrella* brilhava no meio do mundo elegante da capital. Nos cama-

rotes dos theatros, nas *soirées*, nos bailes, por toda a parte em fim, era o alvo das attenções, e mais d'um conquistador *assoldadado*, na sua pertenciosa e louca vaidade, nutria lisongeiras esperanças. Ella, nem affectava desdem pelos que a admiravam, nem se desvanecia com tantas demonstrações de enthusiasmo; era a mesma singeleza grave, a mesma altiva dignidade, o mesmo olhar sereno e triste!

As linguas farpadas d'esta cidade de *senhoras visinhas*, essas mesmas se abstiveram de lhe fazer algumas das suas perfidas insinuações.

Admira, porque aqui não se respeita ninguem.

Havia pouco mais de tres mezes que eu tinha abandonado as Córtes. Um dia de manhã recebi uma carta de Leiria, abri-a e li o seguinte:

«Meu bom amigo

«Janeiro de 18...

«Escrevo-te com o coração apertado de dôr, e o espirito profundamente abatido. Acabo de chegar do cemiterio, onde fui acompanhar o cadaver da infeliz creança que tu aqui conheceste, da desventurada Maria.

«Não esperou pela primavera; a timida violeta

expirou no inverno. Nem os raios alegres d'este sol, nem o ar vivo d'estas encostas a puderam salvar.

« Os medicos não souberam explicar a sua morte. Morreu de tristeza; é o que posso dizer; expirou sem que as contracções da agonia transtornassem aquella face candida. E comtudo, eu que tenho assistido a tantas mortes, nenhuma me produziu sensação tão profunda como a d'esta infeliz, cuja vida foi infortunio, infortunio e nada mais.

« Nos primeiros dias do seu casamento quiz ainda illudir-se, chegou talvez a illudir-se por algumas horas, suppoz que seria possivel conseguir a coisa mais difficil que se conhece: *Accender o fogo de uma religião que acabou!*

« O desengano veio cedo. Por cumulo de infelicidade Salvador tratava-a bem, e tinha-lhe affecto de irmão, o que era a peior de todas as desgraças para ella! Antes o odio, porque se luta; porém, fitar com o ardente enthusiasmo do amor os olhos que se adoram, e não encontrar nelles mais do que a chamma amortecida da amisade, não ha dôr que se lhe eguale, nem martyrio a que possa comparar-se.

« Maria comprehendeu que a sua existencia era inutil ao pé d'aquelle homem, a quem a ausencia

da *Pallida Estrella* não tinha feito senão accender cada vez mais o fogo da sua paixão desgraçada.

«A vida para ella era um tormento de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes. Não podia lembrar-se do suicidio porque era religiosa.

«O que lhe restava pois? Esperar e soffrer até que a morte viesse dar-lhe o osculo da eterna paz! Assim foi. Compassiva a Providencia abriu-lhe os braços, e o anjo entregou-se n'elles com o sorriso da resignação nos labios, e os olhos postos no céo, que a devia compensar das amarguras por que passára na terra!

«Póde haver uma elegia mais simples e mais sentida do que a vida d'esta mulher, orphã desde o berço?!

«Imagina agora Salvador, outro desgraçado, de outro genero, porém não menos infeliz, como veria o longo expirar da pobre creança!

«A dôr e os remorsos, como o furacão repentino, cairam sobre a sua alma. Hontem de tarde desappareceu! Temol-o procurado em vão por toda a parte. Provavelmente a estas horas está morto.

«Como é o mundo! Olhando para este céo, contemplando este sol vivificador, quem dirá que a

vida tem scenas tão dolorosas, instantes de tanta amargura!

Teu

R. C.»

Pode julgar-se da impressão que me produziria a leitura d'esta carta. A primeira idéa que me veio ao espirito foi a do estado em que ficaria a *Pallida Estrella* quando soubesse do tragico desenlace d'este drama, em que ella, por fatalidade, representava o primeiro papel.

Vesti-me á pressa e corri a casa d'ella.

Era um dia de inverno, d'estes em que o cèo desassombrado e sereno da nossa terra faria, como diz algures o auctor da Historia de Portugal, embatucar de despeito os rubicundos e empavesados filhos da Grã-Bretanha, a quem a Providencia não concedeu os primores d'este clima.

Era um bello dia esse, em que recebi a tristissima nova da morte d'aquella mulher tão moça, tão sympathica e tão infeliz!

Cheguei á casa da *Pallida Estrella.*

—Sabe já o que aconteceu? disse ella estendendo-me a mão fria e tremula.

— Acabo agora mesmo de receber uma carta de Leiria; pobre creança!

— As amarguras acabaram para ella, a sua alma purificada pelo martyrio está no céo; mas o outro desgraçado?! Sabe que desappareceu abandonando a casa no mesmo dia que ella expirou?

— Sei tudo; provavelmente suicidou-se.

— Peior, se é possivel haver coisa peior. O desgraçado está louco.

— Como o sabe?

— Adivinhei-o. Está a estas horas já no hospital de Lisboa.

Pela primeira vez a physionomia da *Pallida Estrella* mostrára a expressão de dôr frenetica e desesperada.

A sua heroica abnegação parecia tel-a abandonado.

Pouco a pouco foi serenando, e duas lagrimas havia muito retidas no coração bailaram nos olhos, correndo finalmente ao longo das faces.

— Soffro muito, disse ella depois de alguns momentos de silencio, soffro muito, meu bom amigo, porque sou a causa de tamanhas fatalidades. Deus sabe que fiz tudo para as remediar, mas o destino oi implacavel.

Procurei dar-lhe algumas consolações, porém debalde; apenas consegui proférir certas banalidades, como succede sempre, quando pretendemos attenuar os males alheios nas horas de dôr suprema.

Ella conheceu quanto era difficil a minha situação e disse-me sorrindo no meio das lagrimas:

—Acompanhe-me, venha dar um passeio, o dia está magnifico, e eu preciso sair por força d'esta casa.

Fomos vêr o campo onde as searas começavam a pollular com os raios beneficos do sol.

Ella, que fazia voar as horas com a sua conversação sempre variada e espirituosa, n'essa tarde apenas soltou algumas palavras. Quando chegámos a casa disse-me:

—Ámanhã venha ver-me: quero fazer uma visita, mas não tenho animo de ir só. Adivinha a quem será, não é assim?

E depois, sem esperar pela minha resposta, agarrou-me das mãos, e continuou atravez de uma torrente de lagrimas que lhe embargavam a voz:

—Quero vêr Salvador, o desgraçado que está louco, e aqui, no hospital de Rilhafolles.

Olhei assustado para ella, receiando que a infe-

liz fosse tambem victima de um accesso de loucura.

Pareceu comprehender-me e disse:

— É um presentimento, mas tão vivo, tão profundo que não póde ser mentiroso.

— Ha, porém, tão pouco tempo ainda que se deu aquella fatalidade...

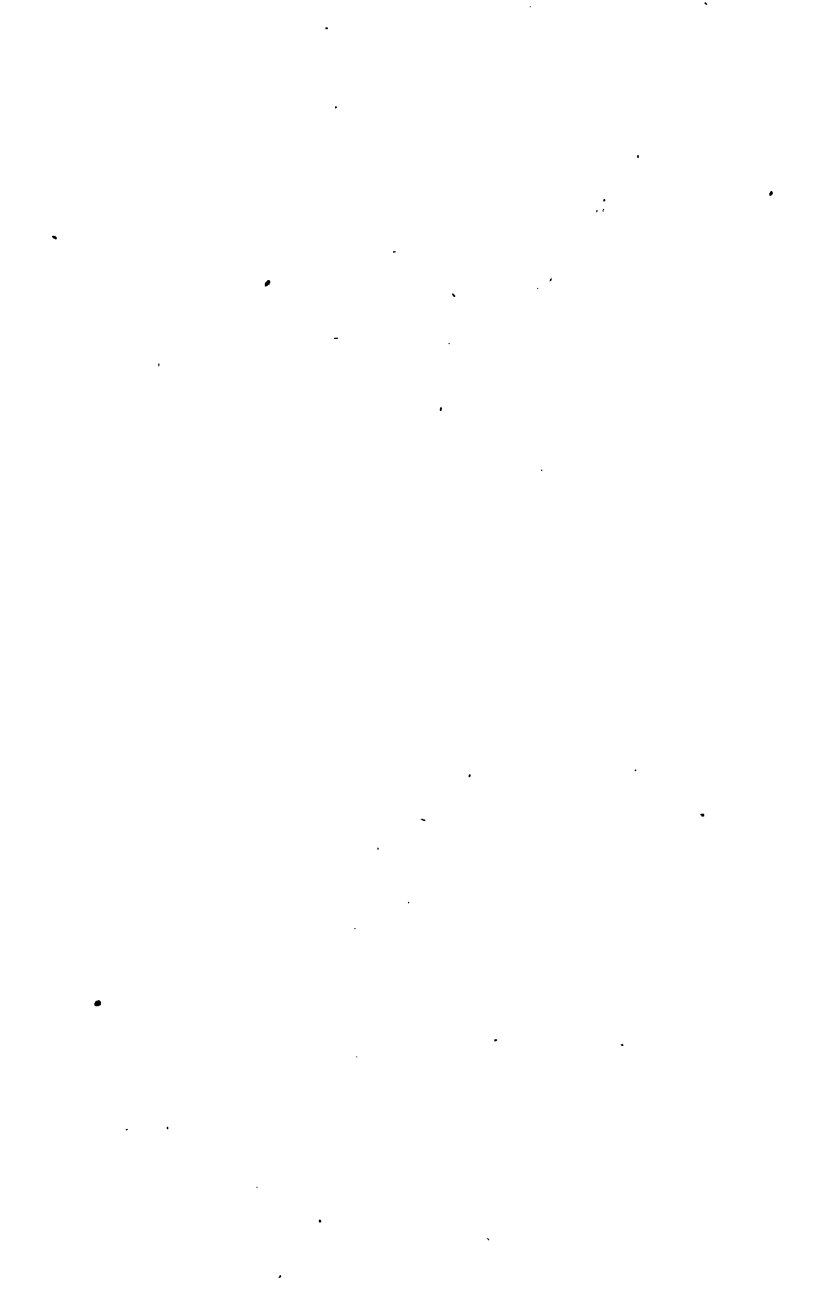
— Ha cinco dias, e não sei, mas tenho como certo que a estas horas, Salvador está em Lisboa, no hospital e doido!

Era prodigiosa a convicção com que ella proferia estas palavras.

No dia seguinte apresentei-me em casa d'ella e, apesar da triste disposição do meu espirito, do receio que me produzia a idéa de me encontrar entre aquelles dois entes, se de facto Salvador estivesse alienado como ella o presentia, confesso que tinha grande curiosidade de assistir áquella scena.

Era a curiosidade que attrahe o viajante para o abysmo que se abre a seus pés — negro, pavoroso, profundo.

Ás onze da manhã saimos de casa; ás onze e um quarto estavamos á porta de Rilhafolles.

Entrámos nesse estabelecimento, onde o zelo de

A rua da Saudade

I

N'uma sexta feira de quaresma do anno de 18...
tinha eu entrado de manhã na egreja da Graça.

Os raios vivos e alegres do sol, penetrando pelos vidros das janellas, illuminavam o interior d'esse solemne sanctuario, onde se respirava um perfume suave de religião e de paz.

Passado pouco tempo vi apparecer no templo uma senhora trajada de preto e com um véo caido. Da orla do vestido de veludo negro destacavam os pés estreitos, mimosos e alvos, como os pés da estatua, arrancada do marmore n'um sopro de Canova ou Thorwaldson.

O véo era tão espesso, que lhe occultava quasi completamente as feições. Comtudo, adivinhei immediatamente quem era a bella devota. Era Margarida

N..., mulher que por mais de uma vez, o leitor terá admirado no passeio, nos theatros, nos bailes, por toda a parte em fim onde afflue o nosso mundo elegante.

Margarida vinha cumprir uma promessa.

Aquelles pés delicados, aquelles pés de fada, que pareciam feitos para caminhar sobre um tapete de flores, magoavam-se sobre as lages frias e asperas do pavimento.

A hora devia ter sido augustiosa, o momento solemne, para se decidir a uma penitencia tão dura.

Margarida caminhou até ao fim da egreja, depois ajoelhou defronte do altar, orando fervorosamente.

Approximei-me do sitio onde ella estava, para contemplar mais de perto a mulher do chamado grande mundo, a rainha das festas, submissa e humilhada, com os pés descalços, e a fronte abatida. E assim devia de ser, porque tudo é pequeno e vão diante da omnipotencia do Redemptor cuja imagem estava ali em toda a magestade do seu tremendo martyrio.

«Deus te salve, mulher, e te perdôe se erraste, porque a tua prece é fervorosa! E Deus ha de absolver-te da culpa, se a tens, porque tudo perdôa elle á creatura quando o arrependimento é sincero.»

Isto pensava eu quando a vi de repente erguer-se, dar alguns passos vacillante, agarrar-se á teia com uma das mãos, levar a outra ao peito, e soltar um pequeno grito. Corri a ella, ampararei-a nos braços e conduzi-a quasi desmaiada para dentro da sacristia.

Margarida tornou a si em breve, e, dando com os olhos em mim, passou da pallidez de lyrio para o rubor vivissimo.

Era o pejo, a modestia natural das almas delicadas, quando são suprehendidas no momento de praticarem uma boa acção? Pois que outra coisa havia de ser? Era isto de certo.

—Minha senhora, perdão, porém v. ex.ª fez mal em expor a sua saude debil a uma prova tão dura. Deus não exige sacrificios superiores ás nossas forças, disse eu, assumindo o ar pedante de conselheiro gratuito.

— Era uma promessa que se havia de cumprir, respondeu ella, continuando a córar cada vez mais.

N'este momento entrou o criado da taboa, trazendo dois pantufos de veludo forrados de pelles.

Margarida fez um gracioso gesto de pudor, tirou os pés da alcatifa onde eu lh'os havia embrulhado,

e metteu-os facilmente n'aquella prisão, que seria estreita para os pés de uma creança de nove annos.

Depois com um sorriso gracioso e affavel agradeceu-me o serviço que lhe havia prestado, e aceitando o meu braço dirigiu-se até á sua carruagem.

Por quem tinha sido feito aquelle voto? Por seu marido que estivera havia pouco tempo ás portas da morte.

Margarida era casada.

II

O meu particular amigo B..., não é nem alto nem baixo, nem gordo nem magro, nem bonito nem feio. Á primeira vista parece um homem vulgar, vulgarissimo. Olhando para elle, pode esperar-se tudo, menos que esteja ali um heroe tão perfeito, tão audaz e arrojado como D. João ou Lovelace.

Os olhos são garços, e a vista um pouco myope, o que lhe dá certa morbidez interessante. As azas do nariz finas e bem recortadas, particularidade que revela um genio sensivel, e fogoso. Os labios vermelhos e um tanto grossos, o que denuncia que o seu forte não é a virtude da abstinencia.

B... tem trinta annos, posto affirme com a mão na consciencia que ainda não cumpriu os vinte e sete.

Não morre de amores pelos homens, porém em em compensação adora as mulheres.

Desconhece a politica, menos a de *toilette*, em que é um estadista de mão cheia.

Em fim, o meu heroe procurou todos os meios de se tornar agradavel ás mulheres guardando as apparencias de um homem sizudo e grave.

Os recursos de que usam os janotas, despreza-os elle profundamente.

Nem a mão no peito, nem o sorriso sentimental, nem o pescoço emparedado entre dois collarinhos, nem os passos da *polka*, nem os cumprimentos alambicados, nem as phrazes em tom mellifluo, com que os nossos elegantes conseguem, no fim de um anno, captivar o coração de certas formosuras, que pela edade ao menos se acham em perfeitas circumstancias de figurar como heroinas de Balzac.

Não, senhor, o nosso, é outra casta de heroe.

Aprendeu musica, por saber que as mulheres gostam de melodias; pintura, para tirar os retratos das suas amantes; esgrima, para as desaggravar no campo da honra.

Um dia B... entrou de manhã no meu quarto, e pela primeira vez vi a sua physionomia completamente transtornada por uma forte commoção moral.

—Que é isso, meu amigo? exclamei vendo-o n'aquelle estado de pallidez e sobresalto.

—Que ha de ser? uma grande fatalidade... a maior da minha vida.

—Vamos, homem, desafoga, diz o que é, talvez possa valer-te...

—Valer-me... agora... só Deus!

—Trata-se de alguma traição?

—Peior.

—Da perda dos teus haveres?

—Peior.

—Da morte de alguem?

—Peior.

—Estás n'um compromisso de honra?

—Peior, peior, peior!

—Então o que tens, homem?

—Tenho de me casar!

B. deixou-se cair sobre uma cadeira, e esteve alguns segundos sem tomar alento, depois olhando para a minha physionomia, que assumira n'esse momento o ar mais parvo do mundo, continuou:

— É verdade tenho que me casar!

— Com alguma mulher que detestas?

— Não; com uma mulher que adoro.

— Se tivesses a bondade de deixar esse tom mysterioso, far-me-has especial favor. Vaes casar com uma mulher que amas, e é por isso que te julgas desgraçado? Ora vamos, dize o que te succede.

— O que me succede é a maior de todas as fatalidades possiveis n'este mundo. Deixa-me tomar alento, vou contar tudo. É verdade, tens vinho, *cognac* alguma coisa que eu tome?

— Vamos a vêr.

— Bem, dá-me seja o que fôr, porque me sinto n'um tal abatimento, que me parece que vou perder os sentidos.

Mandei vir uma garrafa do Porto, puz-lh'a defronte, elle encheu os copos, aspirou o flavor, ou *bouqué*, se acham mais bonito, e depois libou com a voluptuosidade de uma sibarita.

— Bem, muito bem; estou melhor, se não fosse um trago d'este precioso elixir teria desmaiado.

— Meu querido, a primeira parte da minha comedia, do meu drama ou tragedia, sabe Deus qual das tres coisas será (desconfio muito que se realise

a ultima); a primeira parte, digo, não é original. Pouco importa — Escuta.

Eu tive a leviandade de me apaixonar por uma mulher casada, e uma mulher casada teve a leviandade de se apaixonar por mim. D'estas duas leviandades nasceram muitas outras, bastante perigosas para a minha humilde pessoa, muito para ella, e muitissimo para o marido.

Como nasceu este affecto illegitimo? Pela sympathia espontanea. Encontramo-nos um dia no Passeio Publico ella olhou para mim, notei aquelle olhar, e disse ao primeiro amigo que se approximou:

— Parece-me que não sou de todo indifferente áquella senhora.

— Imaginação. Essa senhora é casada, e olha só para seu marido.

— É casada?

— É o modelo das esposas.

Despedi-me á pressa d'esta lingua honradora, e continuei a olhar para o *modêlo das esposas* e o *modêlo das esposas* continuou a olhar para mim.

Passados dois dias entrei em S. Carlos, e vi-a n'uma friza. Estava fascinadora: um leve rubor tingiu as suas faces candidas como a açucena, e os seus olhos

azues animaram-se como o céo aos primeiros clarões do sol n'uma alvorada de abril. Esqueceu-me dizer, para completar o retrato, que um sorriso lhe entreabriu os labios vermelhos, deixando aperceber a deslumbrante alvura dos dentes.

O coração bateu-me alvoroçado. Não ha nada mais expansivo do que o amor; ao pé de mim estava um amigo, e d'esta vez ainda commetti a indiscrição de lhe dizer que visse se aquella mulher olhava para mim, e reparasse se o olhar era significativo.

—Meu caro, deixa-te de illusões, essa mulher é uma mulher de *caracter*, ainda que não amasse seu marido, era incapaz de o atraiçoar.

Calei-me, e pensei commigo — ou eu sou um grande asno, ou Lisboa está cheia de linguas sagradas; pois não é o seu forte.

Depois d'esta observação, continuei a olhar para a mulher de *caracter*, e a *mulher de caracter* continuou a olhar para mim.

Á saida, no salão, tive meio de lhe dizer duas palavras; ella respondeu-me estas:

—Amanhã, no baile D...

Fui para casa, rogando a Deus que me deparasse sempre *esposas modelos* e *mulheres de caracter*.

Passou o dia seguinte, chegou a tarde e veio finalmente a noite.

Contra todas as prescripções do mundo elegante, ás dez horas entrei no baile e ella entrou pouco depois.

—Minha senhora, v. ex.ª da-me esta contradança?

—Com muito gosto.

E erguendo-se com um sorriso gracioso, aceitou o meu braço.

—Parece-me que faziamos melhor em ir para outra sala, está tanta gente aqui...

—Os desejos de v. ex.ª são para mim ordens. Obedeço.

Depois d'este cumprimento, que faria o desespero do mais espremido janota, fiquei alguns momentos completamente parvo; a minha audacia havia-me abandonado.

Ella parece que o percebeu, e veio em meu auxilio.

—Como achou hontem S. Carlos?

—Melhor do que nunca, e posso assegurar que foi essa a noite mais feliz da minha vida.

—Porque? disse ella com um gesto meio ingenuo, meio malicioso.

—Porque?! Se v. ex.ª não descobre nos meus

olhos a causa d'esta felicidade, sou então bem desgraçado.

Já vês que não pode haver maior trivialidade, mas apezar de tudo e posto fosse dita a mulher de espirito, agradou.

— Devo acredital-o? respondeu ella em cinco bemoes, e cravando os olhos nas violetas do seu ramalhete.

— Como acredita... estive quasi a dizer-lhe, como acredita em seu marido, porém salvaram-me as reticencias, e murmurei com voz tremula:

— Como acredita no seu affecto mais puro.

Um leve aperto de mão, e um olhar onde fallava a alma, foram a resposta.

A contradança acabou, e o meu vis-a-vis, que era um homem de altos espiritos e conhecedor dos segredos da boa sociedade, disse-me:

— Meu amigo, d'esta vez não fazes nada: essa mulher é uma santa.

— É verdade, é verdade!.... Respondi eu.

Aos primeiros clarões da aurora, a santa despedia-se de mim com os olhos humidos de lagrimas, e tirando uma rosa que trazia ao peito, dizia-me:

— Aqui tem, guarde-a em memoria d'esta noite.

Era manhã quando sai do baile, uma manhã de inverno bella, porém gelada. Apesar da brisa cortante sentia no sangue o ardor da febre. Não pude dormir, a imagem d'ella estava diante de mim, fascinadora como estes anjos que descendo á terra não perderam ainda a expressão adoravel da sua divina natureza.

A mulher, que aceitava as minhas palavras, e cujos olhos se haviam cravado nos meus com tanta ternura, era preciso que eu a visse, quanto antes.

No dia seguinte, peguei na penna, e dirigi-lhe esta carta:

« Escrevo-te porque sinto n'este instante a necessidade absoluta de desafogar o coração da tristeza que o opprime. Amo-te! Disseram-no os meus olhos, no primeiro instante em que te vi, repetiram-no as minhas palavras, assim que te pude fallar. O amor que me inspiras não sei se é superior, se é inferior aos que brotam na alma da creatura; o que sei, é que me parece unico, não posso classifical-o e julgo mesmo que se um physiologista sondasse n'este momento o meu espirito não saberia distinguir na escala das sensações humanas este sentimento que me enlouquece.

Na chamma ardente dos teus olhos, no adoravel sorriso dos teus labios, nas inflexões suavissimas da tua voz; vi, pela primeira vez na vida, um reflexo verdadeiro da existencia do céo. N'esse instante caí de joelhos, rogando á Providencia que houvesse de me juntar um dia, pelos laços da affeição mais pura, a essa que me appareceu, propicia e boa, como as estrellas quando despontamn o céo carregado pelas nuvens da tempestade... Caí de joelhos, implorando, como agora imploro, que a luz d'esses olhos me não desampare jamais na vida. Responde-me e serei feliz! »

Como vês, esta carta não tem senso commum nem coisa que se lhe pareça: talvez por isso mesmo agradou. Passada uma hora o meu criado voltava trazendo-me a seguinte resposta:

— Entre parenthesis, fazes tenção de me contar um romance por cartas, perguntei eu visivelmente assustado.

— Socega, impaciente, não me disseste que querias saber a minha historia? Nesse caso espera, e ouve com attenção.

O conhecimento de certas missivas é importantissimo, o mais que posso fazer é dar-te um extra-

cto. Ahi vae o da primeira carta que ella me escreveu:

« Sei, que sou criminosa, alimentando um amor illegitimo. Sei, que não devia ter jamais cedido ao coração, mas não pude; vendo-te, ouvindo as tuas palavras, esqueceu-me tudo. Agora é já tarde para o arrependimento, sou tua, pertenço-te como uma escrava; ordena que eu obedeço.

Tua... »

Este bilhete vinha firmado com o nome e appellido da pessoa que o escrevia. Fiquei pasmado, e confesso ingenuamente que me persuadi até que fosse ser victima de alguma cilada.

Seria d'ella a letra do bilhete? Como se atrevia, uma mulher da reputação mais seria, a escrever e a firmar com o seu nome um documento d'esta ordem? Mysterios do coração!

Fosse o que fosse, decidi-me a proseguir.

N'essa mesma tarde o marido, que eu não tinha o gosto de conhecer senão de vista, mandou-me um convite para passar a noite em sua casa, onde havia, segundo o que affirmava a amavel cartinha escripta pela mulher em nome do esposo, uma pequena *soirée* de familia. Fui; era uma reunião es-

colhida e resumida; resumida de mais, porque não pude dirigir nem uma palavra em particular ao objecto da minha sincera idolatria.

Vendo que passavam as horas sem apparecer um ensejo favoravel, escrevi rapidamente n'uma das folhas da minha carteira as seguintes palavras:

«Amanhã ás duas da tarde, na rua da Saudade, n.º... »

Peguei n'um *foguete*, tirei-lhe os confeitos, e substitui-os por esta fragil folhinha.

Quando passei proximo d'ella entreguei-lh'o com particular intenção.

Á despedida, apenas pode dizer, olhando para o recortado *foguete* de que eu lhe havia feito presente: «Obedeço.»

Era o bastante. Desta vez fiquei parvo de todo.

O dia seguinte chegou. Era um dia de inverno, frio, mas explendido. Á hora aprasada dirigi-me para a rua e para a casa que lhe havia indicado. Ás duas horas em ponto senti uns passos ligeiros e tremulos que subiam a escada; eu cheguei á porta, e duvidava ainda que fosse ella a mulher que se arremessava nos meus braços com a face banhada em lagrimas do sincero arrependimento.

Passaram tres mezes durante os quaes as nossas entrevistas se deram duas vezes por semana. Depois, como sabes, cahi doente, e estive quasi abandonando este mundo que no fim de tudo não é dos peiores. Ella então deu-me todas as provas que uma mulher póde dar de verdadeiro amor. Saía de casa e vinha para a cabeceira do meu leito com o coração cheio de verdadeira anciedade. Os meios de que usava para não ser descoberta, não sei eu, mas sei que illudiu todos. Comecei a melhorar, entrei em convalescença, e o anjo não me desamparou jámais.

Fui para o campo restabelecer-me completamente. Aqui é que a minha historia principia a enredar-se; não ha remedio senão abrir novo capitulo.

III

Fui para o campo, e a primavera começava a alegrar aquelles pittorescos sitios. O rouxinol cantava no bosque de larangeiras; a madre-silva perfumava os ares; as papoulas esmaltavam as veigas; e as rozas desabrochavam pelas devezas.

Tinha estado ás portas da morte, mas não me resolvi a entrar, porque, se queres que te diga a verdade, pareceu-me mediocremente agradavel aquella

estancia. Tornei á vida, e senti-me renascer physica e moralmente.

A primavera que via nos campos estava no meu coração; nunca a existencia me pareceu tão bella como n'essa época, em que tinha ainda a memoria muito fresca dos dias em que estive para perdel-a. Agradeci a Deus este dom, talvez fatal de certo para muitos, porém divino para mim n'esse instante.

E a abnegação d'aquella mulher?! Os perigos a que se havia exposto, os cuidados e desvelos com que me havia salvo?! Como eu era grato, reconhecido a tantas provas de dedicação e affectos! E nada mais?! Não havia mais nada para ella n'este maldito, n'este depravado, n'este infame coração que Deus me deu?! Nada, senão reconhecimento, gratidão interna.

Tinha acabado tudo; a posse, a certeza de ser amado com loucura fôra bastante para apagar a chamma ardente, que se ateára no primeiro momento em que a vi. Sou devéras um monstro, conheço-o, mas não ha meio de poder emendar os erros d'esta organisação impossivel. Uma coisa só podia desculpar-me da imperdoavel inconstancia, e era que uma estrella timida, uma rosa nascente,

uma creança, um anjo em toda a pureza das suas azas candidas, em toda a innocencia do seu olhar transparente surgira a meus olhos para me encantar.

Alguns dias depois de chegado ao suave retiro, onde devia convalescer, uma tarde, passando por defronte d'um jardim, que ficava diante d'uma elegante casa de campo, vi-a ao lado d'uma senhora edosa, á sombra d'uns arbustos floridos, com um vestido branco, um elegante chapéo de palha, como as inglezas trazem no campo, contemplando o sol que declinava, aspirando o perfume das rosas que a cercavam, bella, graciosa e entrada apenas na adolescencia. Demorei alguns instantes a vista n'aquelle rosto infantil, que se tornou vermelho como o sangue vivo que lhe corria nas veias, quando a cumprimentei. Vim para casa sem saber como, e estive algumas horas sem proferir palavra. Depois peguei n'um livro e abri-o ao acaso. Era um volume da *Corina*, e o capitulo que se me apresentou foi exactamente aquelle em que Oswald encontra pela primeira vez *Lucilla*, a timida e fascinadora irmã da sua amante, passeando no jardim. A leitura d'este episodio fez-me bater o coração precipitado, e não

posso definir as sensações que exprimentei n'aquelle momento.

Quem era a doce imagem que eu tinha visto? Não sabia, nem ousava perguntal-o. Portestei, jurei não voltar por similhante sitio, e no dia seguinte ás mesmas horas passava por defronte da casa, onde ella estava, como na vespera, ao pé da mesma senhora, que devia ser sua avó pela edade que representava.

Novos protestos e novos perjurios. No outro dia passei ainda. N'essa tarde estava só, sentada n'um mirante com um livro na mão, e uma rosa na boca. No momento de corresponder á minha cortezia, a rosa caiu, e eu por um movimento involuntario apanhei-a e levei-a aos labios. Não posso dizer-te a impressão que isto lhe produziu, porque não me atrevi a olhar para ella, receiando havel-a offendido. Vê a que estado estava reduzido o teu pobre amigo!

Chegou o domingo. Ao primeiro toque da missa do dia, apresentei-me no adro da egreja. D'ahi a pouco ella appareceu, dando o braço á mesma senhora com quem a vira pela primeira vez. Ao passar junto de mim cravou os olhos no chão pertur-

bada, e com gesto de quem queria evitar o meu cumprimento.

Ter-se-hia resentido pelo que eu havia feito na vespera, ou seria receio da pessoa que a acompanhava? De tarde desenganei-me: a segunda hypothese era a verdadeira. Quando passei estava só: assim que me viu, debruçou-se no mirante, e com a prompta alegria da creança, foi a primeira a cortejar-me. Parei defronte d'ella, e ia a balbuciar algumas palavras, quando ouvi uma voz que chamava de dentro da casa:

—Constança! Constança!

— Ahi vou, minha avó, ahi vou. Encolhendo graciosamente os hombros, disse-me adeus, e retirou-se, precipitadamente.

Que voz! Era a primeira vez que vibrava aos meus ouvidos, suave como a do anjo que vem annunciar ao peccador o perdão de Deus!

No outro dia ás mesmas horas, passei e não a vi; decorreram mais quatro, sem que a encantadora creança me tornasse a apparecer.

Soube que tinham vindo repentinamente para Lisboa, e nada mais.

IV

A natureza brilhava no seu mais pleno fulgor; porém aos meus olhos tudo parecia deserto e triste. Ella havia desapparecido, e eu amava pela primeira vez na vida.

Quando soube que tinham vindo para Lisboa, abandonei immediatamente o campo e corri para a cidade. Metti-me em casa depois de ter procurado em vão a minha estrella por todos os angulos da capital.

E a outra mulher? Escrevia-me e eu respondia-lhe friamente, procurava-me e eu recebia-a com maior frieza.

Este estado durou até hontem; dia fatal e tremendo para mim! Hontem recebi um bilhete de... pedindo-me que fosse a casa d'ella, porque seu marido ia passar dois dias a Cintra. Fui.

Uma hora depois de haver chegado, uma hora em que ella anhelante, e com o rosto banhado em lagrimas maldizia o momento em que me vira; appareceu o marido, por desconfiança ou acaso; a verdade é que caiu ali de repente como um raio para me fulminar.

Sentimos passos; ella estremeceu, fez-se pallida como um cadaver e disse-me:

— È meu marido, estou perdida.

O esposo abriu a porta, deu dois passos, e olhou fitamente para nós.

—Não te movas, disse ella em voz baixa e rapida. Depois voltando-se com o ar mais natural d'este mundo para elle, disse-lhe com um sorriso affavel:

—Acabam n'este momento de me fazer um pedido, a que eu não podia responder sem consultar a tua vontade, foi uma fortuna que voltasses a casa. Os sr. B., continuou ella, esteve no campo, proximo á casa de minha mãe, onde estava Constança, e vem pedir-nos a sua mão.

—Minha senhora... murmurei eu.

—Nem uma palavra... respondeu ella.

O marido afagou o bigode, chegou-se a mim, pegou-me nas mãos, e disse-me com mal contida expressão de jubilo:

—Adoro minha filha, e não podia esperar nada melhor para ella, do que vêl-a unida a um cavalheiro que a todos os propositos merece tanta consideração.

Eu fiquei varado.

—Agora, proseguiu o evangelico esposo, peço mil perdões, mas estou compromettido estes dois dias, e conto com a bondade do sr. B. para me desculpar.

—Pois não! balbuciei eu ardendo em colera.

—Fica minha mulher, continuou elle estendendo-me a mão, e espero que o meu amigo lhe fará companhia ao jantar.

Depois d'isto fez-me uma respeitosa cortezia, e beijando a fronte da esposa, retirou-se.

—Que é isto? exclamei assim que o marido desappareceu da sala. Que situação é esta, tinhas uma filha e...

—Não t'o havia dito, respondeu ella cravando os olhos no chão.

—Mas fallaste-me de uma creança!...

—Constança tem apenas treze annos.

—E como tencionas arrancar-me d'este terrivel conflicto? A não ser que concebas a idéa de me casar com a filha...

—Da tua amante? Descança. Se me viste depor a teus pés a minha honra, devias lembrar-te que houve para isso um poder mais forte do que a minha razão e a minha vontade, que houve o amor

immenso, esta paixão fatal que me arrastou para ti. Socega, que o arrependimento ha de remir o meu crime. Bem punida estava já com a tua frieza, com o teu desprezo.

Constança é um anjo, e será ella que nos ha de salvar a ambos. É preciso que te ausentes por algum tempo e eu terei meio de dissuadil-a. Como, não procuro sabel-o, o que posso assegurar-te é, que ella ha de ignorar a causa que deu origem a esta terrivel situação.

—E teu marido?

—Meu marido será o primeiro a ceder aos seus desejos, por que ella será tambem a primeira a dizer que recusa este casamento. O que é preciso é que tu partas e quanto antes.

—Para onde?

—Para onde quizeres, com tanto que te afastes d'aqui.

Levantei-me. O suor frio alagava-me a fronte. Desci as escadas. No momento em que ia sair, parou á porta a carruagem da casa, e Constança e sua avó apearam-se diante de mim. A ingenua menina estremeceu quando me viu.

—Porém, visto isso, então não tens que te casar?

—Não tenho?! meu querido, agora ou o casamento ou a morte!

—Não entendo.

—Escuta e entenderás.

—O marido de... que voltou a casa n'esse mesmo dia, n'essa mesma hora, ou creio mesmo que não tinha saido nunca, chegou-se á filha e deu-lhe parte do que acabava de acontecer. A filha com a ingenuidade dos quinze annos (sua mãe tinha-lhe tirado dois annos), declarou que me aceitava por esposo, e D.... escreveu-me esta manhã dizendo que os seus planos se haviam frustrado, que seu marido podia desconfiar, se ella procurasse dissuadir a filha, e que Constança estava apaixonada por mim.

—E agora?

—Agora, o meio mais prompto e facil de sair d'esta, situação é dar um tiro na cabeça.

—Vamos, falla serio, o que tencionas fazer?

—A não ser isto, declaro que não sei.

—É preciso ter sangue frio; escreve a essa senhora ou procura o dono d'essa casa e dize-lhe que estás compromettido a fazer uma viagem longa, que necessitas organisar os teus negocios; emfim busca um meio de deixares ao tempo o trabalho de resol-

ver este problema, que realmente não é dos mais faceis.

—Mas é uma questão de tempo.

—Que é tudo, meu amigo. Constança vae entrar no mundo dos theatros, dos bailes e das distracções. Um coração de quinze annos tem necessidade absoluta de sensações novas; longe de ti esquece-te, e ha de ser a primeira a desligar-te do compromisso forçado da tua palavra.

—E é essa a consolação que me dás?

—Que outra queres tu?!

—Mas não te repeti já mil vezes que amo essa creança com a unica paixão sincera da minha vida? Que faria por ella tudo, até casar, que é o maior disparate que um homem pode fazer n'este mundo?!

—Então declaro agora tambem que não sei como deva aconselhar-te. Em todo o caso é necessario partir d'aqui.

—Deixa-me pensar, e no entretanto vem d'ahi, acompanha-me, tenho em baixo o meu carro e vamos dar um passeio, careço de ar fresco para vêr se desafogo este peso que me opprime o peito.

Vesti-me á pressa e acompanhei o meu pobre amigo.

V

—Para onde vamos? perguntou o cocheiro.

—Para onde quizeres, comtanto que nos leves ao campo.

Era um dia de outono melancolico e suave, fomos até Bemfica. Na volta o meu companheiro disse:

—Agora á rua da *Saudade.*

Depois voltando-se para mim continuou:

—Preciso visitar o quarto onde passei algumas horas agradaveis com essa mulher que não devia ter jamais conhecido. Tenho ali as cartas d'ella e outros objectos que lhe quero entregar.

Chegámos á casa n.º.... subimos até ao segundo andar, elle abriu uma porta e achámo-nos n'um pequeno gabinete mobilado com elegancia.

Na parede em frente da janella estava um painel cuidadosamente velado; puz-me a olhar para elle com vivos desejos de que o véo caisse.

Vamos, são horas, disse o meu companheiro fitando-me com particular intenção.

Não será tempo ainda de saber o nome da heroina d'este romance?

B... sem responder uma palavra, dirigiu-se para

o logar onde estava a moldura, pegou n'uma das pontas do véo que a occultava e fel-o cair.

—Que é isto?! Margarida D... Pois esta é que é a santa?! Ha pouco tempo ainda, que a vi com os pés descalços cumprindo uma promessa feita pelas melhoras de seu marido!

—Era pelas minhas; não te disse já que estive ás portas da morte? Vamos...

— Jantar, que são horas.

— Parece-me acertado. E chegando á porta disse ao cocheiro:

—Para o Matta.

VI

Está terminada a nossa historia? Ainda não.

A parte philosophica e sentimental começa agora.

« Não ha senão o ultimo amor de uma mulher que possa satisfazer o primeiro amor de um homem. » (Balzac, duqueza de Langeais.) Dizia eu ao meu amigo, dois dias depois d'aquella visita ao elegante quarto da rua da *Saudade*.

— *Caro mio*, certas theorias são como os proverbios; raro é aquelle que não tem outro que o conradiga.

Balzac, disse isso, e eu que sou um pobre homem, direi com a mesma verdade:

«Não ha senão o primeiro amor de uma mulher, que possa satisfazer o ultimo amor de um homem.»

Vou explicar a minha theoria.

O sentimento, como todas as coisas d'este mundo, gasta-se com o uso. O coração embota-se, as illusões pendem murchas e descoradas; se alguma coisa as pode tornar á vida, é o affecto innocente que transparece nos olhos infantis e no sorriso ingenuo de uma creança de quinze annos.

A frescura d'essa alma, a pureza das suas sensações, a alegria impaciente da pouca edade é que nos póde reverdecer o espirito.

Bella, fresca, risonha, a virgem que acredita nas nossas palavras, que nos dá as primicias do seu amor, é tudo para nós; então a alma dilata-se suavemente por aquelles affectos, e remoça como o corpo quando vamos gosar do campo nos dias perfumados e serenos da primavera. A imagem é chata como um sermão de certos prégadores, mas explica perfeitamente a minha idéa.

Oh! o amor virgem! Vêr palpitar o seio nascente,

contemplar as rosas que affrontam as faces onde veceja ainda a frescura infantil; vêr uma lagrima, pura como o orvalho matutino, tremer nos olhos, e desapparecer n'um sorriso de subita e sincera alegria; não será, dize, quanto póde haver mais bello para o homem fatigado pelos desenganos d'este mundo?

As mulheres de Balsac, as mulheres que, por mais de uma vez levadas apenas pelo capricho ou pela vaidade, se arremessaram nos braços de novos amantes, e que acordam em passando o delirio dos sentidos, essas mulheres, digo, podem amar depois com enthusiasmo, com ardor e loucura, mas é um amor que devora, que mata; é a ancia do naufrago agarrando-se á ultima esperança, é a luz que se apaga, e nas derradeiras vascas lança clarão mais forte, é verdade, porém sinistro e lugubre, precursor das trevas que se esperam em breve; é em fim o adeus ao mundo suspiroso e triste.

E o amor da mulher de quinze annos? Esse é a aspiração constante para um futuro esmaltado de todas as côres do iris. Canto alegre como o do rouxinol que sauda a aurora esplendida e perfumada! Cada sorriso é um affecto, cada protesto uma crença

viva, cada palavra uma illusão; quando mesmo a fatalidade cae sobre elle, acaba porém como a rosa derrubada da haste por um sopro mais forte, conservando ainda a graça das suas pompas, embalsamando os ares com os aromas que traz no seio virgem.

Oh! este amor é o unico que póde tornar á vida o homem que perdeu com a experiencia as illusões encantadas da sua juventude.

É por isso que adoro Constança.

— Foste eloquente: é verdade que não pude espremer o mais leve succo de senso commum em tudo o que disseste, mas tambem a eloquencia é quasi sempre isto. O que se vê, pobre amigo, é que estás devéras apaixonado d'esta vez. E a situação continua do mesmo modo?

— Do mesmo, exactamente.

— Fallaste com Margarida?

— Não, mas tive uma carta d'ella.

— O que te dizia?

— Que a vida era um constante martyrio, para os que tinham a desgraça de sentir vivamente, que havia perdido as suas illusões mais queridas, que eu era um homem sem coração, que tinha morrido para o mundo etc., etc.

— E nada mais?

— Parece-te pouco? Oito paginas de papel velino em letra microscopica e escriptas por todos os lados!

— Fallava-te de Constança?

— Nem uma palavra.

— E essa tens-la visto?

— Tambem não.

— E o que tencionas fazer?

— Apresentar-me hoje em casa de Margarida, e dizer a seu marido que vou viajar pelas cinco partes do mundo.

— Tomaste finalmente o meu conselho. Resolve-te e vae agora mesmo. Quando partes para a tua viagem?

— No primeiro paquete.

— Estás um homem de juizo.

— Pois olha, parece-me que nunca tive menos; emfim, não ha remedio; a situação é fatal.

B. levantou-se cantarolando um couplét do ultimo *vaudeville*, que a *companhia modêlo* tinha dado em D. Maria II, e partiu.

Acompanhemol-o n'esta visita, que vae talvez decidir do seu futuro.

VII

B. parou na rua d... A campainha annunciou a sua chegada. O nosso heroe começou por estranhar o toque da sineta. Havia poucos dias que o mesmo criado quando o via chegar, o conduzia cautelosamente para o gabinete da dona da casa. É que n'esse tempo as visitas eram particulares, e agora principiavam a tornar-se officiaes.

Nada mais natural.

Entrou na sala. D'ali a pouco abriu-se uma das portas e Margarida appareceu.

—Margarida... disse B. caminhando para ella.

Um gesto rapido denunciou-lhe que devia mudar de tratamento.

—Sr.ª D. Margarida, minha senhora, proseguiu elle immediatamente, venho aos pés de v. ex.ª implorar perdão por ter faltado estes dois dias, certo...

—Que lh'o hão de dar, não é verdede? Por mim está perdoado, mas não sei se alguem... Continuou ella suspendendo a voz nas reticencias, e fallando alto com visivel intenção.

—Esteve doente? Vejo-o tão pallido!

—Um incommodo que apesar de insignificante me obrigou a ficar em casa estes dois dias.

—E não póde ao menos escrever, para nos tirar de cuidados?

— Contava vir a todas as horas...

—Desculpas; mas emfim como confessa o crime!...

B. estava quasi a perder a paciencia, e por um movimento proprio do seu caracter, perguntou-lhe com voz sacudida:

—Não me dirá o que quer dizer este dialogo de alta comedia?

—Silencio, que me perde.

Depois continuou naturalmente:

—Meu marido estranhou muito a sua ausencia, e Constança...

N'este momento abriu-se a porta, e uma criada disse para Margarida:

—A mãe de v. ex.ª desejava fallar-lhe.

—Dá-me licença por um momento, disse ella cortejando B. com a graça respeitosa de uma duqueza, e voltando-se para a criada continuou:

—Vae dizer á sr.ª D. Constança que a esperam na sala.

—Que ridiculo papel estou fazendo, disse B. com-

sigo mesmo assim que se viu só. Comprehendo tudo, sabem que sou rico e querem casar-me.

Depois d'esta judiciosa observação, pegou no chapéo dispondo-se a sair e a não pôr mais os pés n'aquella casa, quando a porta se abriu, e appareceu a bella figura de Constança.

Constança, como dissemos, tinha quinze annos; a graça e regularidade das suas feições, o porte modesto e airoso, o vestuario simples e elegante faziam com que ninguem podesse fitar aquella bella imagem, sem se impressionar vivamente. Os olhos castanhos claros, franjados de longas pestanas, tinham uma expressão indefinida de ternura e bondade; a bocca pequena e vermelha, quando desabrochava n'um sorriso, tinha a graça e frescura da rosa em botão, que começa a abrir. Os cabellos loiros, finos, e abundantes, caiam em descuidados anneis sobre uns hombros de surprehendente alvura, as mãos estreitas, os dedos compridos e delicadamente torneados, os pés pequenos e curvos, o corpo alto, delgado, e as formas infantis ainda, revelavam toda a perfeição a que mais tarde devia chegar.

Esta seductora imagem estava diante do nosso

pobre amigo, na attitude ingenua de uma creança envergonhada.

— V. ex.ª não esperava encontrar-me aqui? disse B. calçando e descalçando uma luva.

— Esperava-o ha dois dias.

— Estive doente... fiz mal em deixar o campo...

— Não gostava d'aquelle sitio?

— Muito; é lindissimo; mas tinha forçosamente de vir para a cidade. E v. ex.ª?

— Eu fui ali creada com minha avó, e agora é a primeira vez que estou tanto tempo em Lisboa.

Um dialogo tão sem sabor como este continuou não sei por quanto tempo.

Parece que os olhos foram mais eloquentes. Á despedida, Constança vermelha como a romã, e tremula como um vime, apertou a mão do nosso heroe, que saiu d'ali sem saber de nada mais senão que amava pela primeira vez na sua vida.

Chegou a noite; B. dirigiu-se a casa de Margarida. Constança foi a primeira a apparecer-lhe. D'essa vez decorreram tambem algumas horas sem que as palavras revelassem o que a alma sentia.

Uma tarde, em fim, estando os dois na varanda que deitava sobre o Tejo contemplando os ultimos

clarões do sol que se reflectiam nas aguas, Constança, estremecendo levemente, disse:

— Porque está sempre tão triste ao pé de mim?

A inflexão de voz com que foram proferidas estas palavras era tão ingenua e tão triste, que o mancebo, acordando d'aquelle estado de indecisão em que jazia, resolveu-se a fallar.

Passados alguns instantes, e pegando-lhe na mão com extremo, disse:

— Constança, desde a primeira vez que a vi n'aquella casa e n'aquelle sitio de que me hei de lembrar sempre com viva saudade, amei-a, como nunca tinha amado, como de certo não hei de amar nunca mais. Ignorava completamente quem fosse, e não me atrevia a perguntal-o. Quando soube que pertencia a uma familia minha conhecida, ousei pedir a sua mão sem consultar a sua vontade: foi uma loucura, um desvario imperdoavel. Sabia eu se era correspondido? Tenho por ventura a certeza se é a obediencia ou o coração que a leva a consentir n'este casamento? Posso contar com o seu amor?

— Duvida? respondeu ella fitando aquelles olhos innocentes no rosto do apaixonado moço.

—Duvidava, Constança, antes que essa palavra saisse de teus labios, antes que a tua voz e os teus olhos respondessem ao meu affecto. Não duvido agora e sou feliz. Oh! torna a repetir-me o que me disseste ha pouco; é verdade que me amas?

Um olhar de infinita ternura, e um suspiro morrendo á flor dos labios, foram a resposta eloquente d'aquelle coração de quinze annos.

—Agora é preciso que saibas tudo, proseguiu elle correndo a mão pela fronte e respirando como um homem que vae tomar uma resolução heroica. Eu vou deixar-te por alguns mezes.

—Deixar-me?! exclamou ella pallida, tremula, com as lagrimas nos olhos.

—Sim, minha filha, murmurou uma voz ao pé d'elles. O sr. B. tem de tratar negocios importantes da sua casa, já m'o havia dito, e eu estava para te prevenir.

Era Margarida que ouvíra tudo e que se apresentava diante dos dois, livida como a morte.

A filha olhou instantes para ella e pareceu descobrir n'aquelles olhos inflammados pela febre do ciume, o mysterio de que fôra victima. Tel-o-hia de facto adivinhado?

Não sei. A verdade é que no dia seguinte B. recebia esta carta de Constança:

« Está livre. Fui eu que o desobriguei da sua palavra para com meu pae.

Adeus. »

Quatro dias depois B. saía no paquete para Inglaterra. Passado um mez, Margarida conseguira obrigar sua filha a aceitar um noivo, conselheiro, barão ou o que quer que fosse, homem muito gordo, muito rico e muito semsaborão.

A pobre menina ia para o altar como a victima vae para o sacrificio.

B. quando o soube, escreveu-me de Londres uma carta cheia de profundas observações, e terminava por este aphorismo de Balzac:

« *Celui qu'au jour de noce viole sa femme, est un prédestiné.* »

Magdalena

I

O auctor vae começar esta authentica narrativa por apresentar o seu retrato na época em que tinha quinze annos.

Quem o visse então podia comparal-o a uma miniatura de caixa de rapé ou de panno de leque. Faces rosadas, beiços vermelhos, olhos vulgares, mas com certa expressão de sentimentalismo piegas, figura microscopica, cabellos á Antony e posições de Chatertton.

O auctor n'esta época tinha lido, com pequena differença, o que tem lido hoje.

Todos os dramas e romances de A. Dumas, as obras completas de V. Hugo e Lamartine, as *sete cordas da Lyra* de G. Sand, de que não entendeu palavra, Byron, A. de Vigulic e a *Philosophia do casamento*, de Balsac.

Com esta bagagem litteraria estava decidido a voar á posteridade: o peso não devia incommodal-o muito.

O auctor, que não é hoje muito esperto, n'esse tempo era parvo de todo.

Encarnando-se na pessoa do heroe do ultimo romance que lêra, queria trazer para a vida real as scenas que pertencem exclusivamente ao mundo da folha de papel.

Imagine por isto o leitor, quão amargos e crueis seriam os desapontamentos que o esperavam.

O auctor publicando a sua primeira poesia, viu em letra redonda o seu nome, e passou tres noites sem poder domir.

Alguns amigos fallaram com louvor dos versos, obrigaram-n'o a recital-os em publico, e ao som dos lisongeiros applausos esteve quasi a perder os sentidos.

Aos quinze annos é laureado no capitolio do *Marrare!*

«Sou poeta disse elle, todos me admiram; as mulheres desejam conhecer-me, hei de ter a minha Eleonor, a minha Beatriz, a minha Natthercia; hei de ser amado com extremo, porque ellas morrem pelos poetas.»

Pedaço d'asno! Os homens riam-se d'elle e as mulheres ainda mais. Apesar d'isto, se a illusão durasse, quem se ria de todos e de tudo era o auctor, porque era feliz, oh! bem feliz, em quanto estas suaves chimeras lhe povoavam o espirito.

Em 1846, n'uma bella manhã de primavera, quando o sino do convento dos Jeronymos dava 11 horas, o auctor passeava no espaçoso largo, ora contemplando a ondinha buliçosa do Tejo, ora admirando o frontispicio da obra de D. Manuel.

Á porta do convento pararam duas carruagens. De uma d'ellas apeou-se uma mulher vestida d branco, com um véo de noiva e uma corôa de flôres de laranja.

A mulher era uma estrella.

Da outra carruagem saiu um homem litteralmente quadrado, vermelho ou antes arroxado como uma beterraba, e que parecia burguez dos quatro costados.

Era o noivo.

O auctor parou diante da virgem, comprimiu com uma das mãos o coração, que não cabia no peito, com a outra desgrenhou os cabellos, e lembrou-se da scena do primeiro acto do *Antony*.

« Se os cavallos da sua carruagem tomassem o freio nos dentes, se eu me atirasse diante da lança, se ella me visse depois pallido e ensaguentado, se uma lagrima de piedade me pagasse do sacrificio; como eu seria feliz! »

Isto era o que dizia então vendo a surprehendente formosura da joven desposada.

Hoje diria:

« Se o marido d'esta mulher fosse um semsaborão, se ella... » emfim o leitor adivinha o que diria, e por conseguinte o melhor é calar. Agora é preciso muito cuidado com a lingua, ha por ahi uns *moralões* que é gente brava; em um homem escorregando está perdido, vem logo a correcção fraternal; chamam-lhe herege por dá cá um a palha.

De alguns tenho eu dó, porque são fanaticos, porém de outros tenho medo que me fino! Deus me livre de me vêr ao pé d'elles em quanto a bolsa ainda póde deitar um derradeiro folego!

Mas, não se trata aqui de mim, nem dos fanaticos, nem dos hypocritas; trata-se do auctor quando tinha 15 annos e da formosa noiva que elle vira apear-se á porta do convento dos Jeronymos.

Bella, como a primeira mulher que veio habitar

a terra, alva como os lirios e corada como as rosas, graciosa e elegante como a ave dos bosques, aquella imagem encantadora dirigira-se ao altar. E seria para lhe depor aos pés um amor sincero e ardente? Para o ver sanctificado pela benção suave da religião?

É o que vamos saber em quatro palavras.

Magdalena, era orphã e pobre; formosa corôa para conquistar o céo, mas que tem muitos espinhos na terra.

Fôra creada na opulencia, e herdara no berço o nome de uma familia illustre.

A mão munificente de um velho amigo de seu pae valera ao resto da sua educação. A orphã chegou aos 15 annos, e veio para casa do unico amigo que lhe ficara neste mundo.

D'ali a poucos dias o sr. commendador e conselheiro Fragoso da Maia, viu-a, apaixonou-se por ella, pediu-a em casamento e escusado será dizer que a sua proposta foi acceite com regosijo pelo protector da orphã.

Fragoso era homem rico e figurão de importancia. Mais tarde trataremos d'elle.

O casamento arranjou-se em 15 dias.

Magdalena não podia ver o seu futuro esposo. Mas, que remedio! Era pobre e orphã.

Resignou-se.

O casamento terminou e o auctor viu passar diante de si aquella *creatura bella, bianco vesttita,* como um sonho, como uma apparição do céo.

Quando a portinhola da carruagem se abriu, quando o commendador, radiante de jubilo tomou logar ao lado da sua noiva, quando os cavallos partiram a todo o trote, o auctor, o pobre auctor encostou-se ao umbral da porta, pallido como uma estatua de marmore, e disse, contendo a custo duas lagrimas, que lhe bailavam nos olhos:

— E eu que amava esta mulher!

Aqui devemos dizer que não havia nada mais escusado do que esta exclamação, porque elle n'esse ponto era, e não sei se ainda é, um desgraçado: amava principalmente todas as mulheres.

Porém, diga-se a verdade, quando a febre o atacava especialmente por uma, nos dias ou nas horas da *intermittente*, o infeliz soffria muito. Inda não havia um mez que elle tinha visto Magdalena n'um baile, e que a sua imagem lhe ficára vivamente impressa no espirito.

Ter quinze annos, uma imaginação um pouco viva, ver uma mulher, amal-a com vivo enthusiasmo, respeital-a como se respeitam as santas, julgar a suprema felicidade sentir-lhe a voz, beijar com timidez a fimbra dos seus vestidos, estremece vendo-a, e parecer-lhe pouca toda a alma para a adorar, era a situação do auctor até á fatal manhã de que fallámos no principio d'esta authentica historia. E depois do que presenciára, qual seria o seu estado?

Julguemos por um fragmento de prosa admiravel que elle escreveu n'essa noite, e que vamos transcrever textualmente:

«Em breve, dizia elle, as flores da sua grinalda hão de morrer crestadas pelo halito ardente do abutre que vae sacrificar a pomba! (Estilo ultra romantico.) A virgem que nos vagos sonhos da minha imaginação, no céo da minha phantasia me apparecera risonha como a estrella no horisonte toldado pelas nuvens da procella, vae sumir-se para sempre! (Estilo inintelligivel) Mulher! enganaste-me, calcando aos pés as minhas illusões mais queridas, mentindo ao meu affecto, esmagando-me com as tuas mãos frageis e imbelles o coração, como se fosse com uma manopola de ferro.»

Este ultimo periodo, que nem elle nem ninguem seria capaz de entender, foi o que lhe pareceu mais bello.

No dia immediato estava diposto a mandar a sua obra para um jornal com o seguinte titulo:

FRAGMENTOS DE UM ROMANCE INEDITO

CAPITULO PRIMEIRO

Paginas arrancadas do livro do coração

Felizmente um amigo sincero a quem elle foi pôr nas mãos este documento da sua parvoice, conseguiu salval-o do abysmo, fechando a sete chaves a famosa inspiração do vate.

Ágora deixemos o auctor e vamos fallar de Magdalena e de seu illustre marido, o sr. Fragoso da Maia.

II

O *commendador* era, como muitos outros, plebeu de origem e mais plebeu ainda de sentimentos. Patriota eximio, as revoluções para elle tinham sido um rio aurifero e inexgotavel.

Em 18... n'uma das nossas primeiras revoltas, o commendador, n'esse tempo simples e obscuro empregado do commissariado, achava-se n'uma das nossas provincias da Bèira, aboletado em casa de um velho celibatario. Adoecendo o velho, Fragoso tratou-o durante a sua enfermidade com filial carinho, e herdou em paga da sua dedicação uns dez mil cruzados em peças.

Com este capital, com a sua bôa estrella, e com a particular vocação que tinha para arranjar a vida, no fim de poucos annos estava riquissimo, banqueiro de todos os ministerios, conselheiro, commendador, depois barão, depois visconde, hoje creio que está marquez. Mas em fim eu vou tratar d'elle, quando ainda não era conhecido senão pelo sr. commendador Fragoso da Maia!

Como se explica o casamento d'esse homem tão especulador, tão calculista, como uma mulher pobre?

Por paixão.

Por paixão! ora essa! pois um agiota apaixona-se nunca a não ser por dinheiro?

Então por que?

Por duas razões, qualquer dellas convincente: a

primeira é que o sr. Fragoso era democrata acerrimo, e a democracia irritavel, a que está constantemente a dar *beliscões* em si para se não esquecer dos seus principios, em pilhando ensejo de juntar o seu nome a outro que tenha alguns seculos de *foro grande* legitimamente provado, perde de todo a cabeça, e nós já dissemos que Magdalena era de uma familia illustre.

A segunda razão é que o *commendador* estava costumado a satisfazer todos os seus appetites, porque tinha dinheiro. Viu aquelle anjo resplandecente, que na alma de um poeta, e mesmo na de qualquer homem, despertara o enthusiasmo do amor ideal, porém que na alma de um agiota, como era a delle, accendeu apenas os desejos e nada mais. Desejos ardentes e torpes como os do famoso tabellião dos *Mysterios de Paris*, do qual o sr. Fragoso tinha a sua costella.

Magdalena aceitou-o por marido. Que havia de fazer a pobre creança? O amigo de seu pae, o seu protector desvelado, não era rico, estava n'uma edade bastante avançada, e a orphã tinha por futuro a miseria..

Casou-se. Podia ter tomado outra resolução, se a

sua edade e sobre tudo os sentimentos religiosos lh'o permittissem; podia dar um tiro na cabeça, ou tomar duas gotas de acido prussico.

Querem agora ouvir as considerações dolorosas de Magdalena, nas vesperas do seu casamento? Eil-as aqui; vejam se aquelle coração ingenuo e virtuoso era merecedor das crueis provanças por que mais tarde teria talvez de passar:

« Não amo este homem, sinto mesmo invencivel repugnancia para elle, mas hei de conseguir vencer-me. É uma ingratidão imperdoavel. Eu sou pobre, orphã, desvalida... elle rico, muito rico, vem pôr-me aos pés a sua riqueza e a sua posição. Oh! hei de amal-o, ou ao menos querer-lhe como uma filha estima seu pae, cercal-o de carinhos, obedecer-lhe cegamente em tudo, tornal-o feliz. Oh! se eu o amasse... »

E a pobre menina desfechava a chorar sentindo que a consciencia lhe murmurava em voz baixa:

« Não, não has de amal-o nunca. »

No fim de tres mezes, contados desde o dia do casamento, imaginem o que seria a *lua de mel* do agiota! Magdalena desgraçadamente sentia que a consciencia não a tinha enganado.

Fragoso apresentava-se como era, e a desventurada menina procurava debalde despertar no coração d'aquelle homem, não o amor, porém ao menos esse sentimento delicado e suave que provém da estima verdadeira.

O *instrumento de prazer*, porque elle comprehendia as mulheres apenas sob este ponto de vista, tinha perdido os encantos. O ardor dos desejos, resfriado com a posse completa, cedia agora o logar ao tedio. Magdalena para o commendador era um encargo pesado e nada mais.

As lagrimas, as amarguras constantes começavam para aquella alma juvenil e apaixonada, que se via no mundo orphã de todo o affecto.

Dentro de poucos mezes este vacuo immenso devia preencher-se com o amor mais santo e mais puro da terra.

Magdalena ia ser mãe.

III

Um anno depois do seu casamento, o sr. Fragoso da Maia tomou uma casa nos arrabaldes de Lisboa, e Magdalena vivia ali. Elle estava quasi sempre na cidade passando os dias a tratar dos seus importan-

tes negocios, e as noites em criminoso *tête-a-tête* com uma dançarina, que lhe custava razoavel numero de libras cada mez. De tempos a tempos vinha visitar sua mulher, e quando esta se queixava amargamente da sua situação, o agiota respondia:

—Creio, minha senhora, que não lhe falta nada; tem criados, uma casa magnifica, dinheiro, que mais quer?

—Nada, respondia resignadamente a victima.

Magdalena tinha um filho no berço, e toda a sua vida se resumia ali.

O auctor, por desgraça, estava habitando no mesmo sitio; via aquella mulher, visitava-a, era seu confidente, emfim.

Não ha nada mais perigoso do que ser confidente de uma mulher moça, bonita e infeliz.

O auctor, como já disse, n'esse tempo era parvo, mas era bom. Acreditava cegamente em tudo; e quando uma idéa, um sentimento qualquer o impressionava devéras, não havia sacrificio que lhe paresse grande. O egoismo ainda não tinha entrado com elle; nem a desconsoladora experiencia lhe tinha envolvido o coração d'essa crusta tão difficil de romper.

Magdalena via brilhar nos olhos d'elle a chamma do amor sincero, desinteressado, sublime, amor dos 16 annos, sonho esmaltado de cores brilhantes, aspiração constante para tudo que é elevado e grande. Sabia que a amavam, e toda a sua culpa, se culpa chega a ser, era alimentar com um sorriso agradecido esse amor.

Uma tarde o auctor chegou a casa de Magdalena, e encontrou-a á janella do seu quarto lendo um romance.

Era uma tarde dos fins do outono, porém suave como as da primavera.

Disse que a esposa do commendador era uma formosura, porém não a descrevi ainda miudamente. É o que vou fazer.

Magdalena era regular de altura; o pé estreito, curvo e pequeno, a mão breve, os dedos longos e delicados, as unhas polidas e rosadas. O rosto de alvura deslumbrante, animava-se da cor de rosa viva, e as veias azues percebiam-se atravez da finura da pelle. Os cabellos loiros escuros, abundantes e finos, caindo em anneis ou achatando-se em bandós sobre as fontes, davam á sua physionomia a suavidade das virgens que nos deixou o pincel de

Guido Reni. A testa nobre e talhada na fórma da das estatuas gregas. As sobrancelhas curvas e bem desenhadas. Nos olhos estava todo o poder, tôda a fascinação da sua formosura. As pestanas densas amorteciam o raio vivido das pupilas, dando ao olhar uma languidez infinita.

O nariz correcto como o da *madonna* de Raphael, e a bocca, abrindo-se em gracioso sorriso, promettia um céo de delicias n'um beijo ardente e demorado.

N'essa tarde a *toilette* de Magdalena fazia resaltar ainda mais a belleza natural. Um vestido branco guarnecido de rendas, e uma pequena touca avivada de fitas verdes completavam o seu elegante e simples vestuario. Madame de Savignè se a visse diria: «*C'est une rose fricassée dans de la deutelle.*»

O auctor parou diante d'ella entre parvo e abstracto; quiz fallar, porém a voz expirou na garganta, e conservou-se alguns instantes como suspenso por um poder sobrenatural. Tenham-me dó do pobre auctor, lembrem-se dos dezeseis annos, e digam-me se lhes não succedeu algumas vezes o mesmo.

Magdalena olhou para elle com um sorriso com-

passivo, e estendeu-lhe a mão. Elle levou-a aos labios e imprimiu sobre ella um beijo, que, se a alma voasse n'um suspiro, n'esse instante tel-o-hia abandonado.

—Porque veio tão tarde? disse ella. *Esperava-o* havia muito tempo.

O *esperava-o* vae sublinhado pela particular entonação com que fôra proferido.

O auctor, não me lembra bem a forma por que respondeu, mas sei de certo que foi uma asneira.

—Esquece-se assim dos seus amigos, proseguiu Magdalena. Vamos, sente-se aqui, converse commigo. Estou triste, é homem, falla tão bem quando quer! Diga-me alguma coisa, anime-me, veja se me tira d'este estado.

O auctor respondeu mais duas pieguices e mais tres vulgaridades.

—Não acha que sou bem infeliz, na minha edade, só, abandonada por meu marido, d'este modo?

O auctor d'esta vez não disse uma banalidade, mas disse uma inconveniencia.

Eis-aqui o que elle disse:

—Para que foi casar com um homem que não amava, que não podia amar nunca?

Pobre diabo, não abria a bocca senão para soltar disparates.

Ella, ouvindo estas palavras fez-se vermelha, em seguida pallida, depois emfim levou as mãos á fronte e desatou a chorar.

«Aqui está o que eu fui fazer! dizia comsigo o desgraçado; sou um animal, sou um selvagem que não sei dizer duas palavras a uma mulher.»

— Perdão, Magdalena, exclamou elle deitando-se-lhe aos pés, perdão da offensa que lhe fiz. Ninguem melhor do que eu aprecia o sacrificio a que se votou, e por cada lagrima que lhe tem custado daria mil vezes a minha vida.

Era tão sincero o arrependimento que se revelava no som da sua voz, que ella sorrindo no meio do pranto deu-lhe as mãos, obrigou-o a levantar-se, a sentar-se a seu lado e disse-lhe com ternura:

— Perdôo, perdôo tudo; sei que não tenho melhor amigo n'este mundo, que é o meu unico amigo; mas, por Deus lhe peço, não torne nunca mais a attribuir-me culpas que não tenho, a arguir-me pela situação a que me levou a desgraça.

— Nunca mais, balbuciou elle, sem poder desviar os olhos, dos olhos fascinadores d'aquella mulher.

Animado por esse olhar que jamais como naquelle instante se cravara sobre o d'elle, proseguiu:

— Não sei, Magdalena, se irei offendel-a com as minhas palavras; até hoje tenho calado, tenho soffrido em silencio, porém hoje que a vou deixar...

— Vae deixar-me? disse ella estremecendo e fazendo-se excessivamente pallida.

— Sim, vou deixal-a. O coração já não póde: é de mais tanto amor e tanta felicidade!

A declaração era fulminante; o auctor depois d'este rasgo de audacia, incrivel para elle, cravou os olhos no chão, como a victima que espera a sentença.

O juiz era compassivo, era o anjo, era a mulher que perdôa tanto... que perdôa tudo, não só quando ama, mas quando a amam.

— Pois não é feliz ao pé de mim? A minha amizade, immensa como é, não terá força para o fazer ficar.

O auctor tornou a olhar para ella, e leu-lhe nos olhos um desmentido formal ás palavras.

— Amizade... murmurou elle.

Parvo! contentasse-se com essa amizade que se parecia muito com o amor. Para que era levantar

o véo diaphano que lhe dava ainda um ar de mysterioso encanto?! Deixasse enraizar mais aquelle affecto, continuasse a ser confidente, fosse alimentando a mina a fogo lento, e a explosão viria depois.

N'isto é que elle não pensava, coitado! a sua alma ingenua, a sua boa alma de então, sabia amar, porém não conquistar.

— Amizade, Magdalena, é pouco, bem pouco para o meu coração que tem sêde de amor, mas de amor puro, de amor ideal, do amor do céo emfim... Se na sua alma não encontra um écco a voz do meu affecto, não ha ninguem mais desgraçado; se uma sympathia lhe não responder, não ha ninguem mais infeliz. Diga-me, devo ficar ou devo partir?...

— Fique, respondeu Magdalena, mais com os olhos do que com a voz.

N'este momento sentiu-se a creancinha chorando no berço. Ella levantou-se, foi ao pé do berço, abriu as cortinas, cobrindo de beijos e de lagrimas o infante. O filho tornou a adormecer. Magdalena fez um aceno ao auctor para que se approximasse; quando este chegou junto d'ella disse-lhe apontando para o innocente que dormia:

— Pela vida de meu filho, por este anjo que dorme tranquillo, jure-me que o seu amor ha de ser sempre para mim casto e respeitoso como o amor de um irmão; manchar-me no crime seria sobretudo cobrir de vergonha as faces d'este innocente. Só assim Deus me poderá perdoar o meu desvario.

— Juro, Magdalena, disse elle.

Mais tarde veremos que tentou perjurar como um covarde.

IV

Passaram os dias, as semanas, os mezes. O commendador tinha quasi completamente abandonado Magdalena. O auctor continuava a ser confidente dos segredos d'esta mulher tão moça, tão bonita e tão infeliz.

— Confidente só?

— Nada mais, leitor.

— Custa a crer que haja um homem...

— Diga, tão chapadamente tolo.

— É verdade. Ha seis mezes que uma mulher casada lhe disse que o amava, ha seis mezes que a tem visto todos os dias, e ainda não passou de confidente?

— E o seu juramento?

— Juramentos d'esses não se fazem, e quando se fazem quebram-se.

— Quando se não tem bastante pureza de sentimentos, bastante innocencia de coração.

— N'esse caso não se mettesse em camizas de onze varas, fizesse a côrte a uma donzella, conjugasse durante algum tempo o verbo *amar*, como *Daphinis e Clôe*, terminando, se quizesse, por pedil-a em casamento.

Tem razão, leitor, o rapaz era simples de mais para este mundo. Amava; o amor para elle symbolisava quanto ha nobre, grande e elevado. Um gesto d'aquella mulher era bastante para o intimidar. O que Fragoso da Maia com a sua alma de agiota havia desprezado, respeitava, adorava elle com a sua alma de poeta.

Descancem, porque cedo lhe entrou a experiencia em casa e cedo se fez homem como os outros, nem melhor nem peior. Ás vezes ainda é pilhado no seu peccadilho de sinceridade, ainda consagra um terço da alma incorrupta aos affectos que este mundo condemna, e faz muito bem de condemnar, porque não ha tempo mais inutil do que o que se gasta a acre-

ditar n'alguma coisa. Porém já agora ha de morrer assim; é defeito de organisação, aleijão moral que não ha medicina que o cure.

Magdalena, não era só uma formosura, era sobre tudo, uma grande alma: forte, elevada e cheia de abnegação. Ainda assim o commendador conseguiu estragal-a. Nada resiste a certos homens que nasceram para contaminar e preverter os sentimentos mais puros com a força corrosiva da sua immoralidade: serpes que se enroscam na haste da flôr envenenando-lhe a essencia casta e suave.

Fragoso da Maia tinha-lhe carruagens, criados, uma casa opulenta, tudo por ostentação vaidosa com o mundo: por ella nada.

A ella sabia lançar-lhe em rosto a pobreza, insultal-a pelo seu nascimento, o plebeu de coração, que mentindo á origem de que provinha, quiz filiar o nome dos seus descendentes na aristocracia; n'essa aristocracia tão insultada por elle, em quanto os resultados da usura o não habilitaram a vestir pela primeira vez uma casaca e a *arreiar-se* depois com não sei quantas veneras e commendas?

Raça de vendilhões que Christo poz fóra do templo ás chicotadas, nunca foste tão poderosa, nunca

ergueste a cabeça com tanto orgulho como agora!

Quando chegará o dia em que a ira de Deus te fulmine para sempre?

Perdôa leitor, esta diatribe: vae a quem toca. Fragòso da Maia que me dê os agradecimentos: ha tempos que tinha com elle uma letra em aberto, quero que saiba que sou homem de boas contas.

Magdalena tinha sabido conservar-se durante seis mezes fiel aos seus principios; quando o auctor, nos desvarios da paixão, se esquecia do seu juramento, ella com as lagrimas nos olhos fazia-lhe lembrar a sua solemne promessa.

Elle cedia resignado aos desejos da mulher adorada. Comtudo aquelle estado, aquella situação falsa, era por mais tempo impossivel.

Uma vez o auctor revelou toda a sua historia a um amigo intimo, homem de intelligencia e coração.

Esta revelação foi a sua completa ruina.

O amigo ouviu-o e disse-lhe depois:

— Meu caro, essa mulher tem-se rido de ti, abusado da tua edade e da tua innocencia. Se não fosses uma creança, ha muito que seria tua, não como confidente, mas como amante.

A resposta era peremptoria; o pobre auctor sen-

tiu cravarem-lhe uma farpa no amor proprio, que é o lado mais vulneravel e melindroso da creatura.

Esqueceu-se de tudo, e tratou de rehabilitar o seu orgulho offendido.

Quando chegou a noite dirigiu-se a casa de Magdalena. Ella como de ordinario, esperava no seu pequeno gabinete; quando lhe sentiu os passos veio correndo sair-lhe ao encontro, dar-lhe a mão e sorrindo-lhe com a serena affabilidade da mulher que ama, com o amor que ainda se não maculou no crime.

Magdalena sentiu que a mão que tinha entre as suas estava fria, e a voz que respondia ás suas palavras era aspera e severa.

Estremeceu e perguntou-lhe:

—Que tem, diga-me, custa-me vel-o assim, tire-me d'esta incerteza, porque me trata d'esse modo?

—Venho dizer-lhe adeus; a minha presença n'esta casa é escusada, respondeu elle com ar tragico.

—Que quer isso dizer? que idéas são essas, de que provêm similhante mudança?

—Da certeza que tenho de haver sido enganado.

—Enganado, por quem? disse Magdalena com ar offendido.

O auctor sentia faltar-lhe a coragem para prose-

guir, mas as terriveis palavras do seu amigo vieram-lhe á lembrança e continuou em tom sacudido.

—Porque tenho representado aqui uma ridicula comedia. Sou apenas um pretexto para matar as horas da solidão e aborrecimento, nada mais. O amor que resiste d'esse modo, não nasce do coração, vem da cabeça, é apenas um calculo.

Esta tirada tinha-a elle evidentemente decorado no ultimo melodrama que lêra.

— Era melhor ter sido franca, em vez de animar esperanças que não deviam jámais realizar-se, desenganar-me.

Magdalena olhava para elle com as faces alagadas de pranto.

— Que lhe fiz, para me tratar de similhante modo? disse ella por fim. Em que lhe mereço taes injurias? Não foi o primeiro a jurar-me ali, n'aquelle quarto, pela vida de meu filho, que o seu amor seria o que tem sido até hoje? N'esse tempo, n'estes mezes, já deixei um dia de o esperar, de o receber sempre como um amigo?

— Não era como simples amigo que eu queria ser recebido.

— Como um amante, pois, mas como um amante que me não obrigasse ás crueis amarguras do remorso. Bem sei que era illegitimo este amor, porém já que não podia resistir á culpa, queria ao menos que me dessem força para não commetter um crime. Eu, é que me enganei, eu é que perdi n'este instante as minhas illusões mais queridas. Não sou amada, pelo menos como esperava sêl-o.

O auctor ficou perplexo alguns instantes.

As fataes palavras:

Se não fosses uma creança, ha muito que seria tua, não como confidente, mas como amante... remordiam-lhe na vaidade.

— O amor mede-se pela grandeza do sacrificio: bem pequeno deve de ser o que lhe inspiro!

E para se mostrar inabalavel na sua resolução, levantou-se, despedindo-se d'ella friamente.

Magdalena ergueu-se e caindo-lhe nos braços lavada em lagrimas, disse-lhe:

— Não me abandone asaim, é injusto, cega-o a paixão n'este instante, está alucinado, socegue, sente-se ao pé da sua amiga, que lhe quer tanto.

Pela primeira vez o auctor sentia a deliciosa impressão de um abraço extremoso, e os seus labios

uniam-se aos d'aquella Magdalena peccadora já, e muito mais criminosa talvez dentro de pouco.

Com os cabellos soltos, o seio palpitante, as faces accesas de rubor, e os olhos inundados de pranto, era bella como o anjo, apesar de proximo a precipitar-se nas miserias da terra.

Qual foi a mão que lhe valeu n'esse perigoso momento? Invisivel, mas firme e protectora.

Magdalena desprendeu-se dos braços que a encadeavam com incrivel tenacidade, e fugindo-lhe n'um salto, foi abrir a porta que deitava para a alcova onde dormia seu filho. Depois apontando para aquelle ninho casto como o da pomba, disse:

— Lembra-te d'elle e do teu juramento!

O auctor lembrou-se das palavras do seu amigo, chegou-se a ella e pegando-lhe na mão com impeto, exclamou:

— Alguem fará cair dentro de pouco a hypocrisia d'essa virtude, que se faz tão forte diante de mim.

Depois d'esta grosseira injuria, Magdalena respondeu com a dignidade das almas nobres quando são offendidas:

— Peço-lhe que saia desta casa, e que me não insulte.

O auctor saiu, e a sua vaidade devia ir satisfeita porque tinha commettido uma grande baixeza.

V

Magdalena quando se viu só caiu como fulminada. O auctor, passado o primeiro impeto, envergonhara-se da vilania que commettera.

No dia seguinte escreveu-lhe uma carta. Rogos, supplicas, ardentes protestos, tudo foi baldado! O anjo perdoava, mas não para se unir outra vez áquelle que o havia offendido.

O auctor vendo cair a ultima folha das suas esperanças, decidiu-se a deixar Lisboa.

Não ha remedio mais energico, mais efficaz e prompto para os males de espirito, do que a vista de novas gentes e novos horisontes. Sobre tudo para aquelles que teem imaginação viva.

No fim de dois mezes essa mulher era para elle uma recordação suave e nada mais. Outras paixões tinham vindo apagar de todo a chamma do primeiro affecto.

Magdalena não se esqueceu tão facilmente; deplorava que esse homem n'um repente de colera a

houvesse offendido; deplorava, mas perdoava! E teria cedido, se o auctor não tivesse rogado tanto. N'isto é que as mulheres peccam, e peccam por um defeito radical de caracter, pela sua pertinaz e inseparavel vaidade. Quanto mais a victima se lhe roja aos pés, quanto mais sincero, mais profundo é o arrependimento, mas inflexiveis e exigentes são.

Passaram tres annos. Um dia Fragoso da Maia chegou a casa de sua mulher, e disse-lhe:

— Despeça-se de seu filho; vou leval-o hoje mesmo para um collegio.

Magdalena olhou para elle como se não percebesse o sentido daquellas palavras.

—Quero fazer delle um homem, continuou o commendador, e não estou disposto a que o rapaz me saia maricas. Vá buscar seu filho.

— Buscar meu filho! para que?

—Não lhe disse já que para o metter n'um collegio?

—Meu filho não sáe d'aqui, respondeu Magdalena mansamente.

—Não sáe d'aqui? Tinha que ver se eu, que sou seu pae, não podia leval-o para onde quizesse. E pondo-se em pé, Fragoso, vermelho até á raiz do

cabello, dirigia-se para o interior da casa na visivel intenção de usar da sua força.

Magdalena notando aquelle gesto estremeceu, e correndo aterrada caiu de joelhos diante d'elle.

—Meu filho é o unico companheiro, a consolação unica da minha vida, é impossivel que m'o queiram tirar.

—Ora vamos, deixemo-nos de pieguices, respondeu o commendador com voz desabrida.

—É impossivel, não póde haver ninguem com a coragem de me separar d'elle; o que aprende no collegio, podem os mestres ensinar-lhe aqui. Não tem ainda edade; mal saido do berço, que será feito d'elle longe de mim!

—Será um homem, como eu quero que elle seja. Acabemos por uma vez com estes *sentimentalismos* ridiculos, peço-lhe que tenha prudencia, que não abuse do meu genio, e que não queira contrariar a minha vontade.

Depois d'este discurso rapido e terminante, principiou uma scena entre a mãe, que não queria separar-se da porção mais cara da sua vida, e aquelle homem sem alma ou com alma de agiota, que é trinta vezes peior do que não a ter.

A infeliz caiu por fim sem sentidos. O commendador disse para uma das criadas:

— Acuda a sua ama que se não sente boa, em quanto eu vou chamar o medico.

Fragoso aproveitava esse ensejo para pegar do filho, mettel-o dentro da carruagem e conduzil-o aonde tencionava.

Magdalena quando tornou a si achou-se separada da innocente creança.

O accesso da commoção actuara fortemente sobre a sua organisação debil. Accommettida por uma febre violenta, esteve alguns dias em perigo de vida. O marido apenas mandava saber d'ella, e nada mais.

Este sr. commendador Fragoso da Maia era, e ainda é, um grande tratante!

Ella, assim que pôde sair, a sua primeira visita foi para o filho. Com o extremo do affecto maternal parecia-lhe pouca a vida para lh'a dedicar a elle.

O braço da fatalidade estava pendente ainda sobre esta pobre mulher

Um dia vieram dizer-lhe que seu filho passara mal a noite, e que se achava bastante doente.

Correu a vêl-o.

Era uma febre, a que os medicos deram um nome grego, e que o matou em vinte e quatro horas.

Então, quando a derradeiro anhelito partiu dos labios d'aquelle anjo, quando deixou a terra expirando como a flor ao cair da noite, no seu coração de mãe rebentaram todas as amarguras que pode haver no mundo.

Dôr immensa, dôr incomprehensivel para aquelles que a não sentiram, porque:

« Não sabe o que é padecer,
Quem o filhinho que adora
Não viu ainda morrer ! »

VI

Magdalena achava-se só na terra, nem parentes nem amigos. Era a solidão e a noite profunda que a cercavam. Passaram alguns mezes, e de repente começou a apparecer no grande mundo. Fragoso da Maia, por ostentação vaidosa, como já dissemos, proporcionava-lhe todos os meios de se apresentar com luxo na sociedade.

No primeiro baile saudaram todos aquella appa-

rição com grande enthusiasmo. Um cardume de conquistadores affluia á roda d'ella. A mulher que até ali passava indifferente por tudo, agora fazia valer os seus encantos, e servia-se das suas seducções para captivar; havia n'isto um sentimento mau, uma sinistra idéa; era o desejo insaciavel de se vingar de seu marido.

Ter-lhe-hia perdoado e esquecido tudo, se esse homem não lhe houvesse arrebatado o filho, se a infeliz nos desvarios da sua dôr não o julgasse causa da morte d'aquelle innocente.

Nos primeiros tempos, Magdalena alimentou a illusão de alguns parvos, e depois riu-se d'elles. O commendador affligiu-se mediocremente com as leviandades de sua mulher. O commendador não era homem que se incommodasse devéras senão com duas coisas: a primeira é que lhe tocassem na bolsa, a segunda no physico. Ha muita gente assim.

Magdalena perdia até a esperança de se poder vingar.

Um dia, n'um pequena reunião de familia, apresentaram-lhe o sr. N... personagem que acabava de fazer uma viagem pela Europa, e que regressava á terra natal. O sr. N... é um homem muito conhe-

cido em todos os circulos de Lisboa, recebido em todas as casas do alto mundo, e que passa por um dos mais acreditados fabricantes de espirito. Toda a gente o conhece; mas se perguntarem a cada um de per si a sua origem, a sua posição e haveres, é provavel que cada um responda:

« Não sei. Tenho-o encontrado na sociedade, nos cafés, no theatro, tratamo-nos por tu, é homem de muita graça e de muito talento, e dizem que tem um morgado na provincia. O que eu sei é que vive como principe, e que o bello sexo bebe os ares por elle. »

Isto affirmam as pessoas da capital: as das provincias affirmam o mesmo, com a pequena differença de asseverarem que o *morgado* é em Lisboa.

As linguas damnadas dizem que o morgado não existe em parte alguma, e que o sr. N... não passa de um cavalheiro de industria.

Seja como fôr, a verdade é que este homem de presença agradavel, de intelligencia fina e de educação esmerada, foi apresentado a Magdalena n'uma casa aristocrata como sendo um cavalheiro, e ella como tal o aceitou.

N... fez os gastos da conversação com admiravel generosidade e bom gosto, como de ordinario.

Differente dos outros conquistadores, em vez de romper as hostilidades com a mulher do commendador, limitou-se a sustentar o fogo lento com o tacto de um general experimentado.

No dia seguinte tinha indagado as particularidades da vida d'aquella mulher; examinou miudamente o terreno e dispoz-se a dar acção no primeiro ensejo favoravel.

Magdalena sentia-se impellida para esse homem, que parecia adivinhar os seus mais intimos segredos, e cujas palavras tinham uma expressão particular de sentimento e verdade.

O falcão esperou que a pomba viesse cair-lhe nas garras.

D'ahi a dois mezes toda a gente fallava da nova victoria d'este Cesar de casas particulares.

Fragoso da Maia mantinha a sua fleugma habitual.

O *supposto morgado* continuava a representar o seu papel de Lovelace, entrando a passos largos pela bolsa do commendador, isto é, aceitando avultadas quantias de Magdalena. Pobre mulher! Como não

havia de corromper-se aquella alma, se a fatalidade lhe havia deparado tal marido, e tal amante!

Chegára finalmente o momento de se affectar a sensibilade do nosso commendador.

Um dia perguntou a Magdalena por um adereço de brilhantes que lhe havia dado; os brilhantes tinham sido vendidos. Intimou-lhe que lhe apresentasse immediatamente uns cinco contos de réis em inscripções de que lhe havia feito presente no dia do seu casamento; as inscripções tinham sido tambem vendidas.

Fragoso estava roubado: chegava o momento de tomar a serio o seu papel de marido infeliz.

Agarrou da mulher, metteu-a n'uma modesta casinha nos suburbios de Lisboa, estipulando-lhe uma mezada que chegava apenas para o *pão nosso de cada dia.*

O sr. N.... depois d'isto não appareceu mais a Magdalena. O escandalo resfolgou, mas poucas foram as mãos que se negaram a apertar a d'este illustre e honrado *homem do mundo.*

A historia termina aqui? perguntará o leitor. Ainda não, mas quasi.

Haverá seis mezes, n'uma bella manhã de inverno,

o auctor entrava na mesma egreja dos Jeronymos onde havia assistido ao casamento de Magdalena.

O céo estava puro, o sol brilhante. Um suave perfume respirava n'aquella estancia sagrada. Tudo era o mesmo emfim, menos o auctor.

Havia onze annos entrára ali com o espirito povoado de risonhas chimeras; ha seis mezes entrára para se indemnisar, com o balsamo suave da religiãa, dos desenganos e desconsoladora experiencia d'este mundo. O auctor, não lhe pondo embargos algum d'esses carolas de irmandade, que andam por ahi chamando a certa gente *herejes* e *atheus* ao mesmo tempo!!... porque não sabem o que dizem, o auctor é tão sinceramente religioso como qualquer outro. Em lhe tocando por casa os taes amigos, que com os olhos no céo, deitam a unha vulpina aos cobres da bandeja das almas, como já deitaram a garra ao *sacco da beneficencia*, n'outros logares, não lhes responde; atira-lhes para a praça publica com a vida e milagres.

Atravez dos vidros corados das elegantes ogivas penetravam os raios vividos do sol.

As melodias do orgão repercutiam pelas arcadas

do templo, e no altar-mor celebrava-se a missa do dia.

A alma elevava-se aos pés de Deus cheia de confiança; sorria-lhe a absolvição das suas culpas, por que tudo perdôa elle quando a prece é fervorosa e o arrependimento sincero.

Vestida de preto, com um véo caido, uma mulher estava ali absorvida nas suas orações ardentes. A missa terminou, o povo saiu, as melodias cessaram, e ella continuou a ficar de joelhos, com a fronte pendida. Pelo arquejar do peito via-se que as lagrimas a suffocavam.

—Quem será esta mulher, esta Magdalena que roga a Deus com tanto ardor o perdão de suas faltas?

Era Magdalena, a mesma que, havia 11 annos, entrára ali, vestida de branco com a fronte cingida de rosas, castas como o seu coração, perfumadas como a sua alma virtuosa.

Era o anjo que a mão fallaz de um homem arremessara ás miserias da terra!

Quando ia a sair, conheceu o auctor, estendeu-lhe a mão e disse-lhe com um sorriso que tinha tudo da tristeza dos tumulos:

—Não me conhecia, estou tão mudada!

Depois trocaram-se algumas palavras mais, e o auctor despediu-se d'aquella sombra, d'aquelle espectro do que fôra, dizendo interiormente:

—Pobre mulher! *quem te viu e quem te vê!*

FIM

DIGRESSÕES

E

NOVELLAS

POR

BULHÃO PATO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110
1864